

A POESIA DAS ÁGUAS

RETRATOS ESCRITOS DE POÇOS DE CALDAS

A POESIA DAS ÁGUAS

RETRATOS ESCRITOS DE POÇOS DE CALDAS

Hugo PONTES

2004

Copyright © 2004 by *Hugo Pontes*

Endereço do Autor:

Caixa Postal, 922

CEP 37701-970 - Poços de Caldas - MG

E-mail: hugopontes@pocos-net.com.br

Fotos: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

Revisão: do Autor

Capa: *Victor Hugo Manata Pontes*

Gráfica Sulminas: Projeto Gráfico: *Denis Carvalho da Silva*

Impressão Offset

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P858p

Pontes, Hugo, 1945-

A poesia das Águas : retratos escritos de Poços de Caldas
/ Hugo Pontes. – Poços de Caldas, MG : Sulminas, 2004
122p. : il. : 21cm

Inclui bibliografia

ISBN 85-98178-02-0

1. Poços de Caldas (MG) – História – Fontes. 2. Poços de Caldas
(MG) – Vida intelectual. 3. Poços de Caldas (MG) na literatura.
I. Título.

04-0474.

CDD 981.512

CDU 94(815.12)

26.02.04 01.03.04

005633

Dedicatória

Àqueles que nos têm acompanhado há quarenta anos no ofício de escrever.

Este trabalho, fruto de pesquisa, teve sua gênese no curso de Mestrado que iniciei na PUC Campinas. Foi ali, nas aulas sobre Sistema de Informação, que despertei para a elaboração da tese que, por razões acadêmicas várias, professores do curso não se acharam em condições de me orientar. Não concluí o mestrado, mas o curso deu-me a oportunidade de conceber mais este livro, cujo conteúdo integra a história de Poços de Caldas.

Sou grato a todos.



Vista aérea do centro da cidade – 1948

Prefácio

A leitura de “A Poesia das Águas: Retratos Escritos de Poços de Caldas”, de Hugo Pontes nos traz muito prazer, sobretudo o prazer estético, muito raro entre os historiadores contemporâneos com esmero técnico, a beleza formal e a finura de conteúdo.

Começa com o exame das fontes primárias a exemplo de relatos de viajantes do século XVIII, caçadores, autoridades coloniais como o relato do governador da Capitania de Minas Gerais, Luiz da Cunha Menezes ao ministro português Martinho de Melo e Castro, sucessor de Pombal, em 1786, no qual comunica a existência de um *olho de água* com poder de curar. A partir daí, embora sejam numerosas as sete fontes citadas, Pontes não nos aborrece com excessos e redundâncias. Acontece que, passado um século do relato de Cunha Menezes, ainda faltava muito para tornar o local um grande balneário. Somente em 1872 o governo provincial mineiro determinou a desapropriação da área, colocando em concorrência a exploração das águas termo-sufurosas. Ao completar exatamente um século de ocorrência do texto endereçado a Cunha Menezes, em 1886 foi inaugurado o Balneário Pedro Botelho, no povoado. Cada relato parecia expressar um aspecto diferente de Poços de Caldas: vai o século XVIII, declina o século XIX, vem o século XX testemunhados por viajantes, estudiosos de saúde, geologia, climatologia e outros que esmiuçam tudo e divulgam as propriedades do ar e das águas de Poços de Caldas.

A novidade no trabalho de Pontes é como ele mesmo explica, ao reforçar e tornar eficaz a narrativa histórica com a inserção de textos literários. A novidade aguça o interesse do leitor e torna o texto agradável, rico em conhecimento. Portanto, o autor se inscreve em uma tendência moderna e atual de fazer, sem medo, o uso da Literatura e quebra uma velha tradição positivista no Brasil.

O Positivismo, com sua ampla influência, engessou a narrativa histórica, buscando uma terminologia específica e oficial.

A propósito, o debate entre Hayden White e Dominick La Capra sobre História, Literatura, linguagem e crítica literária libertou o historiador que passou a considerar o valor da Literatura em sua predisposição para explorar a dinâmica da linguagem. Outro fator que o referido debate proporcionou foi o da flexibilidade no uso dos tropos. O documento histórico não é determinado e acabado, redundando em chaves e códigos de leitura. Dessa forma o documento histórico é criação identificando-se com a Literatura. Hayden White conclui que seria o caso de dizer que os textos dos historiadores são maleáveis e sujeitos a criação tanto quanto o produto literário, constituído por testemunhos, relatos e depoimentos de vida, da qual o escritor retira a seiva de sua escritura. A Literatura também é trabalho sobre documento e a obra de arte corre em sintonia com os momentos históricos.

Falando de um momento em que Poços de Caldas ainda era uma pequenina cidade, bucólica e recatada, em que todos os habitantes se conheciam, Pontes traz o depoimento do paulista Armando Prado em sua novela “Sem Rei nem Roque” (1925), na qual os tropos utilizados pelo escritor revelam a graça da cidade.

“Pés de fumo floresciam gordurentos nos telhados. Eu percebia a mentira. Severino ia para a Santa Casa... Diante da surpresa de Lúcia, Dona Mathilde explicou: — *Santa Casa aqui é onde se hospedam as moças da pândega [...]* A luz da tarde fugia empalidecendo docemente, vagarosamente.[...]”

João do Rio, no romance “A correspondência de uma Estação de Cura” (1917) vale-se de uma linguagem cheia de metáforas para expressar com realismo o ambiente extravagante proporcionado pela clientela burguesa que freqüentava os cassinos, os hotéis e as casas de espetáculos da cidade. Merece epígrafe pela beleza do tropo e pela veracidade do fato, o trecho seguinte:

“Duas horas depois de chegar comecei a ouvir o rumor das fichas, compassadas pelos sons roucos dos ancinhos nos panos verdes. Era no hotel. (...) Saí. E o som das fichas continuou a seguir-me. As vezes vem de cima e parece um regato saltando nas pedras de uma cascata [...]” .

Cada escritor selecionado por Pontes relata o que vê, ouve e sente no contato real com Poços de Caldas, mas o autor sabe colocá-los de modo que as metáforas redundem em ilustrações e não em afirmações categóricas. As metáforas dos poetas e prosadores são como

iluminuras e revertem-se em esclarecimento, como Felinto de Almeida descrevendo o ar da cidade.

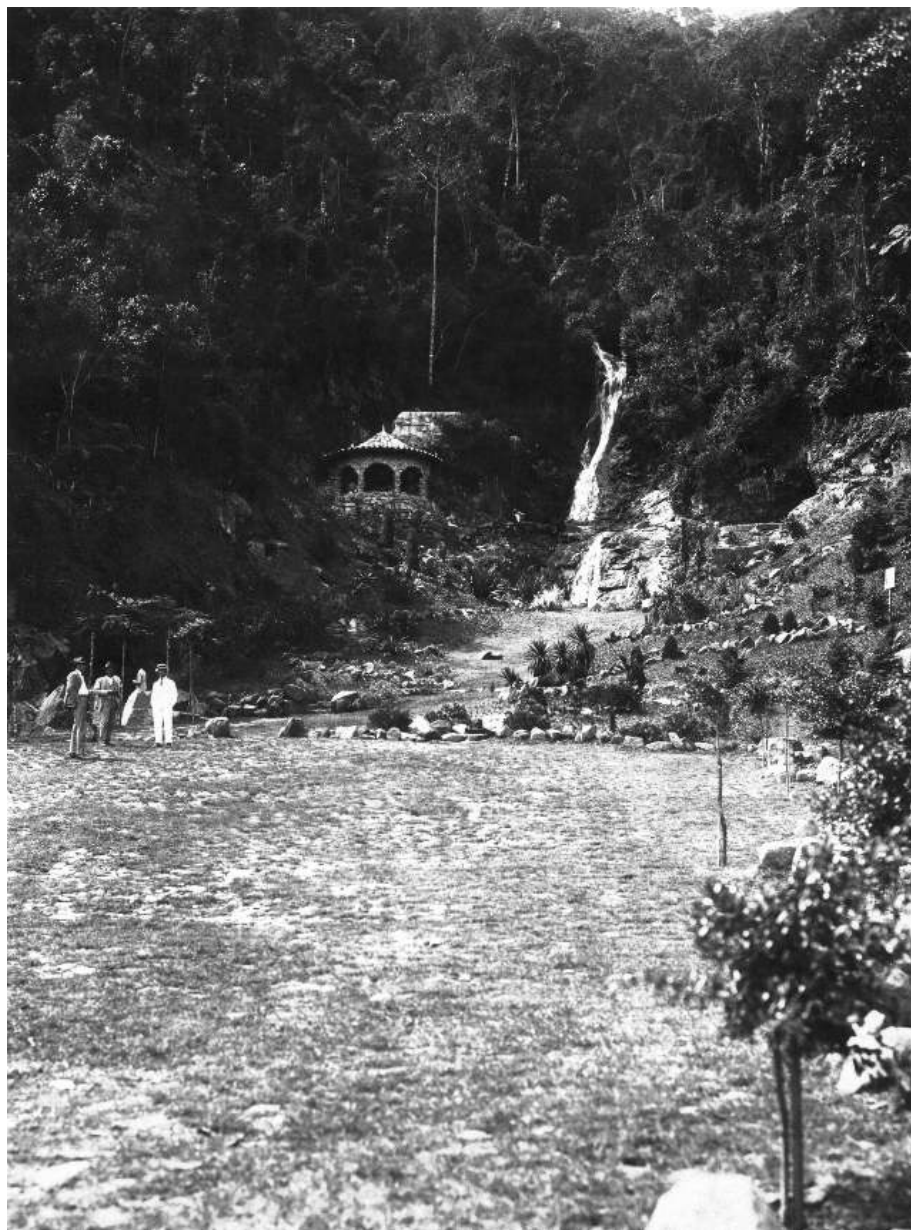
“... do ar leve e fino que entra nos pulmões como bálsamo sutil que lhes dá trabalho, antes os lava e fortifica e até muitas vezes os cura se os encontra enfermo e combalido”.

Por tudo isso e por muito mais, baseado em centenas de outros livros de meu conhecimento, posso dizer sem perigo de errar: “A Poesia das Águas: Retratos Escritos de Poços de Caldas”, de Hugo Pontes, é o mais moderno e o mais belo livro da historiografia municipalista de Minas Gerais e quiçá do Brasil. Por certo os leitores, brevemente, confirmarão ao autor estas modestas e sinceras afirmações.

Belo Horizonte, 8 de novembro de 2003.

Antônio de Paiva Moura

Mestre em História e Professor da UNI-BH



Fonte dos Amores: inspiração para Alberto de Oliveira – 1934

Comentário de Luís Nassif

Poços de Caldas não foi apenas a cidade cujas águas, no início do século XX, espalharam fama de cura pelo Brasil; nem foram os cassinos que, principalmente, depois da inauguração do complexo do Pálace, atraíram os melhores artistas nacionais e internacionais para a estância. Nem tampouco foram os Tenentes vitoriosos de 1930 que, tendo como batedor Juarez Távora, ajudaram a arrastar para a cidade o mundo político e empresarial dos anos 30.

Por um período que vai do início do século aos anos de 1950, Poços foi um estado de espírito, um microcosmo onde se reuniam intelectuais, artistas, nobres, burgueses endinheirados e políticos, tendo como elemento central de atração a heterogeneidade que a cidade propiciava.

Basta levantar a história dos “almofadinhas”, o grupo de guapos rapazes que se vestiam de acordo com a última moda, recitavam Eça de Queiroz e alegravam as banhistas solitárias, enquanto seus maridos só pensavam em ganhar dinheiro.

Como me disse certa vez Aluizio Salles, um gentil-homem que brilhou na sociedade carioca dos anos de 1940 e 50, Poços era a cidade mais glamourosa do país e lugar onde as pessoas iam para namorar, ouvir poesias; namorar, jogar, namorar; tomar banhos sulfurosos e namorar.

A história registra que a tradição intelectual de Poços deveu-se a duas figuras fundamentais: o médico Pedro Sanches de Lemos e o rábula e ex-prefeito Francisco Escobar, dois dos mais inteligentes brasileiros de seu tempo.

Primeiro, os “banhistas” chegavam atraídos pela fama das águas e pelo jogo. Aqui encontravam um ambiente excepcional, o contato com a prosa de Pedro Sanches e de Escobar que, além de intelectual refinadíssimo, era considerado o melhor pianista de Minas Gerais.

Chegaram os primeiros intelectuais, espalharam a fama de Poços; vieram outros intelectuais e criou-se a lenda, cantada em prosa e verso por cronistas e poetas. E é esse inventário literário que Hugo Pontes levanta, com a acuidade de sempre, neste livro “A Poesia das Águas: Retratos Escritos de Poços de Caldas” .

Considero que o que separa os historiadores dos inventariantes é a capacidade de desvelar os vários ângulos que marcam uma época. Hugo tem levantado a história de poetas locais, da vida artística, cultural e esportiva da cidade no período e, agora, um dos pontos centrais da criação da fama de Poços: a divulgação feita pelos intelectuais que a visitaram.

Jornalista da Folha de São Paulo.
Autor do livro “O Menino do São Benedito e Outras Crônicas” .

Índice

Cronologia das Águas Termais em Poços de Caldas	15
Considerações Iniciais	17
Introdução	21
Poços de Caldas, uma Imagem em Construção	35
<i>Auguste Saint-Hilaire</i>	36
<i>Dom Manuel de Portugal e Castro</i>	38
Texto sobre a Posse da Sesmaria	39
<i>Águas Minerais</i>	40
<i>Manoel da Silveira Rodrigues</i>	41
<i>Fortunato Raphael Nogueira Penido</i>	44
<i>Bernardo Saturnino da Veiga</i>	48
<i>Joaquim José da Silva</i>	50
<i>Manoel Joaquim Fernandes Eiras</i>	51
Bases Materiais da Expansão Turística da Cidade	55
<i>A fase Escobar</i>	56
<i>A Companhia Melhoramentos de Poços e Caldas</i>	58
<i>A fase Antônio Carlos de Andrada</i>	60
A Literatura – Uma Explicação Necessária	63
<i>A Poesia</i>	65
<i>A Prosa</i>	65
<i>O Conto</i>	66
<i>A Novela</i>	66
<i>O Romance</i>	67

Poços de Caldas na Literatura Brasileira: Autores e Textos	69
<i>Olavo Bilac</i>	70
<i>Coelho Netto</i>	75
<i>Evaristo Gurgel</i>	80
<i>Leopoldo Amaral</i>	82
<i>João do Rio</i>	88
<i>Felinto de Almeida</i>	91
<i>Carlos da Maia</i>	92
<i>Mário Rodrigues</i>	95
<i>Armando Prado</i>	99
<i>Artur Azevedo</i>	102
<i>Alberto de Oliveira</i>	103
<i>Belmiro Braga</i>	105
<i>Menotti Del Picchia</i>	105
<i>José Lins do Rego</i>	107
<i>João Guimarães Rosa</i>	110
Conclusão	113
Índice Onomástico	115
Bibliografia	121

Cronologia das Águas Termais em Poços de Caldas

1786

Luiz da Cunha Menezes relata sobre a existência das *águas quentes* e seus poderes de cura.

1816

Auguste Saint-Hilaire dá notícias sobre as *Águas Minerais do Rio Pardo*.

1820

Joaquim Bernardes da Costa Junqueira requer a Sesmaria na qual estavam localizadas as *águas quentes*.

1858

Fortunato Raphael Nogueira Penido, médico, faz um relato sobre a sua recuperação de uma paralisia, através dos banhos nos poços de *águas quentes*.

1886

Dom Pedro II inaugura o primeiro balneário de *águas termais*, denominado "Pedro Botelho".

1896

Publicada, na Revista do Arquivo Público Mineiro, a monografia do médico Pedro Sanches de Lemos, com a história da formação da vila de Poços de Caldas e um estudo sobre as *águas termais* e seu poder curativo.

1904

Criada pelo governo do Estado, em ato do presidente Francisco Antônio de Salles, a prefeitura do distrito de *águas minerais* de Poços de Caldas.

1908

Nomeado prefeito, pelo presidente de Minas, Venceslau Brás, Francisco Escobar — com a ajuda de José João Piffer — empreende uma série de remodelações que projetam Poços de Caldas e suas *águas termais* para além fronteiras.

1926

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, presidente do Estado, percebendo a importância das *águas termais* para a economia da cidade e do Estado, contempla o município com um projeto de reformulação arquitetônica moderna e melhorias estruturais urbanas.

1936

O prefeito Francisco de Assis Figueiredo desenvolve intensa propaganda da estância e suas *águas termais* curativas.

1946

O presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, recém-eleito, assina decreto proibindo o jogo de azar em todo o Brasil. Com isso Poços de Caldas sai em busca de outras alternativas econômicas para a sobrevivência da cidade. Entretanto, as *águas termais* continuaram tendo importância primordial.

Considerações Iniciais

No decorrer dos anos de pesquisas sobre a história de Poços de Caldas, tomei conhecimento da sua interessante formação como cidade. Com isso deparei-me com aspectos de rara importância e significado desse processo da formação urbana. Verifiquei que isso deveu-se principalmente à água, aos aspectos naturais e a outros fatores os quais vou destacar.

Este livro tem por objetivo trazer um conjunto de textos, pesquisados, ao mesmo tempo histórico e literário, abordando as informações oficiais acerca da formação da cidade em torno das fontes de águas termais, que inspiraram a busca da cura natural, consideradas as condições limitadas da farmacologia e da medicina do período colonial brasileiro. E, por outro lado, a elaboração de textos literários interpretados, como fonte informativa, que divulgaram Poços de Caldas no período de 1786 a 1946, propiciando formar uma importante cidade de cura e repouso do interior de Minas Gerais. Por essa perspectiva, um aspecto de fundamental importância foi recuperar dados históricos e literários compreendidos entre os anos de 1786 — com o relato escrito de Luiz da Cunha Menezes; 1886 — marco da construção do primeiro balneário, inaugurado por Dom Pedro II; 1936, dentro do período em que se consolidou a remodelação da cidade com o grande investimento do Estado e 1946, quando o jogo foi proibido no Brasil pelo presidente Eurico Gaspar Dutra.

É importante salientar que naquela época não existiam veículos de divulgação eficientes para colocar as águas em evidência e fazer a localidade conhecida, uma vez que não havia jornais de ampla circulação ou qualquer outro meio de publicidade.

O único veículo de difusão, de mais longo alcance, era a Rádio Cultura, fundada no ano de 1933, mas inaugurada oficialmente em 5 de março de 1936.

Reuni um conjunto de informações, que vai proporcionar ao leitor condições de análise de como Poços de Caldas se tornou nacionalmente conhecida como estância balneária.

Serão abordados aspectos sobre os primórdios do povoamento da região e, a partir daí, focalizei o surgimento da freguesia, vila e cidade de Poços de Caldas, respectivamente, no período que compreende o início da exploração econômica das águas termo-sulfurosas.

Essa descrição deverá constituir-se pano-de-fundo para a compreensão de como se dá a passagem dos registros oficiais acerca das águas termais, utilizadas unicamente para fins curativos, para a transformação da estância em centro de turismo.

Os questionamentos suscitados, foram colocados da seguinte forma:

Como e a partir de quando se tornaram conhecidas as fontes de águas termais na região onde hoje se localiza o município de Poços de Caldas?

Como se dava, nessa época, a divulgação acerca da existência das águas sulfurosas e qual o interesse no seu uso?

A partir de que momento e como se processaram as transformações que definiram Poços de Caldas como Estância Turística?

Quais os meios e as formas utilizadas para divulgação e propaganda da Estância num período em que não havia recursos de mídia como os atuais?

Tiveram algum papel, enquanto veículos de comunicação, os textos literários de autores de renome na Literatura Brasileira que, em seus contos, novelas e romances, tiveram como cenário a Estância de Poços de Caldas visitada por eles?

Fica claro que é necessário fazer, neste início, uma conceituação sobre Turismo, a fim de colocar Poços de Caldas no contexto histórico dessa atividade, que hoje é focalizada com ênfase dentro no quadro sócio-econômico mundial.

A palavra — turismo tem seu primeiro registro no *Pequeno Dicionário Inglês Oxford*, com a seguinte definição: “*Turismo é a teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer*”. A raiz *tour* aparece registrada em 1760, também na Inglaterra. Ao buscarmos a etimologia da palavra vamos encontrar sua raiz primitiva no Latim — conforme regis-

tra o *Dicionário Latino-Português*, de Ernesto Faria, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1975 — exatamente na palavra *Torno*, verbo transitivo, com sentidos próprio e figurado de tornear, lavar e arredondar. Sendo que em arredondar, idéia de girar no torno para lavar e circular a madeira, é que a levou ao *turn*, britânico; e ao *tour*, francês.

O primeiro emprego desse vocábulo, com o significado de viagem deu-se na obra de Henry Swiburna, citado por Moesch, *Picturesque Tour Spain*, livro publicado em Londres no ano de 1810. No Brasil, a palavra chega-nos através do idioma francês, predominante como língua estrangeira nas escolas, desde o século XIX.

Em Poços de Caldas, nas pesquisas realizadas, encontramos a palavra *touriste*, em francês, registrada pela primeira vez no jornal *Revista de Poços*, de 22 de maio de 1904, editado por José Augusto de Paiva Teixeira, em cuja página seis há um poema, de autoria de um personagem que assina sob o pseudônimo Touriste:

O RANCHO

O danado está de pé,
Afrontando aquela praça!
Assombrando a quem o vê,
O danado está de pé!
Já me vai faltando a fé,
De ruir essa carcaça...
O danado está de pé,
Afrontando aquela praça!

A crítica, contida nos versos, é a um barracão de madeira construído para servir como local de quermesse, no meio da praça Senador Godoy, hoje Praça Pedro Sanches, a principal da cidade. Depois o barracão tornou-se metáfora para que o redator e outros colaboradores do jornal pudessem fazer suas críticas ferinas à condição da vila, dos políticos e daqueles que viviam da usura, da exploração do trabalho e das mazelas sociais da época, conforme pudemos relatar no livro *O Barracão da Discórdia: Uma história de humor político em terras caldenses*. (PONTES, 2001).

Outra publicação, o jornal Vida Social, em 21 de fevereiro de 1926, traz a palavra *touristas*, em artigo com o título "Poços de Caldas sob o domínio da União", sugerindo que Poços e Águas da Prata fossem administradas pelo governo da União.

"Os jornais dão notícia de que o ilustre candidato oficial da futura presidência da República (dr. Washington Luiz) tem idéia de, mediante dispositivo constitucional adequado a ser apresentado na próxima reforma, fazer passar Poços de Caldas e Prata para o domínio federal, a fim de transformá-las em estâncias de cura capazes de honrar o nome do país, mesmo perante turistas (sic) estrangeiros."

A palavra *turismo*, grafada, vai aparecer em Poços de Caldas, em março de 1927, no jornal Vida Social, em artigo de Perillo Gomes, sob o título "As distinções do Turismo", no parágrafo em que o autor diz:

"O turismo dos próprios habitantes do país no território nacional avulta de importância, ainda maior, porque põe o brasileiro do sul em contato com o do norte; o do sertão com o do litoral, fazendo assim com que nos conheçamos e nos amemos melhor, apertando os laços da nossa nacionalidade."

Modernamente, turismo ganhou outros foros de definição, porque envolve múltiplos aspectos. Assim é que Fuster procura conceituar da seguinte forma: "*Turismo é, de um lado, o conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens*". (MOESCH, 2000:11)

Entretanto, a conceituação aceita internacionalmente é a da Organização Mundial do Turismo: "*É a soma de relações e de serviços resultantes de uma mudança temporária e voluntária de residência, motivada por razões alheias a negócios ou profissionais.*"

Mas um conceito emitido por Óscar De La Torre parece-nos mais completo e mais próximo aos propósitos do que pretendo desenvolver, pois ele é abrangente e faz referência a dois dos enfoques que marcam o nosso trabalho, qual seja, a questão da cura e a do repouso.

"O turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura e saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural." (MOESCH, 2000:12)

Introdução

“Já as Minas Gerais estavam exploradas e povoadas, quando alguns caçadores portugueses vieram achar no meio do sertão as nascentes fumegantes. As antas esquivas corriam a dessedentar-se nas barreiras da mata; os caçadores voavam atrás delas; — e alguns deles, um dia, pasmaram, vendo que um dos bebedouros dos animais do sertão era uma toalha d'água fervente, de cuja face redomoinhante subiam línguas de fogo.”

Olavo Bilac

Iniciei pela busca de como foi possível saber-se da existência das águas termais pelo governo, da então Província de Minas Gerais, no tempo do Brasil colônia.

Os registros históricos existentes falam das águas termais e seus poderes curativos para várias moléstias, sobretudo a lepra, que era comum no continente americano à época.

A memória popular traz as histórias populares, baseadas em fatos reais que se tornam a parte principal de uma realidade histórica. Assim não há comprovação, mas faz parte da literatura oral, o fato contado que:

Em meados do século XVIII, um grupo de caçadores lusos, apaixonados pela caça, perseguiam, afoitos, animais, como antas e veados, no então agreste e desabitado sertão desta parte do sul de Minas, depararam-se com um profundo e bellissimo vale, circundado por altas montanhas e coberto por densa mata milenar, com vários poços no meio de extenso barreiro, vertendo cristalino líquido de estranho odor a enxofre e elevada temperatura. Esses caçadores, provavelmente conhecendo de “visu” as famosas Termas de Caldas da Rainha, em Portugal, deram às nascentes que acabavam de descobrir a denominação de “CALDAS”, certamente por constatarem pronunciada analogia com aquelas congêneres, sendo esta designação mais tarde modifica-

da para “POÇOS DE CALDAS”, para diferenciá-la de sua homônima, a vizinha cidade de Caldas.” (Guia do Sul de Minas, de José Matzner, 1944:277)

Entre outros registros há menção à lenda do diabo que morava nestas terras, sob o argumento de terem sido vistas “... *chamas a sair do solo, a lamber e queimar os matos adjacentes a elas, e a 'cheirar terrivelmente a enxofre'*”.

Valoroso é o relato que faz Luiz da Cunha Menezes ao ministro português Martinho de Melo Castro sobre as “... *riquezas físicas e naturais da colônia...*” em correspondência oficial datada de 6 de setembro de 1786. Junta a seu ofício cópia de outro, datado de três meses antes, em que um dos comandantes do destacamento de Sant'Anna do Sapucaí, menciona a existência de “... *um olho de água — Caldas legítimas, com poder de curar... tudo o que são feridas gálicas e gálicos*”.¹

Três décadas após o registro feito por Cunha Menezes, Joaquim Bernardes da Costa Junqueira requereu legalmente, no ano de 1815, e conseguiu junto ao governo da Capitania, sesmaria na zona conhecida como “Barreiro”. Isso se deu porque seu pai, Joaquim Bernardes da Costa pôde avaliar as propriedades curativas das águas nos banhos termais, pois delas fazia uso há tempos.

No dizer de Horácio de Carvalho, jornalista — Diretor e redator do Diário Oficial do Estado de São Paulo — a zona do “Barreiro” foi a “... *célula demótica do município de Poços.*”

Mesmo após a concessão da posse da Sesmaria do “Barreiro”, há registros mostrando que as águas continuaram a ser utilizadas livremente, por quantos delas tomavam ciência, principalmente por ouvirem dizer, na busca da cura para seus males.

Data de 20 de julho de 1818, o documento do governador da província de Minas Gerais, D. Manuel de Portugal e Castro, que registra “Sobre a Deliberação de transportar-se o governador a Caldas por motivo de saúde”.

¹ Esse documento é reproduzido por Pedro Sanches de Lemos em seu livro As Águas Termais de Poços de Caldas, publicado em 1904, assim como em artigo de Horácio de Carvalho, publicado na Revista “Vita”, de Belo Horizonte, em 15 de dezembro de 1913.

“Não tendo podido obter completo restabelecimento de minha saúde, mas antes havendo há tempos sofrido um grave aumento com meus incômodos, e já desenganado que nenhum outro recurso posso ter do que os banhos nas águas de Caldas...”

O naturalista francês, Auguste Saint-Hilaire, que percorreu o Brasil de 1816 a 1822, dá notícias da existência das águas minerais *“... muito apreciadas pelos animais, principalmente pelo gado bovino que as bebe com prazer, pois elas lhes fornece o sal que tanto necessitam.”* Fala também das virtudes curativas das águas sulfurosas, úteis no tratamento de doenças cutâneas.

Importante, também, o texto do auto de posse da Sesmaria requerida por Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, datado de 13 de novembro de 1820.

Ofício de 24 de janeiro de 1827, dirigido ao Visconde de Caeté, presidente da Província de Minas Gerais, integrantes da *“... Veriança [...] da Vila da Campanha da Princesa”*, documentam a existência de uma correspondência, datada de 15 de abril de 1825, que dá ciência que as autoridades da Colônia tratavam de assuntos referentes ao *“mandado publicar e afixar Editais nesta Vila e Arraial de Caldas para convidar Licitantes e arrematação das referidas obras dos Banhos de Caldas...”* dadas às necessidades dos doentes. Sugerem que desapropriem terras à volta das fontes e se construam casas para alugar aos doentes (que podemos interpretar como a gênese dos futuros hotéis e pensões), além de Ermida para a celebração de missas; indicam que o acesso por atalhos pela Estrada Geral — através da qual escoavam, no século XIX, os produtos da região como o café e a carne, para o Rio de Janeiro e vale do Paraíba — poderia ser a origem de um novo Arraial.

Outro relato, publicado em 1858, é do médico Fortunato Raphael Nogueira Penido que assim fala de seus motivos para uma longa viagem do Rio de Janeiro até os poços: *“O fim que me determinou a dirigir aos poços foi para ver se com o uso das águas atalhava os progressos da paralisia e da oftalmia...”* (p. 3)

Até o ano de 1870 não há registro, aos quais tenhamos tido acesso, além dos acima mencionados, acerca da utilização das águas. Porém, houve um aumento significativo de pessoas na busca do tratamento pelas águas, pois no ano de 1871 o senhor Agostinho José da Costa Junqueira, filho de Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, e um

grupo de moradores da vila solicitaram o privilégio da exploração das águas com fins comerciais ao governo da província de Minas Gerais. Esse pedido foi indeferido sob a justificativa de que somente o governo geral do Império é que tinha competência para expedir tal autorização.

No ano seguinte, portanto em 1872, o presidente da província de Minas Gerais, Joaquim Floriano de Godoy, decidiu dar impulso aos melhoramentos que a localidade exigia e assinou um decreto de desapropriação das terras junto às águas termais, na extensão de uma sesmaria, medida por quilômetro. Encarregou o doutor Luiz Pereira Barreto, de São Paulo, para vir a Poços, a fim de analisar a situação e orientar o que deveria ser feito. O doutor Pereira Barreto apresentou seus estudos sobre as águas termais de Caldas, recomendando ao governo as providências necessárias. De posse dos estudos, o presidente Godoy abre concorrência para a exploração das águas termais. Venceu o médico José Caetano dos Santos que constituiu a companhia "Termas D. Pedro II", cujo desenvolvimento não foi avante por falta de sócios interessados em adquirir ações.

Em 1881, nova concorrência se fez e a concessão foi dada aos médicos Carlos Pereira de Sá Fortes, José da Carvalho Tolentino e ao comerciante Anselmo Fernando de Almeida que levaram à frente o empreendimento.

No ano de 1884 foi inaugurado o Hotel da Empresa. Em 1886 começam a ser exploradas as águas termais com a inauguração, em 8 de abril, do balneário "Pedro Botelho".

Em 22 de outubro de 1886, data histórica para a vila, chegaram a Poços de Caldas o imperador D. Pedro II; sua esposa, a imperatriz Tereza Cristina e comitiva, para inaugurar o ramal ferroviário da Estrada de Ferro Mojiana e as instalações da "Empresa": Hotel e Balneário.²

Em 1891 o médico Pedro Sanches de Lemos elaborou uma monografia que, atualizada na série Corografia Mineira, foi publicada na

² Será este o marco inicial e a data de referência para a nossa pesquisa e análises a respeito da divulgação e da propaganda institucional de Poços de Caldas como estância turística.

Revista do Arquivo Público Mineiro, fascículo 2, ano de 1896, em Ouro Preto — então capital da Província.

Pela descrição detalhada, feita por esse médico que vivenciou o nascimento da freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas; sua transformação em vila e depois cidade de Poços de Caldas, além da sua grande contribuição para o desenvolvimento local, e para registro de sua memória histórica, podemos perceber, por seus escritos, que a cidade sempre teve uma vocação turística, pois a sua construção foi direcionada para se tornar uma terra a ser visitada com a finalidade de se promover e se proceder a cura e o descanso.

Vejamos o que diz Sanches, sobre a localidade que ainda era distrito de Caldas:

“A vila está assentada sobre um largo vale formando uma área de terreno perfeitamente plano, circulado por uma linha de morros, em geral apenas cobertos de relva, entre os quais se nota uma colina pedregosa, completamente despida de qualquer vegetação, de cujo cimo se divisam para todos os lados magníficos panoramas. Do lado oposto existe uma serra mais elevada, Serra dos Poços, em cuja base se vê uma bela mata.

A Serra dos Poços é um galho da Serra do Caracol, e esta pertence ao sistema Orográfico da Mantiqueira.” (MG, 1896:198)

O autor continua falando da ligação de Poços de Caldas às cidades da então Província de São Paulo por estrada de ferro, meio de transporte de extrema importância para a época, e da expansão e crescimento do lugar.

“O progresso de Poços de Caldas, que se pode datar de 22 de outubro de 1886, porque naquele dia se inaugurou o Ramal de Caldas, pertencente à Linha Mojiana, com a assistência dos Soberanos do Brasil, naquela época, tem sido extraordinário e, podemos dizê-lo, em inteira contraposição com o que se nota nas outras povoações do sul de Minas.

Querem uma prova?

Há cinco anos, fornecendo dados ao hoje ilustre diretor do Arquivo Público Mineiro, para a patriótica obra de confecção da Corografia Mineira, deu como existente nesta vila, 282 casas e 50 em construção; 20 ruas e uma praça — a Praça do Senador Godoy.

Pois bem, neste curto espaço de tempo tudo mudou: temos hoje em Poços 541 casas construídas, 53 quase construídas e 93 em começo de construção; três praças: a Praça do Senador Godoy, a Praça da Independência, e a Praça da Colúmbia — ao passo que as ruas são hoje (27 de junho de 1896) 28.” (MG, 1896:199)

Prossigue, registrando as condições diferenciadas do restante das povoações interioranas do Brasil ao final do século XIX:

“ Não será este progresso verdadeiramente americano?

E note-se: entre as casas construídas de Poços há vivendas de primeira ordem, com água, esgoto de águas servidas e materiais fe- cais, banheiras, chuveiros e latrinas moderníssimas. (MG, 1896:199)

O leitor há de notar a referência enfática quanto às condições da rede hoteleira que, naquela época, se apresentava apta a receber os visitantes.

Pode-se dizer que não há casa nova construída em Poços que não tenha esses melhoramentos, que se notam em quase todos os hotéis da localidade. Há mais: é raro encontrar-se em Poços uma casa que não tenha água dentro, e como a água aqui é abundante, água da Serra e hatita (sic) pelo ar, dentro de pouco tempo não teremos na povoação uma habitação que não seja perfeitamente saneada, mormente por- que a Câmara Municipal trata com sério empenho em estabelecer quanto antes uma rede de esgoto para toda a vila, a qual será seguida em outras medidas de saneamento geral; destes trabalhos está encar- regado o hábil engenheiro dr. Alexandre Brodowsky. (MG, 1896:200)

No final do parágrafo, Pedro Sanches registra a clarividência dos governantes da época em relação à infra-estrutura indispensável a uma cidade que se projetava para um futuro promissor.

“Situado na zona do campo, o distrito de Poços, como de razão, tem ao demais belas matas, que são aproveitadas para o cultivo de cereais e o plantio do café, o qual vai sendo feito em larga escala [...] As matas do distrito fornecem estimadas madeiras: o pinho, o óleo vermelho, o óleo pardo, o pau-brasil, a peroba, a pereira, o ipê, o jacarandá, a canjerana, a massaranduva (sic), o dedal, o sassafráz (sic), o cedro e a amoreira que são empregadas na construção das casas e no fabrico de mobília pelos marceneiros e construtores alemães e italianos, que abundam em Poços de Caldas.” (MG, 1896:204)

Grande observador, Sanches não deixa de reconhecer a importante influência da província de São Paulo no desenvolvimento local.

“Como quer que seja, vamos em progresso, por amor ao influxo sugestivo de S. Paulo.” (MG, 1896:205)

Com muita propriedade, o autor registra a riqueza da flora e da agricultura e a contribuição dos imigrantes na vida social e econômica de Poços de Caldas, naquele final do século XIX.

“Basta dizer que há aqui uma chácara modelo, pertencente a alemães (Das Kleine Laudgut de Carlos Maywald e Comp.a), a qual se recomenda a atenção dos visitantes pela sua grande área e importantes trabalhos, referentes ao plantio da videira, das batatas e das hortaliças, assim como pelos serviços de apicultura.” (MG, 1896:205)

Pedro Sanches, por causa desse avanço e crescimento sem similar para a época, emite a seguinte opinião: *Tudo leva a crer que dentro de pouco tempo esta estância balneária será dotada de importantíssimos melhoramentos, reclamados pela ciência e pela nossa adiantada civilização.* (MG, 1896:207)

Ao mesmo tempo em que acredita no desenvolvimento científico local, o escritor volta os olhos para a observação do presente e comenta:

O grande negócio de Poços de Caldas é a exploração de hotel e casas para alugar aos banhistas. Assim, temos aqui, atualmente quinze hotéis: Hotel da Empresa, Hotel do Globo, Grande Hotel do Sul, Hotel Solferini, Hotel Central, Hotel São Paulo e Rio, Hotel da Estrela, Hotel da Aurora, Restaurante da Itália, Restaurante Garibaldi, Hotel do Emygídio, Hotel dos Banhistas, Cassino, Restaurante de Roma e Hotel dos Macacos; outros, porém, estão em construção. O número de casas para alugar é assaz aviltado. (MG, 1896:207)

Conclui, com uma certa dose de pesar, como um grande humanista que foi, que as atitudes materialistas ainda predominavam sobre às questões do espírito, uma vez que a sociedade da vila passava por um processo de desenvolvimento. Muita coisa estava para ser organizada. Buscava-se a urbanização ideal.

Isso, porque, no dizer de Jeremy Rifkin em seu livro *A Era do Acesso*:

O século XX foi o século da urbanização. Vilas cresceram, transformando-se em cidades, e cidades pequenas se tornaram metrópoles,

aumentando intensamente a interação humana pela primeira vez na história. A ferrovia, o navio a vapor, o automóvel, o avião, o telégrafo, o telefone, e mais tarde o rádio e a televisão, comprimiram mais o tempo e o espaço. Cem anos antes, o círculo de conhecidos nunca excederia mais de várias centenas de pessoas em uma vida inteira; já no século XX pode-se encontrar esse número de pessoas em menos de uma semana.” (RIFKIN, 2001:165)

O registro, na Revista do Arquivo Público Mineiro, no final do século XIX, traz com muita propriedade, a opinião de Pedro Sanches de Lemos:

“Como se vê, em que pese o nosso progresso, em Poços de Caldas está quase tudo por fazer...” Não obstante a nossa falta de estética e de higiene, vamos vivendo menos mal, porque este clima, que é excelente, tem uma atmosfera rica de oxigênio, o qual vai queimando os detritos orgânicos acumulados na superfície do solo; mas dia virá, por amor do aumento da nossa população, que o gás vivificante não bastará mais e tremendas epidemias de febre tifóide farão aqui a sua aparição, se não tratarmos de sanear já e já esta vila. E este estado de coisas não pode continuar.

Poços de Caldas é uma estância balneária de primeira ordem, freqüentada anualmente por mais de 2000 pessoas e aqui têm vindo parar tudo que a pátria possui de mais notável na política, na ciência, na literatura, na arte, na indústria, no comércio e na agricultura.

É pois necessário que a nossa terra seja digna de nós e digna daqueles que a visitam anualmente, e ela não o será enquanto não tiver higiene, isto é, asseio, porque a limpeza é a própria civilização; o asseio é a ordem, o método, a economia, a beleza, a saúde, a moralidade e os bons costumes.” (MG, 1896: 208)

A partir do que se conhece, a exploração comercial das águas passou por mãos diversas. E, por isso, inúmeros melhoramentos foram surgindo.

Em 1898 foi construída uma usina de geração de energia elétrica, na cachoeira do Rio das Antas, que proporcionou a iluminação do povoado naquele mesmo ano.

Em 1904 — num salto político importante — o Senado Mineiro aprova o projeto de número 218, criando as prefeituras dos distritos de águas minerais de Poços de Caldas e Caxambu.

No dia 18 de janeiro de 1905 toma posse o primeiro prefeito de Poços de Caldas, o doutor Juscelino Barbosa, nomeado pelo presidente do Estado, Francisco Antônio de Salles. Era um novo tempo.

Juscelino Barbosa ficou no cargo durante três anos — 1905 a 1907. Nesse período pôde realizar vários melhoramentos na vila, mas não teve os olhos voltados para o desenvolvimento urbano. Trabalhou para implantar os serviços sob a responsabilidade da prefeitura e procurou elevar o orçamento local.

Para se ter uma idéia através dos números, contidos no livro de Receitas da Prefeitura Municipal, a arrecadação, no mês de janeiro de 1905, era proveniente de:

1 — Imposto arrecadado no Matadouro Municipal	1\$090,060 Réis
2 — Imposto arrecadado na Procuradoria Municipal	
a) Indústria e Profissão	79\$000
b) Cemitério Municipal	157\$000
c) Espetáculos Públicos	20\$000
d) Transmissão de Propriedades	382\$830
e) Impostos Eventuais	10\$000
TOTAL	1\$738.890 Réis

Conforme se verifica, pelo demonstrativo acima, a Prefeitura não tinha uma arrecadação suficiente para fazer fase às despesas, para tanto recorria a empréstimo de particulares, pagando juros sobre apólices emitidas para vencer no prazo de um ou dois anos.

No ano de 1909, sob a administração do prefeito Francisco Escobar — um verdadeiro estadista — a vila começou a ganhar foros razoáveis com uma estrutura adequada para receber centenas de hóspedes que buscavam, na época, não somente a cura, mas o descanso e a diversão.

Francisco Escobar, político e administrador experiente, percebendo as necessidades locais, começou por recuperar a “Estrada Geral”, no trajeto entre a vila de Poços de Caldas até a sede do município em Caldas.

Todos os terrenos públicos foram fechados com cerca de arame farpado; os prédios públicos sofreram as reformas exigidas; a limpeza

urbana foi sistematizada e tornou-se regular e procedeu-se à numeração das casas.

Nesse tempo, a cidade contava mais de oitocentos prédios pagando impostos e uma população permanente de cinco mil habitantes. Havia vinte e seis ruas que se cortavam em ângulos retos, medindo vinte metros de largura e duas grandes avenidas. Esse desenho urbano reproduzia o tabuleiro de xadrez.

O traçado das ruas era entremeado por largos ou praças que exigiam cuidados especiais como nivelamento, macadamização, passeios, sarjetas, guias e bueiros, cujos benefícios viriam tanto em prol dos habitantes locais como dos veranistas e banhistas que, em grande número, afluíam à vila.

No ano de 1910, foram iniciadas as construções do prédio da prefeitura e do teatro; a arborização urbana e a vila foi dotada de um serviço de higiene exemplar, com regulamento e ação coordenados pelo doutor Francisco de Faria Lobato.

Tais ações, propostas pelo tirocínio de Escobar, deviam-se ao fato de que a Poços de Caldas de então, se tornava um centro regional que recebia visitantes de todas as partes do Brasil e a higienização, já preconizada em 1896 por Pedro Sanches de Lemos, era um dos fatores fundamentais que diferenciava a estância de cura e descanso das demais cidades, ainda não dotadas de um saneamento urbano para evitar doenças e males oriundos da falta de limpeza.

De 1912 a 1918 a prefeitura já havia concluído todo o trabalho de reestruturar a vila de Poços e esta pôde ser vista sob a ótica do progresso e desenvolvimento acentuados, propiciando o renascimento do velho e pequeno povoado de trinta e cinco anos atrás.

Entretanto isso não era motivo para se comemorar, pois tudo em Poços exigia altíssima atenção, tanto no aspecto climático quanto no hidrológico.

A Estância, como fora também concebida e destinada para o repouso do corpo e do espírito, e não somente para as curas de várias moléstias, necessitava que em seus arredores fossem criados pontos de passeios a fim de que os visitantes pudessem fazer longas caminhadas a pé ou a cavalo.

Sem dúvida, Poços de Caldas sempre teve na magnífica paisagem o seu ponto mais invejado, isso aliado ao clima salubérrimo e às águas termais, motivo primordial do nascimento da povoação.

Escritores, artistas, políticos, comerciantes em geral, industriais, fazendeiros e pessoas de todas as classes sabiam onde procurar repouso espiritual, porque aqui se encontrava, em pequeno porte, tudo o que existia no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Dos recintos de seus hotéis saíram várias plataformas, ou programas, de presidentes eleitos, aqui elaborados em plena liberdade e descontraído descanso.

Como atestado da afirmativa acima, reproduziremos documento publicado pela revista O Comentário, dirigida por Veiga Miranda e publicada na Gráfica Revista dos Tribunais, em São Paulo, no ano de 1931. A peça literária foi denominada Pacto de Poços de Caldas. Tem sua importância porque refere-se à Revolução de 1930, quando da instituição do Governo Provisório de 3 de outubro de 1930, que levaria Getúlio Vargas ao poder em 3 de novembro de 1930.

Tal documento foi elaborado por ocasião de uma estação de banhos e repouso que políticos e militares como Oswaldo Aranha, Juarez Távora e Góes Monteiro fizeram na cidade de Poços de Caldas.

O texto referente ao Pacto foi publicado, originalmente, no jornal Diário da Noite, do Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1931.

Pacto de Poços de Caldas

“1 — Os oficiais abaixo-assinados, sinceramente interessados em que a obra da Revolução Nacional de 3 de outubro não venha a ser destruída ou entravada pela reação de oportunistas interesseiros, ou de velhos revolucionários retrógrados, — se propõem a pleitear junto ao poder competente a consecução integral e imediatamente das seguintes medidas, que consideram como ponto de apoio básico para a perfeita realidade daquela obra:

- a) a adoção criteriosa e intransigente, sem olhar interesses de pessoas, classes ou partidos — de todas as medidas julgadas necessária à construção econômica e financeira do país;*

- b) *um saneamento da força armada e reajustamento da mesma à sua missão precípua do momento, que garanta completa liberdade de ação ao governo ditatorial dentro dos limites do programa revolucionário;*
- c) *um rigoroso saneamento na administração pública, pela apuração inflexível da responsabilidade e castigo exemplar de todos os culpados pelo atual estado e desorganização moral, política e administrativa do Brasil;*
- d) *desenvolvimento de uma nova mentalidade política administrativa com eliminação progressiva dos velhos elementos corrompidos e substituição deles por valores novos, integrados na mentalidade revolucionária;*
- e) *estabelecimento de uma solução nacional para os problemas sociais brasileiros, especialmente os que se referem ao proletariado urbano e rural.*

2—*E considerando:*

- a) *que as medidas acima preconizadas só podem ser cabal e prontamente executadas sob a vigência do regimen extra-constitucional que libertou os agentes executivos dos entraves de preconceitos e precedentes legais e dos óbices judiciais normais;*
- b) *que o atual presidente da República está bem integrado na mentalidade revolucionária e é, ademais, a resultante de fatores políticos favoráveis que talvez nenhum outro civil brasileiro possa resumir em si mesmo, no momento;*
- c) *que esse presidente necessita, preliminarmente, para realizar com firmeza, a obra da revolução do apoio decidido e eficiente da força armada, capaz de dar-lhe autoridade material para opor vetos formais à ação entravadora e contra-revolucionária dos interesses velados ou claros de partidos, classes ou pessoas;*
- d) *que, para que essa força seja realmente eficiente e possa garantir, em qualquer circunstância, a autoridade do poder ditatorial, precisa ser “controlada” pela oficialidade verdadeiramente revolucionária e obedecer, sem restrições, a orientação de alguns poucos chefes de absoluta confiança.*

3 – Resolveram os oficiais assumir o compromisso espontâneo e solene de:

- a) *garantir a existência do atual estado de ditadura, até que ele tenha preenchido integralmente o seu fim, isto é, permitir a transformação radical do ambiente político administrativo legado pelo regimen recém-extinto;*
- b) *defender o atual presidente provisório contra qualquer tentativa de subversão da ordem, prestando-lhe o apoio indispensável para que, vencendo todas as injunções reacionárias, possa satisfazer às justas aspirações do povo brasileiro, consubstanciadas no programa da revolução;*
- c) *no que concerne às classes armadas cuja estrutura e organização geral devem sofrer profunda alteração – resolvem delegar plenos poderes aos oficiais abaixo enumerados, para tratarem dos interesses da coletividade, com o título de delegados militares revolucionários:*

Delegado junto ao governo – Oswaldo Aranha; Delegado junto à 1ª Região Militar – Góes Monteiro; Delegado junto à 2ª Região Militar – Mato Grosso – Mendonça Lima; Delegado junto à 3ª Região Militar – Alcides Etchegoyen; Delegado junto à 4ª Região Militar (não mencionado); Delegado junto à 5ª Região Militar – Plínio Tourinho; Delegado junto à 6ª e 7ª Regiões Militares – (não mencionado); Delegado junto à 8ª Região Militar – Juarez Távora.

- a) *respeitados embora os princípios disciplinares em relação às autoridades militares – comprometem, entretanto, nos casos do emprego da força pública, de perturbação da ordem ou quando se focalizarem questões de relevância atinentes ao Exército e à Armada a só agir de acordo com a orientação que lhes for traçada pelos delegados qualificados com os quais manterão estreita e contínua ligação;*
- b) *o presente pacto durará até que se extinga a ditadura ou que a maioria dos que o subscreverem resolva cassar em ato equivalente ao atual, as delegações dele constantes. ”*

A publicação do Pacto de Poços de Caldas não foi bem recebida nos meios políticos. Apenas para ilustrar, citaremos o comentário do

jornalista Tristão da Cunha, diretor do jornal "A Batalha", quando disse, entre outras coisas que: *"O ministro da Justiça está no dever de mandar contestar a existência deste pacto, antes que seja daqui transmitido para o estrangeiro, onde iria deixar o atual governo e o Brasil numa situação deplorável."* (O COMENTÁRIO, 1931: 310, 312)

No tempo agitado da consolidação da República, para aqui acorriam os grandes nomes do partido Republicano ou dos congressos legislativos da União ou dos Estados, fugindo à responsabilidade de uma atitude lógica que as circunstâncias os poderiam obrigá-los a assumir.

Passado o temporal, voltavam a seus postos e neles continuavam como se nada tivesse acontecido.

Todos esses motivos aqui colocados tornaram Poços de Caldas mais conhecida e isso ampliava toda a informação que pudesse propiciar a que mais e mais pessoas tomassem conhecimento da existência da vila e suas águas, seu clima e sua natureza.

Nas páginas seguintes retomo a documentação, anteriormente mencionada, sobre os primeiros registros da existência das fontes termais na região do sudoeste mineiro, com o cuidado de fazer a transcrição dos trechos mais significativos, a fim de que o leitor possa ter uma visão da realidade da época.

Esses relatos retrospectivos são de muita importância porque, por eles, o leitor pode construir um conhecimento para saber como circulavam as informações acerca da existência e do uso das águas termais e de como as autoridades governamentais, a cada época, se posicionavam a respeito.

Poços de Caldas, uma Imagem em Construção

Campos das Caldas, século XVIII, área localizada na bacia do Rio Pardo onde os bandeirantes adentraram em busca do ouro e pedras preciosas. Esses valentes aventureiros, penetrando no sul de Minas Gerais, localizaram um vale cercado por montanhas e cortado por ribeirões que formavam um imenso charco improdutivo, mas de cujas profundezas — em terreno com formação vulcânica — brotavam fontes de águas quentes, com um cheiro e gosto de enxofre.

Ali, por certo, estava uma riqueza, talvez maior do que o ouro ou a pedra preciosa. Mas era uma riqueza ainda não comprovada em termos materiais para a época.

Os bandeirantes não conseguiram seu intento, mas levaram do local a história das águas quentes e a notícia se espalhou. Durante muito tempo o Campo das Caldas foi objeto da cobiça e disputas entre as províncias de Minas Gerais e de São Paulo.

Relatos orais, iniciados por inúmeros visitantes, ganharam foros de importância tal que, tanto a província de Minas, quanto a de São Paulo, ocuparam-se em iniciar estudos concretos sobre a importância terapêutica das águas.

Segundo registro feito na Revista do Arquivo Público Mineiro, fascículo 2, ano 1, de abril a junho de 1896, a existência das águas termais de Caldas já era conhecida oficialmente pelo governo da Província de Minas Gerais, desde 1786.

O primeiro documento conhecido traz os seguintes dizeres:

Il.mo e Ex.mo Sr. Dou parte a V. Ex.a em como neste distrito daqui a onze, ou doze léguas, apareceu um olho de água caldas legítimas, e tão quente que senão pode aturar dentro nela, causa suores gravíssimos tudo o que são feridas gálicas, e gálicos tudo sara com

brevidade: sarou um quase leproso, com empolas grandes por todo o corpo.

Faço ciente a V. Ex. a porque quererá saber para e quem quiser.

S. Anna do Sapucahy 15 de Junho de 1786. — II.mo e Ex.mo S.r Luiz da Cunha Menezes. — João de Almeida Fonseca, Comandante.

Outro documento, próximo à mesma data, configura:

II.mo e Ex.mo senhor pelas assíduas recomendações que tenho feito, e faço a todos os Comandantes dos Distritos desta Capitania sobre todos os conhecimentos físicos, e naturais que me puderem adquirir um dos mais úteis que novamente se tem conhecido e o de que me dá conta o comandante do Distrito de Sapucahy da Comarca do Rio das Mortes, Campanha do Rio Verde na distância de 60 Léguas desta capital em uma Carta de que é a copia inclusa de haver aparecido na distância de doze Léguas daquele seu distrito umas águas termais tão virtuosas, e úteis que tem curado entre varias moléstias a do grande mal de Lepra que tanto persegue este Continente Americano. — Do mesmo lugar já havia uma ignorante notícia, e bem própria do povo pouco iluminado de que naquele mesmo sítio andava o diabo por se ter visto aparecer por várias vezes. Lanças de fogo tão fortes, e tão enxofradas, que haviam chegado a queimar os matos de uma grande parte da sua circunferência, e com o terrível cheiro do enxofre das quais não se pode presentemente tomar outro conhecimento mais do que a experiência das suas curas for mostrando o que... (palavras ilegíveis) tenho novamente recomendado ao mesmo Comandante visto não haver nesta Capitania... (palavras ilegíveis) pessoa capaz de ser encarregada de ... (palavras ilegíveis) por não haver instrumentos próprios... como hoje é bem necessário a fim de eu com mais certeza o poder mandar fazer público por toda esta Capitania, e comunicar esta interessante notícia as mais confinantes. Vila Rica, 6 de setembro de 1786. — Sr. Martinho de Mello e Castro. — Luiz da Cunha Menezes.

As informações registradas tornam os relatos importantes e verossímeis, mesmo que sejam curtos e com economia vocabular.

Assim, vamos encontrar o naturalista francês, Auguste Saint-Hilaire, que percorreu o Brasil em 1816, documentando usos, costu-

mes e tradições de nossa terra, em seu livro *“Viagem à Província de São Paulo”*, (Livraria Martins Editora, s/d, São Paulo), citado por Homero Benedicto Ottoni.

Segundo ele, voltava de Goiás pela estrada São Paulo — Goiasés, quando ao passar perto de Cascavel, atual cidade de Aguaí, estado de São Paulo, o seu arriero (homem que guia besta de carga) manifestou vontade de caçar papagaios que, ele sabia, procuravam em bandos as águas de Caldas, denominadas *“águas minerais do Rio Pardo”*. O naturalista concordou com o seu companheiro de viagem que, ao voltar de sua aventura, relatou o seguinte:

“As águas minerais nascem no seio de um bosque cerrado, acerca de uma légua do rio. Nesse bosque encontram-se grandes clareiras, próximas umas das outras, onde nenhuma árvore nasce e só apresentam alguns tufos de ervas e uma lama espessa, amassada pelas patas do gado. No meio dessa lama notam-se pequenas poças esverdeadas e lodosas, que não têm escoamento — as águas dessas poças são denominadas águas minerais do rio Pardo; não são amargas como as de Araxá, mas têm acentuado gosto de ovos podres. Creio que a sujeira das mesmas é devida, unicamente, aos animais que, com a sua frequência as turvam constantemente, porque há uma poça da qual menos se aproximam do que das outras cuja água é límpida, se bem que de cor avermelhada. As águas do rio Pardo, como as de Araxá, são muito apreciadas pelos animais e atraem grande número de aves principalmente de araras, papagaios e pombas. O gado bovino bebe-as com prazer, fornecendo-lhes as mesmas o sal de que necessitam e que os criadores, no interior do Brasil, são obrigados a fornecer-lhe, a bem de sua conservação; entretanto, unicamente os criadores, estabelecidos nas proximidades dessa termas, encaminham seus rebanhos ao bebedouro, denominação dada ao local em que são encontradas essas águas. O sal não é muito caro na região, o gado é muito menos selvagem quando vem, de tempos a tempos, tomar alimentação na fazenda, do que quando é enviado às águas minerais. O que já disse acima, com relação ao gosto dessas águas basta para mostrar que as mesmas são essencialmente sulfurosas, e que, por consequência, poderiam ser empregadas, com proveito, no tratamento das moléstias cutâneas, desgraçadamente muito comuns no Brasil; entretanto, enquanto são preconizados os banhos de Caldas Novas e Velhas, perto de Santa Cruz de Goiás, e que, evidentemente, só têm fracas propriedades medici-

nais, ignora-se a não ser em suas vizinhanças, a existência das fontes do rio Pardo, às quais nenhum autor, até o momento, se referiu ainda. Atrevo-me a recomendá-las aos médicos e à administração da província de S. Paulo. Pouco afastadas de alguns centros de população bem importantes — Moji-Mirim, Campinas e Jundiá — poderiam prestar grandes serviços.” (OTTONI, 1960: 80-81)

O livro de Ottoni registra que a área, na qual estavam localizadas as fontes termais referidas por Saint-Hilaire, pertencia à província de São Paulo.

Outro documento, publicado na Revista do Arquivo Público Mineiro, ano IX, da Imprensa Oficial, Belo Horizonte, Fascículos III e IV, de julho a dezembro de 1904, dá mostras de que as autoridades da província, os professores (médicos) de Ouro Preto e os representantes do governo português conheciam, recomendavam e também faziam uso das águas termais, mesmo como último recurso para tentar sanar seus males já diagnosticados como incuráveis. Dom Manuel de Portugal e Castro aqui esteve para tratar de seus incômodos. Assim conheceu, por experiência própria, a ação curativa das águas. Com tudo isso as águas do Campo das Caldas continuavam abandonadas.

Sobre a deliberação de transportar-se o governador a Caldas por motivo de saúde.

II. mo e Ex. mo Sr.

Não tendo podido obter completo restabelecimento de minha saúde, mas antes havendo há tempos sofrido um grave aumento com meus incômodos, e já desenganado que nenhum outro recurso posso ter do que os banhos nas águas de Caldas, único que resta ao meu estado valetudinário, por conselho dos Professores desta Vila, e dos mais que tenho consultado, eu me vejo na urgentíssima precisão de sair daqui até o 24 do corrente aos confins da Capitânia do Termo da Campanha da Princesa para tomar os banhos das ditas Caldas e como esta minha deliberação se torne apressada pelo progresso da moléstia, e não me havendo decidido a semelhante jornada há mais tempo, tenho a honra de participar isto mesmo a V. Ex. a para que fazendo-me o favor de levar à Real Presença de El Rey Nosso Senhor esta minha deliberação, me faça V. Ex. a a graça de representar a Sua Majestade,

que o motivo exposto é que deu causa a que com muita antecipação não procurasse primeiramente o Seu Real Beneplácito. É igualmente um indispensável dever meu prevenir V. Ex.ma que, ainda que ficam dadas todas as providências para me ser imediatamente remetida a correspondência oficial de V. Ex.a e das Repartições, com tudo como possa ocorrer alguma demora em minhas respostas, desejo de V. Ex.a a desculpa na certeza de que logo que o Serviço da Sua Majestade exija o meu regresso a esta Vila eu me não demorarei um momento em dar execução às Reais Ordens que me forem expedidas, e que necessitem de minha assistência pessoal, pois desejo empregar-me no Real Serviço com adesão, e boa vontade, com que até agora tenho feito. Deus Guarde V. Ex.a. Vila Rica 20 de julho de 1818. Il.mo e Ex.mo Sr. Thomas Antonio de Villanova Portugal — D. Manoel de Portugal e Castro.

O texto abaixo vai nos mostrar que a Posse da Sesmaria, requerida pelo sesmeiro Joaquim Bernardes da Costa Junqueira, só aconteceu no ano de 1820. Anterior a isso as águas já eram conhecidas e o próprio pai do sesmeiro, o senhor Joaquim Bernardes da Costa, fazendeiro e criador de gado, natural de Conceição do Rio Verde, sul de Minas Gerais, fazia uso das águas pois experimentara o valor terapêutico da mesma, porquanto tinha notícias da sua existência através da difusão oral que os moradores deste sul de Minas faziam dela.

"Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1820, aos 13 do mês de novembro do dito ano, nestes campos das Caldas e ribeirão do Pinhal ou das Caldas, freguesia de N. S. do Patrocínio do Rio Verde das Caldas, termo da Villa da Campanha da Princeza, Minas e Comarca do rio das Mortes e dentro das terras mencionadas na carta de sesmaria e mercê feita ao sesmeiro José Bernardes da Costa Junqueira, aonde foi vindo o dito sesmeiro, junto com o Dr. Faustino José de Azevedo, Juiz das Sesmarias e demarcações da mesma Villa da Campanha da Princeza pela provisão competente e comigo escrivão do seu cargo, adiante nomeado, aí, sendo sol fora e dia claro, demos posse atual, real, judicial e corporal das terras medidas e demarcadas, constantes do auto de medição, nestes mesmos autos descrito, ao dito sesmeiro José Bernardes da Costa Junqueira, quebrando ele ramos, cavando terras, lançando-a ao ar e olhando para a extensão das

terras com ânimo de tomar posse delas, em cujo ato disse eu escrivão três vezes, em voz alta, clara e inteligível que se havia quem se opusesse à dita posse apparecesse, e proferidas estas palavras e feitas as mais cerimônias da lei, não houve opposição alguma, em vista do que houve ele ministro por empossado das ditas terras quanto em direito se requer ao sesmeiro dito José Bernardes da Costa Junqueira, o que tudo presenciaram as testemunhas Manoel Cardozo da Silva e Elias José Pereira, e para constar faço este auto em que todos assinam, o dito Juiz, o procurador do sesmeiro e testemunhas acima referidas depois de lido por mim, Manoel Lopes de Figueiredo, 1º tabelião do público, judicial e notas, que escrevi e assinei, — Dr. Azevedo, Manoel Lopes de Figueiredo, José Bernardes da Costa, Manoel Cardozo da Silva, Elias José Pereira."

Mesmo com a terra já ocupada, o governo da província de Minas Gerais preocupava-se com a exploração das águas termo-sulfurosas e continuava produzindo ofícios e notas sobre o assunto, como o registro abaixo elaborado por uma comissão de estudos para dar um parecer sobre as águas de Caldas.

Águas Minerais

II.mo e Ex.mo Sr. — Pelo ofício do Excelentíssimo Sr. Vice-Presidente, de data de 15 de setembro próximo, dirigido ao Dr. Juiz de Fora Presidente, e que por ele nos foi apresentado, se nos ordena darmos conta do cumprimento do ofício de quinze de abril próximo passado que nos fora enviado mandando erigir um Edifício próprio para Banhos nas Fontes de Caldas, e que em lugar dos muros de pedra e cal na margem do pequeno Rio ou Ribeirão que corre a par das nascentes Termas e as inunda, se fizessem para defender esta inundaçào do tempo chuvoso duas ou três ordens de estacarias batida a malho com faxina e terra pelo meio. Cumprindo com o que nos é determinado, temos a dizer a V. Ex.a que tendo-se mandado publicar, e afixar Editais nesta Vila e Arraial de Caldas para convidar Licitantes a arremataçào das referidas obras dos Banhos de Caldas, conforme se nos ordenou pelo ofício de Vossa Ex.a de data de 15 de abril não tem apparecido pessoa alguma que das mesmas queira tomar conta por arremataçào. Tendo mais a lembrar a V. Ex.a que a estacaria na beira do Rio, para sustentar o peso das aguas, é impraticável absolutamente por se toda

a margem do Ribeirão de pedra, logo abaixo do nível das águas no tempo da seca um até dois palmos. Tendo já o Dr. Juiz de Fora Presidente em agosto do ano próximo passado tentado fazer essa obra, que achou impossível por ser o solo impenetrável às estacas, e à ponta de alavancas. E sendo a superfície do Rio na ocasião das chuvas elevada três a quinze palmos acima do ordinário nas secas seria preciso que tais estacas estivessem pelo menos outro tanto enterrada para o fundo. Vindo esta mesma solidez do assento do alicerce a fazer o premeditado paredão inabalável, podendo tão somente temer-se a mina lembrada no ofício de quinze de abril passado quando tais paredões são fundados sobre areias movediças ou terra, sendo que em tais casos se usa da estacaria de lei e sobre esta uma grade de vigas e sobre esta o alicerce de pedra e cal, maneira por que se constróem os cais à beira Mar, e as pontes de pedra dos rios areados e nos campos alagadiços que vem a durar séculos. [...] Parece-nos que seria conveniente mandar naquela paragem edificar habitações de módica despesa para vinte famílias, doentes, assoalhadas, cobertas de telha e com suas portas e janelas de madeira e uma pequena Ermida para se dizer a Missa do Povo pois concorre ali muitos e muitos eclesiásticos, tendo-se ali chegado a ajuntar quatro e cinco Vigários de diferentes Freguesias sem terem onde possam celebrar. Destas provisórias medidas apontadas em breve tempo ali se formará um novo Arraial populoso e muito mais pela passagem próxima da Estrada Geral para o Rio de Janeiro que esta Câmara mandou proximente (sic) mudar e atalhar muito próxima ao lugar das mesmas águas. É o que por ora temos a levar a presença de V. Ex. a sobre este objeto. Deus Guarde a V. Ex. a muitos anos. — Vila da Campanha da Princesa em Veriança de 24 de janeiro de 1827. — II.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Caeté, Presidente desta Província. — Agostinho de Souza Loureiro. — Miguel Ferreira Lopes. — Manoel Luiz de Souza. — Ignácio Gomes Midoens.”

Outro texto, escrito em 1832 pelo médico Manoel da Silveira Rodrigues, traz importante depoimento do autor, cuja introdução apresenta os seguintes dizeres:

Triste e acabrunhado com o peso de meus males, e infortúnios, cedendo não sem penoso constrangimento às instâncias dos meus, às persuasões dos amigos e à minha própria presunção e esperança de

que os banhos de Caldas naturais, auxiliados pela salubridade, geralmente reconhecida do clima de Minas, poderiam restituir-me ainda, ao menos em parte, a saúde arruinada, particularmente no que pertence à quase perda total de meus movimentos voluntários, sem lesão do sentimento (tudo efeito desastroso de uma febre capitulada por tifo, que trouxe sua origem da comissão à Macacu), o que o Rio de Janeiro, tanto por suas circunstâncias locais, como também pelo estado político daquela época, não me prometia já, resignado à minha sorte aventurei-me à jornada, ainda que fora de tempo idôneo, e embaraçado em Valença pelo adiantamento da estação chuvosa, entrei finalmente nos últimos dias de julho do corrente na bem situada e agradável Vila da Campanha. Aqui em ar mais livre e desabafado, recobrando novo ânimo, determinei-me levantar a guerra dentro de mim mesmo e sacudir o desapiedado jugo da medonha hipocondria.

Chegado que eu fosse ao suspirado campo das Caldas, vendo-me sem guia, ou regimento pelo qual me regulasse no uso dos banhos (porque ainda não consta ter aparecido neste país coisa de semelhante gênero), vi-me obrigado a tirar de mim próprio os recursos que não encontrava à roda de mim; e à força de indagações, e reflexão consegui estabelecer um método que, servindo-me a mim, será talvez também útil aos mais, enquanto não sair à luz outro melhor, e por isso apressadamente me abalancei a reunir na memória, que vou submeter ao público sensato, quanto julgo mais necessário evitar desastre, e aliviar a humanidade sofredora. Descrevo primeiro que tudo a localidade, relatando em seguimento a descoberta da fonte Hidro-sulfurada, notando o abuso, e o pouco apreço que dela se tem feito, e propondo o que cumpre atualmente fazer-se para a tornar mais vantajosa e benéfica aos desgraçados que a ela recorrem.

Ato contínuo Manoel da Silveira Rodrigues faz uma brilhante descrição dos campos de Caldas, dando-nos uma idéia sobre a localidade e como eram usadas as águas nos anos de 1830.

Memória sobre as fontes hidro-sulfuradas, quentes ou não, e sobre a água Virtuosa, ou acidula, da província de Minas Gerais; incluídos seus usos médicos externos, e internos.

"As águas termais sulfúreas mais conhecidas e usadas na província de Minas Gerais, existem na fazenda do capitão Joaquim Fer-

nandes (sic) da Costa Junqueira, seis léguas da freguesia de Caldas e vinte oito da Vila da Campanha, em uma pequena planície, limitada da banda do Norte por uma serra, e da do Sul por um agregado de morros, que elevando-se e torcendo cada vez mais para a dita serra, formam um boqueirão para o Oeste, o qual favorece extremamente o vento deste lado.

É ela também cortada quase no seu centro por um ribeirão com o leito pedregoso, e margens altas, do qual, formado por dois braços, ambos próximos um do outro em sua origem da serra, e dos quais um corre em sua maior extensão quase paralelamente à mesma, e o outro serpenteando o campo por mais de légua em sua direção para o Sul, volta para o Norte a fazer barra com o primeiro, e vai (o dito ribeirão), depois de receber outras muitas águas, a atravessar para o Norte, à grande distância, aquela mesma serra, que lhe dera nascimento.

O terreno circunvizinho é montanhoso, de formação secundária, e coberto de prodigiosa quantidade de pedra solta com baixas, e quebradas para recebimento das águas, e formações dos rios, não produzindo quase outra coisa, que não sejam pastos para os gados, e na serra mesquinhas searas, rasteiras capoeiras, e pinheiros que crescem melhor às bordas dos rios.

Há sessenta anos, salvo o erro, que quase pelo mesmo tempo, em dois pequenos brejos situados, um à margem esquerda do ribeirão das Caldas já descrito, e outro na direita do seu segundo braço, se observou que arrebentavam por numerosos pontos sobre as águas, que vertiam das entranhas da terra com força e em quantidade não pequena ao nível do leito desses ribeirões, dezoito palmos abaixo do terreno pegado, bolhas de ar semelhantes às que se levantam da água de sabão agitada, o que unido ao calor e cheiro de ovos podres delas exalado fez crer ao povo que eram ferventes, e próprias no seu modo de entender para curarem toda a sorte de moléstias.

Correndo logo fama desta descoberta, não faltaram doentes que, anhelando (sic) encontrar nelas remédio eficaz contra suas doenças e achaques, sem atenção em geral à conselho médico, concorressem sucessivamente de diferentes pontos da província, e ainda de outras convizinhas, à experimentá-las, já banhando-se nelas várias vezes ao dia, expostos ao ar, e já bebendo-as em grandes quantidades sem regra, nem medida; de cujos abusos devem sem dúvida ter resultado dano a muitos, e benefícios a poucos.

Não havendo quase habitantes nestes contornos, os visitantes deles sustentavam-se de caça, de provisões que consigo traziam, ou mandavam procurar ao longo, vendo-se obrigados a levantar para a sua moradia durante a sua estada ali, ligeiros ranchos de palha; e a fazer anteparos à roda das fontes quentes, os quais em sua retirada, eram imediatamente destruídos tanto pelo gado vacum e cavalari, como pelas bestas selvagens que procuram semelhantes águas por toda a parte com extrema avidez, podendo-se afirmar isso mesmo também das aves; o que tudo sucede ainda hoje quase do mesmo modo.” (in PIRES DE ALMEIDA: 1896, 59-65)

Num relato escrito em 1858, portanto nos primórdios do uso das águas quentes, e publicado no livro “Tratado de Medicina e de outros Variados Interesses do Brasil e da Humanidade”, o médico Fortunato Raphael Nogueira Penido escreveu, dando-nos luz a uma série de questionamentos em relação ao uso das águas termais de Caldas.

Salientamos que o doutor Raphael Penido, veio nessa época para uma estação de tratamento de saúde através de banhos termo-sulfurosos, porque estava desenganado pela medicina tradicional, pois tinha uma doença considerada grave, para uma época sem muitos recursos.

“Ao sul de Minas, nas extremas com a província de São Paulo, existem três nascentes de águas sulfurosas, das quais o povo exagera o grau de calor por não compreender as diferentes causas que se ligam, e concorrem para produção de certos fenômenos: o cheiro destas águas é forte, e contém gases excitantes que por si mais do que calor concorrem para aquecer o corpo, e avermelhar-se a pele, estas águas são simultaneamente sabonáceas e por esse motivo, ou pelo gás de que abundam dissolvem rapidamente as matérias oleosas e glutinosas do corpo, e a esta circunstância é que atribuo depenarem uma galinha com a mesma facilidade com que se depena pela emersão na água fervente; notei porem que ave depenada nas águas de Caldas encrostava a pele; estas águas em menos de oito minutos produzem abundante transpiração e um certo grau de asfixia e por isso poucas são as pessoas que resistem aos banhos por mais de dez minutos; a crença popular é que elas só utilizam no curativo de sarnas, reumatismo e entevamento; porém por informações que obtive, soube de muitos curativos de diferentes enfermidades e entre estes a de quebradura,

operado este curativo em dois sujeitos que dela fizeram prolongado uso para fins diferentes; e como em medicina só creio que há um para tudo universal, isto é, a hidrosupatia, por isso admito como certo e certíssimo que as águas de Caldas são utilíssimas para todas ou quase todas as enfermidades, e só as dificuldades consistem em fazer dela uso com higiene adequada, e pelo menos ela servirá de um auxiliar poderoso para o aproveitamento de outros específicos medicamentosos; os animais cavaleiros e muares bebem-na com a mesma avidéz como a água com sal, tendo eu um animal que afrontava conjecturei que seria útil para o curativo fazê-lo beber da água; e de fato consegui completo curativo, e tanto que ainda conservo esse animal que estava disposto a vendê-lo por qualquer bagatela; quando cheguei aos poços comprei uma grande porção de galinhas a um vizinho que se queixava de estarem morrendo de peste fulminante, e em menos de duas semanas perdeu ele todas as galinhas; disso se deve coligir que já naturalmente vinham afeitadas do humor morbífico as que comprei, delas não perdi nenhuma, e atribuo a que foi isso devido o não beberem de outra água em razão do córrego ser mui profundo, e as águas sulfurosas serenas mais contíguas ao aposento, e dentro de pouco nutrirão, o que também atribuo ser efeito do uso da água. [...]

Quando cheguei aos poços tive por habitação um palacete dos mais memoráveis que ali se tinham construído durante os dez anos mais próximos; esse palacete consistia em um rancho com trinta e cinco palmos de comprimento, vinte e cinco de largura, suas portas eram de esteira, tinha uma divisão, suas paredes barreadas adelgaçamento, seu tecto de capim escasso, porém o meu quarto era forrado com esteira; junto a esse rancho havia uma cozinha mais ou menos sofrível; avaliei que tais seriam as outras choças. Portanto bem se pode coligir os incômodos e privações que tem de suportar os que se dirigem a fazer uso de tais águas e que proveito poderão tirar, expostos a todas inclemência, e privados de todos os recursos, por que a povoação de Caldas fica a distância de quatro léguas e meia, e o sitio do Sr. Capitão Joaquim Bernardes da Costa Junqueira a distância de mais de légua e meia: — algumas outras habitações existem mais ou menos á mesma distância, porém miseráveis; pelos poços transitam passageiros que se dirigem á Casa Branca, Franca, etc. etc. Alguns passageiros por malevolência lançam fogo ás choças, e outros o fazem pelo espirito caridoso de obstar o uso de uma água que a consideram nociva á saúde;.” (PENIDO, 1858: 1 a 6)

O médico dá notícias das águas com alguns detalhes precisos. O tempo em que ele esteve em tratamento nas Caldas possibilitou-lhe fazer observações, não só pela permanência no local, mas porque tinha instrução superior, conhecia a medicina e avaliara em si mesmo os benefícios da terapêutica aplicada.

“Ao sul de Minas, nas extremas com a província de São Paulo, existem três nascentes de águas sulfurosas, das quais o povo exagera o grau de calor por não compreender as diferentes causas que se ligam, e concorrem para a produção de certos fenômenos: o cheiro destas águas é forte, e contém gases excitantes que por si mais do que pelo calor concorrem para aquecer o corpo, e avermelhar a pele, estas águas são simultaneamente saponificas e por esse motivo, ou pelo gás de que abundam dissolvem rapidamente as matérias oleosas e glutinosas do corpo, e a esta circunstância é que atribuo depenarem uma galinha com a mesma facilidade que se depena pela emersão na água fervente...”

“Estas águas nascem junto à banqueta de um grande córrego que se despenha das alcantiladas serras, entre as quais estão as águas situadas; os dois poços que se faz uso ficam ao sul, e um outro existente, segundo fui informado, ao noroeste; e portanto é minha convicção que os mananciais dos dois poços atravessam das montanhas do noroeste por baixo do córrego canalizadas pelo estivamento dos rochedos que existem em todo álveo do córrego, o qual é bordado nas margens por uma continuada lingüeta de floresta e de pinheirais, e por isso as águas do córrego são frigidíssimas...” (PENIDO, 1858: 1- 2)

Poucos foram os banhistas que falaram claramente sobre os seus males e a busca para a cura deles, uma vez que não tinham conhecimentos de medicina. No trecho abaixo, o médico e escritor relata o motivo de sua vinda aos poços, à página 3, salientando:

“O fim que me determinou a dirigir aos poços, foi para ver se com o uso das águas atalhava os progressos da paralisia e da oftálmica; quanto à paralisia, quase todos foram unânimes em assegurar (e não sem fundamento) que ela em vez de melhorar aumentaria: nos primeiros três dias porém senti aumentar-se-me apetência e com grande transpiração apercebi-me de algumas melhoras na sensibilidade; estes melhoramentos foram de pequena dura, talvez em razão de fazer excessivo uso dos banhos, pois não havia dia em que deixasse de

banhar-me três vezes [...] logo experimentei grandes melhoras em todos os meus incômodos, de sorte que me sentia com forças para dar todos os dias dois passeios de quarto e meia de légua com sapatos atamancados, e muitas vezes sem levar um guia tal era o meu contentamento."

Desde o instante em que se tem o conhecimento oficial documentado e o não-oficial, através dos relatos orais, sobre a existência das águas termais, como o do texto acima, notadamente o do comandante João de Almeida Fonseca dirigido ao governador da Província de Minas Gerais, Luiz da Cunha Menezes, até uma tomada de posição sobre o que fazer com as águas passam-se setenta e seis anos para que o governo de Minas efetivasse o primeiro ato no sentido de beneficiar as fontes termais dos poços de Caldas.

Naquele ano de 1862, o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, presidente da Província de Minas Gerais, encarregou o médico Caetano de Azevedo Coutinho de levantar a planta e fazer o orçamento para a construção de um balneário que atendesse a demanda às fontes termais de Poços de Caldas.

Sem condições para vir a Poços de Caldas, Azevedo Coutinho solicitou informações aos médicos André Frederico Regnell e Agostinho José Ferreira Bretas, clínicos da cidade de Caldas. E através desses relatos ele teve base para apresentar o seu trabalho ao presidente de Minas. Entretanto, declarou ser necessário que um engenheiro fizesse um estudo para saber sobre a viabilidade técnica do empreendimento.

Em 1865 o desembargador Pedro da Alcântara Cerqueira Leite, presidente da Província mineira, enviou aos Poços o engenheiro Martiniano da Fonseca Reis Brandão, a fim de levantar a planta e construir o estabelecimento balneário. Apesar dos estudos realizados, o governo de Minas não deu curso ao empreendimento.

Somente em 8 de outubro de 1870, através da Lei 1741, a Assembléia Provincial autorizou o presidente da Província a desapropriar os terrenos por utilidade pública, dando início a um processo mais consistente.

"O doutor presidente da província, para dar execução ao parágrafo 3, artigo 4º da lei 1741 de 8 de outubro de 1870, resolve, de conformidade com o art. 2º da lei nº 480, de 19 de junho de 1850, declarar de utilidade pública o terreno junto às águas termais de

Caldas, na extensão de uma sesmaria medida por quilômetros, a fim de que o possuidor ou possuidores do mesmo terreno possam ser deles desapropriados e indenizados de seu valor, nos termos da referida lei nº 480. Palácio do Governo da Província de Minas Gerais, Ouro Preto, 14 de outubro de 1872. Dr. Joaquim Floriano de Godoy.”

Por todos os textos já mencionados anteriormente, verificamos que seus autores — ora na forma de ofícios, ora em depoimentos escritos — sempre deixaram claro os aspectos legais e os aspectos benéficos e práticos em relação às águas.

Texto primoroso e histórico para Poços de Caldas é o que está contido no Almanach Sul-Mineiro, de 1874, organizado, redigido e editado por Bernardo Saturnino da Veiga, e publicado na cidade de Campanha da Princesa, Minas Gerais, pela Tipografia do Monitor Sul-Mineiro. Nele o autor, Bernardo Saturnino da Veiga, faz um relato de como era o espaço geográfico local — já conhecido por ele, de viagens realizadas pela região — descrevendo a exuberância da natureza, mostra os aspectos benéficos das águas e menciona o aspecto urbano que está sendo delineado.

Povoação dos Poços de Caldas

“À 4 e 1/2 léguas da cidade de Caldas, em uma imensa bacia criada por montes de pequena elevação e cortada por dois riachos de cristalinas águas, está a povoação dos Poços de Caldas. Em frente ergue-se uma grande serra coberta de luxuriante vegetação, sobressaindo as palmeiras e os pinheiros às árvores seculares que aí existem.

Há pouco tempo tudo quanto havia neste lugar não passava de algumas casinhas de capim, onde se abrigavam os enfermos que iam usar das águas termais, e que o gênio do mal incendiava mal ficavam desocupadas: questões sobre propriedade do lugar impediam a criação da povoação; e ninguém se animava a construir nessa localidade uma só casa, e por isso nela só se viam essas fontes, desde muito conhecidas por suas virtudes e pelas suas curas milagrosas que tinham operado.

Posteriormente, mesmo quando não estavam resolvidas essas questões, o interesse dos possuidores de terrenos vizinhos aconse-

Lhou-os a edificarem alguns prédios; e por último, desapropriado o terreno em que estão as fontes cálidas, não se questionando mais sobre sua propriedade, nem se ele fora em outros tempos doado ao estado, aumentou a afluência de povo, e alguns indivíduos ergueram confortáveis choupanas, resultando daqui a povoação que ora existe.

Não conhecemos nenhum outro lugar em que a natureza se mostre tão caprichosa como nos Poços de Caldas; montes, campinas, vales, serra, tudo aí parece ter alguma coisa de original e fora do que comumente se vê em outros pontos. Que esplêndida paisagem, disse quem já descreveu esta povoação; é a mais própria para imaginar, impressionar agradavelmente ao doente que a procura, levantar-lhe o ânimo alquebrado e atravessar-lhe a alma como um raio de esperança!

Ao longo do ribeirão que passa no cento deste povoado existem três fontes termais, conhecidas pelos nomes de Pedro Botelho, Mariquinha e Macacos; — a 1ª é a mais importante pela quantidade d'água e sua temperatura, que marca 45° no termômetro centígrado — a 2ª tem a mesma temperatura, mas possui menor quantidade de gases; a última, que está subdividida em duas, marcando uma 41°, e a outra 42°, é a que contém mais bicarbonato de soda (sic).

Não está bem averiguado se estas águas são ou não sulfurosas, visto não terem elas sido submetidas a exame químico; a julgar-se, porém, pelos olfatos parece que contém elas, e em não pequena quantidade, sulfur. O que está fora de toda dúvida é que o uso de tais águas aproveita a todas moléstias sifilíticas, reumatismo, e até a alguns sofrimentos de estômago e intestinos.

Entretanto tão preciosas fontes estiveram até há bem pouco tempo em completo abandono: governo e particulares delas não cuidaram, e a natureza não se revoltou contra aqueles que assim desprezavam tanta riqueza que lhes deu, privando-os dessas águas prodigiosas; elas lá estão inda não foram beneficiadas como convém, sê-lo-ão em breve tempo, quando o concessionário do privilégio dessas águas fundar estabelecimentos balneários, hospitais, hotéis e tudo quanto pretende fazer.

A povoação dos Poços de Caldas já tem 34 casas, 2 sobrados em construção e 66 cabanas cobertas de capim; — é apenas uma povoação esboçada, mas como tem de crescer e muito, já estão alinhadas, por ordem do governo, diversas ruas e praças. Há dois hotéis, com sofrí-

veis acomodações, não sendo por isso preciso, como em outros tempos, levarem as pessoas que vão usar os banhos termais o necessário para a subsistência; além disso há neste povoado algumas casas comerciais, onde se encontra o que de mais urgente reclamam as necessidades da vida. Uma capela, onde se celebre o sacrifício da missa, um cemitério, aulas de ensino primário, e a fatura de estradas, com especialidade a que deve ligar os Poços de Caldas à freguesia de São João da Boa Vista, na província de São Paulo, são medidas reclamadas com toda urgência. São férteis as terras desta povoação e pingues seus campos, em que se cria muito gado vacum: nada, pois, lhe falta para ser em tempo pouco remoto um importante lugar.

Joaquim José da Silva, geógrafo português, autor do livro *Tratado de geografia descritiva especial da Província de Minas Gerais*, de 1878, em seu texto abaixo, transmite-nos dados mais técnicos, informe estatístico sobre o número de usuários dos banhos e escla-recimentos no que se refere à localização das águas.

*Águas termais sulfurosas de Caldas,
Minas Gerais, em 1878.*

“As mais procuradas e incontestavelmente as principais das conhecidas até hoje, são as da Província de Minas, evidentemente alcalinas e sulfurosas, segundo as análises científicas ultimamente feitas.

Estão estas águas a 39 quilômetros e 600 metros da cidade de Caldas e uma delas com a temperatura de quase 41 centígrado à margem direita do Rio Verde a 6 quilômetros e 600 m daquela cidade.

São três as fontes ou poços mais importantes a saber: Pedro Botelho, o mais considerável pela quantidade de água, e temperatura desta de 46 centígrado; o poço denominado Maria, de temperatura de 44 centígrado; e, finalmente, o denominado Macacos, que se subdivide em dois, um com 41 e outro com 42 sendo o mais abundante em bicarbonato de sódio.

Na opinião de alguns médicos nacionais e estrangeiros, as fontes de Caldas são talvez as primeiras do mundo. Acham-se elas colocadas, ou situadas na altitude de 1828m e 8m acima do nível do mar em um dos pontos mais saudáveis do Império. O uso destas águas tem sido

muito eficaz, e conveniente no reumatismo crônico de qualquer natureza e nas paralisias reumáticas inveteradas, em que é grande a sua eficácia, bem como nos dertos, e nas moléstias escrupulosas, sífilíticas e outras de igual natureza. Estas fontes são concorridas por três a quatro mil pessoas em cada ano, na estação menos fria. O clima é o mais ameno e agradável, que se possa desejar. Não há pântanos nem alagadiços próximos às fontes. O ar é puro, seco e transparente; não há ali as neblinas matutinas, nem os orvalhos copiosos das tardes. O sol patenteia-se subitamente em todo o seu esplendor, e um vento varre a atmosfera.” (SILVA, 1878: 38-39)

No ano de 1884, proveniente do Rio de Janeiro, esteve em Poços de Caldas o médico Manuel Joaquim Fernandes Eiras, nascido em Recife no ano de 1828 e falecido no Rio de Janeiro em 1889, que escreveu artigos, contendo suas observações sobre a sua vinda às Caldas, os quais foram publicados, a partir de abril de 1884, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, na coluna Variedades, Notas e Reflexões.

O autor é bem crítico em relação àquilo que presenciou e viveu e isso nos dá uma dimensão, sem retoques, da realidade daquela época.

Inicialmente, ele relata como eram difíceis as viagens através dos caminhos primitivos, o desconforto e perigos encontrados por aqueles que iam aos poços de Caldas:

“Ninguém se afigura e nem imagina as viagens de longos dias que faziam as famílias inteiras e indivíduos em caravanas através de lugares inóspitos e impestíveis, tendo como abrigo barracas feitas de couro de boi, sujeitas às intempéries, e até a ferocidade de animais selvagens, e onde dormiam, alimentavam-se e faziam todos os misteres da Vida. Estas mesmas construções aperfeiçoadas serviam de morada durante o tempo em que usavam as águas nos poços.”

O doutor Eiras faz observações de como os banhos sulfurosos eram utilizados de uma maneira bem primitiva.

“O processo, o modo porque tomavam os miraculosos banhos são alguns de grande meditação. Imagine-se um caixão de madeira mal coberto, cravado no lamaçal de onde faz erupção a água termal; aí os banhistas ou aquários (termo do lugar) se metiam corpo e alma; não seguindo preceito ou regra alguma. Depois de algum tempo de imer-

são, saíam para sobre dura enxerga, repousarem e transpirarem em plena natureza. Lépidos e frescos deixavam tão confortável e luxurioso banho para fazerem os habituais passeios.

Curas se operavam em grande escala e nenhum acidente tinha lugar!”

Tornou-se um hábito instalarem-se os viajantes em ranchos de palha por eles mesmos construídos. As famílias mais abastadas levavam consigo escravos e no dia da chegada construía os cômodos necessários ao pernoite. Algumas pessoas da localidade passaram a dedicar-se à confecção de ranchos para vendê-los aos que chegavam. Quando da saída dos balneantes, esses ranchos eram queimados.

À época da estação de cura, no ano de 1873, o aspecto urbano nos poços de Caldas era registrado com a seguinte descrição:

“Choupanas de sapé, três casas cobertas de telhas, barracas portáteis onde se abrigavam os veranistas. Faziam o uso da água em tinhas de madeira. Muitas vezes expostos ao ar livre, aos resfriados e às pneumonias.”

As estações eram animadas, mas aqueles que se abrigavam nos ranchos de palha, ficavam em sobressalto quando se faziam subir rojões nos dias de festa, na iminência de ocasionarem incêndios nas choupanas.

O doutor Eiras faz um relato da sua iniciação nos banhos termais. Como existiam duas fontes, era recomendável que os balneantes iniciassem seus banhos na Fonte dos Macacos e terminassem na Fonte “Pedro Botelho”. O médico fez exatamente o contrário, pois queria fazer uma experiência, assim descrita:

“As águas dos Poços de Caldas já descobertas, e que são aproveitadas, oferecem à humanidade sofredora, elementos terapêuticos de segura eficácia para a cura de muitas moléstias e alívio de outras, tudo demonstrado em fatos que se repetem há muitos anos, não obstante o seu uso e aplicação não serem feitos de um modo conveniente e científico. Eu experimentei estes desagradáveis resultados, porque tentei tomar alguns banhos sem a menor precaução. Quis apenas observar a temperatura, a sensação do agradável princípio beriginoso; ter o estímulo de que o organismo se ressentia com estes banhos termais.

Não obstante, tê-los usado na Europa, em Wilbad, em Vichy, etc. Quis começar por onde todos acabam, pelo Pedro Botelho, porém renunciei em vista do conselho que me deu o empregado dos banhos que me preparou um banheira dizendo-me ser fonte Botelho Junior, isto é, aquela primeira modificada. Entrando no tal banho julguei-me escaldado, não obstante procurei mergulhar a cabeça. Este último e imprudente ato, auxiliado pelo calor solar (2 horas da tarde) que abafava o tal gabinete de madeira, determinou-me um afluxo de sangue para a cabeça e uma tal dispnéia que pulei como gato passando sobre brasas.

O primeiro ímpeto foi de sair em ato contínuo de tal gaiola, porém o juízo não tinha de todo desaparecido, além disso um abundante suor sobreveio, derivando toda aquela fluxão sangüínea.

Preparei-me e saí leve e leve e fresco. À vista do ocorrido mudei de plano. Fui à fonte Macacos por onde todos começam, e ainda assim fiz baixar a temperatura a 36 graus. Tomei este banho às 3 ½ da tarde, quando o termômetro marcava 15 graus. Depois de uma imersão de 10 segundos e repouso com alguma transpiração de meia hora, voltei para minha residência sem a menor cautela, recebendo um frio glacial!

Resultou-me uma formidável angina que me pôs em apuros durante alguns dias. O histórico destas minhas explicações é uma lição para os que foram usar daquelas águas não procederem da mesma forma."

Ainda a seu modo, o médico descreve o funcionamento dos hotéis naquele ano de 1884. Na edição de domingo, 11 de maio, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro traz:

"Os hotéis se ressentem de falta de limpeza, as camas são aparelhos de massagem permanente, talvez de alguma vantagem para os que têm tecido adiposo em excesso, a fim de serem livres da obesidade. A alimentação é mal feita, abundante, fria e disposta em grande mesa; tocando o melhor pedaço a quem mais avança. É a luta, o assalto dos Huguenotes. O serviço é todo descuidado, feito por gente de vontade, mas a quem falta a habilitação; em compensação ouvem-se as doces palavras: Yô-yô, Yá-yá, Sinhô, Miscê, Sinhá miscê, etc.

Este serviço é feito pelos dois sexos.

Refiro esta circunstância, porque encontrei em um hotel de primeira ordem, na capital de S. Paulo, todo o serviço feito por homens e em outro, de uma cidade principal, por mulheres. Havia reclamações constantes no primeiro caso, no segundo, jamais, pudera!"

Nos parágrafos seguintes, o escritor discorre sobre a povoação, dá as suas impressões sobre aquilo que observou em relação ao tratamento no hotel e fala de generalidades.

"A povoação é cercada de montanhas, algumas pedregosas, e maior parte coberta de relva e mato virgem. Tem uma grande praça cuja área talvez seja de 350 sobre 200 metros, e algumas ruas. É naquela que se acham os edifícios principais ocupados por hotéis, e casas de negócio. Nestas também se encontram algumas casas boas, armazéns etc. A sua população fixa é de 1500 habitantes. Não possui nenhum templo! Não há comércio, indústrias, e nem lavoura.

Os banhos mornos gerais somente se encontram no estabelecimento termal; os frios a grande distância da cidade. Não há banheira para tomar-se qualquer banho no hotel. A carne é mais saborosa do que a da Corte, porém mais magra. O leite é bom e não é superior pela falta de pastagens dentro do povoado, e de trato do gado. Somente pode-se tomar leite das 7 às 9 horas da manhã, fora dessas horas não se encontra! O pão é simplesmente duro; impossível. A água é turva, para se tomar da superior que existe é necessário mandá-la buscar à distância, o que não é fácil, pela falta de criados, ou preguiça dos mesmos. Não há outro legume senão a couve. A carne de porco, a galinha, os ovos e mesmo o carneiro são de superior qualidade. Desta minha narração se vê claramente que a natureza é rica, esplêndida e que somente falta o trabalho do homem. O futuro deste povoado está ligado à pujança de sua natureza, e às suas preciosas águas. Ele será grandioso dependendo simplesmente do bafejo da civilização que para aí será conduzido pela máquina do progresso, o que deverá se realizar nestes 18 a 21 meses. Já uma empresa armada de coragem, recursos e boa vontade de trabalhar com denodado esforço para oferecer um estabelecimento balneário e hotel confortável aos que tiverem necessidade das águas de Poços de Caldas ou de gozar de seu excelente clima." (OTTONI, 1960: 110 a 122)

Bases Materiais da Expansão Turística da Cidade

Conforme colocamos na introdução, no ano de 1871 o governo da província negou a Agostinho José da Costa Junqueira o privilégio de explorar as águas. No ano seguinte, 1872, o governo apressou-se em realizar a desapropriação da área e colocar em concorrência a exploração das águas termo-sulfurosas.

Essa foi, então, a mola propulsora que fez com que no ano de 1884 se inaugurasse, pelo grupo do médico José de Carvalho Tolentino, o Hotel da Empresa e em 1886 o Balneário “Pedro Botelho” para a exploração das águas termais.

A freguesia começa a ganhar ares de vila; — a vila ganha ares de cidade e iniciam-se as fases de prosperidade sobre as quais passaremos a discorrer.

Pela descrição do médico Pedro Sanches de Lemos:

“A povoação, hoje vila de Poços de Caldas, começou em março de 1873, época em que o engenheiro Honório Henrique Soares do Couto, por ordem do então senador Joaquim Floriano de Godoy, presidente da antiga Província de Minas, dividiu em lotes a parte do patrimônio, que foi primitivamente edificada. Antes de executar aquele serviço, só existiam aqui quatro casas cobertas de telha. Quem vinha usar as águas termais ou mandava construir rancho ou trazer barraca, Disto posso dar testemunho porque fixei residência em Poços naquele ano.”

Atento observador, homem de rara inteligência e um dos nomes que ajudaram a fazer o progresso da cidade, Sanches conta-nos, segundo sua avaliação, que:

“O progresso de Poços de Caldas iniciou-se no dia 22 de outubro de 1886, porque naquela época se inaugurou o Ramal de Caldas,

pertencente à Mojiana, com a assistência dos Soberanos do Brasil de então, foi notável, podendo-se até dizer que em completo contraste com o que se dá nas outras povoações do sul de Minas..."

"Em 1891 havia nesta vila 282 casas e 50 em construção, 20 ruas e uma praça. Hoje, isto é, 12 anos depois, apesar da crise econômico financeira que percute todo o país, temos construídos 615 prédios, 45 em construção, três praças: a Praça Senador Godoy, a da Independência e a da Colúmbia e 28 ruas."

Por outro lado indica e nomeia os hotéis existentes no ano de 1900:

"O grande negócio de Poços de Caldas é a exploração de hotéis e de casas para alugar aos banhistas. Assim, temos atualmente doze hotéis: o Hotel da Empresa, o Hotel do Globo, o Grande Hotel do Sul, o Hotel União, o Hotel da Estrela, o Hotel Aurora, o Hotel do Norte, o Hotel Esperança, o Hotel Central, o Hotel Solferini, o Hotel Internacional e o Cássia." (SANCHES, 1904:154, 163)

A Fase Escobar

O presidente do Estado de Minas Gerais, Venceslau Brás, em 1908, nomeia Francisco Escobar, que residia em São José do Rio Pardo, prefeito de Poços de Caldas. Era um bom momento, pois Venceslau conhecia o trabalho daquele que havia marcado sua trajetória de homem público, passando por Camanducaia — MG e São José do Rio Pardo-SP e entregou a ele a tarefa de dirigir a Estância.

Em tudo Francisco Escobar esteve presente e umas das suas preocupações foi habituar o povo a receber com urbanidade os veranistas, como convinha a todas as cidades que se queriam turísticas.

Segundo o médico Mário Mourão, em seu livro "Poços de Caldas Síntese Histórico-Social":

"Seu poder de atração não podia deixar de exercer uma grande influência moral no ambiente social de Poços de Caldas, que deixava as misérias de aldeia para se transformar na cidade internacional de águas, turismo e elegância, de cuja primazia passou a dispor." [...]
"E Escobar começou a influenciar a Estância transformando-a na grande cidade de hoje." Com seu espírito atilado, de fino causídico e de homem de erudição superior e cultura fora do comum, Escobar

tornou-se o centro da vida intelectual da cidade.” Escobar foi um grande, um enorme Prefeito e que sua administração marca o início de nossa vida de urbe de primeira categoria. (MOURÃO, 1952: 41-60)

No ano em que Francisco Escobar começou a sua tarefa de administrar Poços de Caldas, a receita anual da prefeitura era de oitenta mil contos de réis. Pouco para quem desejava transformar a vila em cidade. As receitas eram provenientes das rubricas: Indústrias e profissões, Mercado e Matadouro Municipal, impostos de viação, lixo, predial, transmissão de propriedade, serviços funerários, aferições, vendas de terrenos, foros, alinhamentos e outros eventuais.

Em 1910, o novo prefeito tinha a garantia de, além das rendas municipais, uma verba de duzentos contos de réis, repassada pela presidência do Estado, para implementar os melhoramentos urgentes de que a vila precisava para receber os visitantes os quais acorriam em busca da saúde e o descanso necessário.

Para que tudo isso acontecesse, Escobar cercou-se dos mais experientes planejadores urbanos que pôde contratar para estarem a seu lado.

Escobar administrou Poços de Caldas por nove anos — de 1909 a 1918. Com calma e metodicamente traça e executa um plano urbanístico, concebido depois de longo estudo e observação criteriosa das necessidades locais.

Aos poucos a vila vai ganhando ares de cidade.

O prefeito abriu concorrência, que foi vencida por José João Piffer e Otto Piffer, para a construção do prédio da Prefeitura, do Teatro Politeama e urbanização da área central.

José João Piffer recebeu em doação a vasta área de terreno na zona da “água Sinhazinha” para construir o Grande Hotel, que foi o primeiro considerado de luxo inaugurado na Estância.

Procedeu fazer o emplantamento de todas as ruas da cidade, dando-lhes os nomes dos vinte e um Estados do Brasil, e a numeração das casas. Autorizou a formação de quatro grandes parques, assim denominados: Parques Norte, Vila Junqueira, Praça Colômbia e Praça Tiradentes. Além disso fez a macadamização das ruas centrais; reconstituiu todas as estradas de acesso ao município, a fim de facilitar a chegada dos visitantes.

A cada ano, aumentava o número de turistas. A modesta estação de cura, agora transforma-se em atraente estância de lazer.

Com a notícia da primeira Grande Guerra, os magnatas paulistas adiam — contra vontade — as suas excursões à Europa. Era um momento da descoberta de Poços de Caldas como alternativa para um turismo local.

“Eleva-se, a cada ano, a afluência de turistas. Simples estação de cura, agora se engalana com o colorido jovial de estância de recreio. Com o advento da primeira Grande Guerra, “a velha guerra dos nossos avós”, os magnatas paulistas cancelam, a contra-gosto, as excursões à Europa. Descobrem Poços de Caldas. Mercê da ação pioneira e civilizadora do burgomestre, estava a cidade aparelhada para acolher a nova categoria de aquáticos. Caxambu cede o passo a Poços de Caldas. Esta projeta-se política e socialmente. As suas águas adquirem fama nacional e internacional.

Os príncipes da República dão de freqüentar as termas, mundificando-se das mazelas do corpo.” (CASASANTA, 1965:109-110)

Venceslau Brás, mineiro de Itajubá, antes de tomar posse na presidência da República, vem a Poços de Caldas conhecer o trabalho realizado por Francisco Escobar e, em seu discurso publicado no Jornal “O Estado de São Paulo”, de 26-10-1916, citado por Manuel Casasanta, diz:

“Um serviço, senhores, eu tenho certeza de haver prestado a Poços de Caldas: o de ter arrancado este homem de sua modéstia para colocá-lo neste posto”. Mais adiante acrescenta, mencionando Rui Babosa: “Pinheiro Machado ali comparece todos os anos. Rui visita-a mais de uma vez. Faz-se íntimo de Escobar que, em suas viagens ao Rio de Janeiro, se anunciava ao Conselheiro executando acordes no piano.” (CASASANTA, 1965:110)

Em 1918, tudo muda. Novas pessoas, novo governo... Escobar deixa a prefeitura de Poços de Caldas. Era o final de um período em que a cidade teve seu grande desenvolvimento urbano e turístico.

A Companhia Melhoramentos de Poços e Caldas

Por uma concessão da Prefeitura, na administração de Francisco Escobar — 1909 a 1918 — José João Piffer, construtor, erigiu o Grande Hotel no ano de 1911.

A partir de então, Piffer organizou uma sociedade denominada Companhia Melhoramentos de Poços e Caldas, da qual faziam parte Ângelo de Paiva Oliveira, Antônio de Barros e Januário Loureiro, cujo patrimônio era formado pelo Grande Hotel, as águas de Pocinhos do Rio Verde e a água Samaritana, ambas localizadas no município de Caldas.

O governo do Estado de Minas Gerais proporcionou à Companhia um empréstimo de 3\$600.000 contos de réis.

Piffer, sem dúvida, foi a mola mestra da Melhoramentos, mas seu grande mérito foi o de estabelecer um sistema de informações capaz de divulgar e difundir a estância balneária de Poços de Caldas e de Caldas.

Na época, as estações de banhos e cura estavam delimitadas em duas: a de setembro, cujo início se dava a partir do dia 8; e a de março, que vinha depois do carnaval. Os meses de novembro, dezembro e janeiro eram completamente ignorados e a cidade não recebia visitantes, a não ser ocasionalmente.

O construtor procurou modernizar, para ampliar a visita dos banhistas, atraindo aqueles que, outrora, vinham a Poços em setembro, porque havia acabado o frio intenso e porque era um mês seco e sem chuvas. O mesmo motivo determinava a temporada de março.

Terminadas as chuvas, os rios davam condições de passagem, pois desapareciam os grandes atoleiros das sofríveis estradas. As viagens a cavalo eram, ainda, o único meio de acesso entre as cidades de Minas.

Para obter êxito no seu empreendimento, o grande mentor da Melhoramentos juntou-se ao médico termalista Mário Mourão e, ambos, passaram a difundir a idéia de que os banhos termais deveriam ser praticados durante todo o ano, exceção feita para os meses de frio intenso que eram os de junho e julho.

Mourão e Piffer e os senhores Emílio Castelar da Gama e Matos Faro, através de cartas-circulares, folhetos, conferências médicas no Rio de Janeiro e em São Paulo, e por intermédio de um jornal de nome Poços de Caldas, de Mário e Fausto de Paiva, firmaram junto à opinião pública a idéia da estadia de verão em Poços de Caldas. Além disso, na divulgação constavam os preços das diárias de hotéis, de passagens e meios de locomoção das grandes cidades do Brasil para se chegar a Poços de Caldas.

Piffer também construiu o Condomínio Quisisana com objetivo único de receber hóspedes que ficassem em regime de internato para fazer tratamento de saúde usando as águas termais.

Com a sua morte, a Companhia Melhoramentos de Poços e Caldas passou a ser dirigida pelo senhor Cássio Prado, de São Paulo. Este possuía um grande capital e, com isso, concluiu o novo balneário, o cassino e inaugurou parte do Pálace Hotel.

Como um grande conglomerado, a Companhia Melhoramentos detinha o monopólio dos hotéis, dos banhos termais, dos cassinos, da telefonia e, até mesmo, da engorda e comércio de suínos.

Era a maior empregadora local, detendo o controle dos empregos e, por conseqüência, dos votos de seus funcionários, influenciando sobremaneira na política poços-caldense.

No decorrer dos anos, a Companhia Melhoramentos só usufruiu dos lucros. Jamais investiu no desenvolvimento da cidade.

Em 15 de fevereiro de 1927, depois de quinze anos de exploração das águas termais em Poços de Caldas, a Melhoramentos teve seu contrato rescindido pelo governo de Minas Gerais.

A Fase Antônio Carlos de Andrada

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada assumiu a presidência do Estado de Minas Gerais em 7 de setembro de 1926.

Nessa época, Poços de Caldas — em virtude de ações anteriores, conforme já foram mencionadas — era a estância hidro-mineral mais procurada neste Brasil, mas estava dotada de um complexo balnear e urbano já ultrapassados. Era necessária uma ação eficiente e eficaz que pudesse dar melhor estrutura para a cidade pois, desde o prefeito Francisco Escobar, oito anos se passaram e nada fora realizado.

Percebendo o significado das águas termais, para a saúde da população e para o desenvolvimento econômico-social do Estado, o presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada estabeleceu um plano de metas para contemplar a estância com um conjunto arquitetônico moderno; recaptar as fontes termais; elevar a capacidade de fornecimento de energia elétrica; pavimentar as ruas; dobrar a capacidade de abastecimento de água; ampliar da rede de esgotos; melhorar as estradas de acesso à cidade e redimensionar os serviços urbanos.

Seu programa era objetivo. Na sua concepção estava implícito um pensamento:

“Estação de água não é lugar onde apenas se segue uma norma rígida de cura física associada ou não à terapêutica química. É também recanto de vilegiatura, onde o bálsamo do ambiente infiltra na alma e no corpo o sublime reconforto, que reanima os fatigados da vida moderna.” (MELLO E SOUZA, 1936:25)

Em 27 de março de 1927, o presidente assinou decreto dando à Estância o direito de ficar com a renda dos balneários. Além disso destina cinco mil contos de réis para o início da remodelação da cidade. Essa incumbência foi dada ao arquiteto Eduardo Pederneiras, do Rio de Janeiro.

Para desenvolver tão importante empreitada, foi nomeado prefeito e Superintendente Administrativo, Carlos Pinheiro Chagas, médico, cuja visão científica e com suas viagens ao exterior, trouxe práticas novas da Europa para serem aplicadas no termalismo local.

Nos anos compreendidos entre 1927 a 1930, o governo de Minas Gerais construiu as novas Termas, denominadas “Antônio Carlos” em homenagem ao grande benemérito da cidade; erigiu o Pálace Cassino com seus amplos e modernos salões de jogos, de dança e seu teatro. Construiu o Pálace Hotel e urbanizou parques e jardins, dando a Poços de Caldas ares de Estância européia.

Dessa época em diante, a cidade passou por um grande período de fausto, pois os banhos já não eram o grande motivo ou a grande atração que prendia os visitantes, mas sim os hotéis e os cassinos e a exuberante Estância com o seu lazer.

Depois da longa jornada em construção, a antiga vila se faz conhecida e reconhecida por todos aqueles que passaram a vir, agora não mais pelo motivo da cura, mas para as longas semanas de lazer e descanso, pois a Estância ganhara o “status” dos grandes balneários da Europa e, portanto, merecia ser visitada.

E todos queriam se ver em Poços de Caldas.

Em virtude do que foi realizado, o pensamento do povo poços-caldense sobre o governador de Minas tornou-se o que Mário Mourão registrou, à época:

" Antônio Carlos de Andrada foi sublime e grande, realizando em Poços de Caldas a história das mil e uma noites, com a obra assombrosa que aí está que, sem dúvida foi a maior realização de todo o seu governo. " (MOURÃO, 1952:88)

É nesse período que os médicos termalistas, aqui residentes, começam a ministrar água sulfurosa para uso interno. Isso deu nova destinação às águas e Poços ganhou novo fôlego na propaganda, como as referências do padre Antônio Monteiro em palestra no Congresso Eucarístico da Bahia, quando disse para a multidão:

" Poços de Caldas é a Lourdes brasileira, onde diariamente, através de curas incríveis, se verificam os mais estupendos milagres. " (MOURÃO, 195:88)

O entusiasmo era tamanho que Mourão descreve as Termas da seguinte maneira:

"O maciço da sua construção, em rigoroso estilo romano, tem a grandeza das Termas do tempo dos Césares. Em sua frente, olhando a face do parque, ela contempla o vulto sereno do grande mineiro Antônio Carlos, ali esculpido no bronze da estátua de um monumento que perpetua a gratidão da cidade pelo Grande Presidente. O hall da entrada é grandioso; e o gênio de Eduardo Pederneiras, que foi o criador dos deslumbrantes salões do Cassino de Poços, ainda pôde achar concepção de arquitetura, nos vitrais e nas arcadas cheias de majestade, que emolduram uma das construções mais belas que se pode imaginar. Se os salões do Cassino lembram as ogivas das grandes catedrais, o hall das Termas tem qualquer similitude com a imponência daquela torre dos Inválidos que encima o túmulo de Napoleão. É que uma grandeza e uma sublimidade sempre nos trazem ao espírito as outras concepções do gênio humano.

E o notável engenheiro Eduardo Pederneiras tem, em Poços de Caldas, nas Termas, no Pálace Hotel e no Pálace Cassino as obras-primas do seu principado em arquitetura. " (MOURÃO, 1933:159-60)

Importante dizer que as ações desenvolvidas pelo governo mineiro criou uma nova paisagem para o centro da cidade, resultado do trabalho genial do arquiteto Eduardo Pederneiras, cuja visão tinha um caráter universalista. As edificações transformaram-se com o tempo e chegaram até hoje como verdadeiros monumentos urbanos que tornaram-se os cartões postais e patrimônio público de Poços de Caldas.

A Literatura – Uma Explicação Necessária

A palavra Literatura é derivada da Língua Latina. É proveniente de littera e significa ensino das primeiras letras. Com o tempo, ganhou outro sentido e passou a significar “arte das belas letras” ou arte literária. Assim, “desde a sua origem, a Literatura esteve condicionada à letra escrita e depois impressa.” (MASSAUD, 1968:15)

Enfim, o que é Literatura?

É, sem dúvida, uma questão de difícil resposta. Mas levamos em conta que nada deve ficar sem um esclarecimento quando nos referimos à informação. Necessário se torna compreendermos a extensão e o significado da palavra “Literatura”, pois ela nos remete à palavra “conhecimento”, que é o segundo termo de igualdade e leva-nos ao que se pretende estabelecer como objeto da transmissão de comunicação e informação.

Há que se perguntar: Qual é o objeto do conhecimento?

Tudo nos faz acreditar que todas as coisas são objetos do conhecimento, sejam aquelas pertencentes ao macrocosmo, o universo; sejam as pertencentes ao microcosmo, o homem.

E essas indagações, em se tratando da comunicação e informação literárias, remete-nos ao que Rogel Samuel explica:

“Comunicar é estabelecer um contato. Informar é fornecer ao receptor um conhecimento novo. Quanto maior for a taxa ou o grau relativo da novidade, maior o grau de informação de uma mensagem. (SAMUEL, 1984:179)

Por isso a literatura tem por objetivo informar aquilo que todos nós não vemos, porque esquecemos, ou seja, a própria realidade. Em literatura, comunicação e informação — do ponto de vista da sociedade — se dão no sentido de transformar a sociedade e humanizar o ho-

mem. A informação no texto literário está não só naquilo que é dito, mas em como é dito.

Isso ainda nos leva ao ato de conhecer, remetendo-nos a raciocinar sobre a teoria do conhecimento, uma disciplina abordada pela Filosofia.

Levando em consideração que o conhecimento implica em alguém que conhece (o sujeito) e alguma coisa que é conhecida (o objeto), "a função do sujeito consiste em apreender o objeto, e a do objeto em ser apreensível e apreendido pelo sujeito." (HESSEN, 1947:29)

Por outro lado, a literatura que é conhecimento, tem divididas suas formas de textos em signos conotativos e signos denotativos. Os primeiros remete-nos às palavras empregadas com o sentido figurado, ocorrendo aí as metáforas. Os segundos ao sentido real, preciso e limitado.

Pode-se dizer, então, que palavras com sentido real ou figurado leva-nos à informação?

Ambas as formas de linguagem, fatalmente, nos levarão ao conhecimento e, por conseqüência, à informação, pois a literatura é acompanhada de saber e de erudição, mesmo que seja um ato de criação através da palavra escrita. Isso porque, segundo, Michel Foucault:

"O mundo é coberto de signos, que é preciso decifrar, e esses signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam, eles próprios, de formas da similitude. Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permanecerá palavra muda, adormecida nas coisas." (FOUCAULT, 1985:48)

Dessa maneira chegamos à conclusão que:

Literatura é uma forma de conhecimento expresso por palavras de sentido múltiplo, para transmitir informações ou despertar a visão estética, sendo que a palavra é um grande veículo de expressão do conhecimento que o homem tem das coisas. (HESSEN, 1947:29)

E a estrutura do fenômeno literário:

"... retira da história o seu impulso e a sua energia contínua. E como a verdade da história gira com a roda do tempo, a expressão literária – mesmo heterogênea, polifônica, aberta – acompanha esse

desdobrar-se, privilegiando, segundo os modelos de cada época, elementos particulares do seu mecanismo constituinte.” (PORTELLA, 1970:97)

A Poesia

Na análise que estamos fazendo sobre a Literatura, chegamos, por certo, nos tipos de textos que encontramos na pesquisa.

Por suas características, a literatura apresenta-nos dois tipos de textos: a poesia e a prosa.

A poesia é um forma de expressão que traduz o sentimento de quem a elabora, mas nem por isso deixa de transmitir o conhecimento e a informação.

Um poema como os *Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, pode provocar no leitor o desejo de conhecer um sem-número de coisas que estão descritas nos versos do grande poeta português, pois se ontem era uma saga, hoje tem aspectos geográficos, sociais, políticos e turísticos a serem lidos ali, que fazem com que o leitor tenha interesse em visitar os locais mencionados nos versos daquela obra épica. Assim, na atualidade visita-se a África do Sul e um dos passeios oferecidos aos turistas é o Cabo das Tormentas, hoje Cabo da Boa Esperança.

A Prosa

A prosa é a expressão do objeto. Na prosa o escritor reconstrói o mundo à sua maneira, de acordo com uma coerência lógica específica da Arte. A linguagem, a despeito de metafórica, retrata, descreve, narra e fixa os aspectos denominados históricos que são visíveis e estão ao sabor da observação de todos.

Com relação ao escritor, no caso o prosador, a sua função é a de juntar os dados que a realidade lhe vai fornecendo.

O que muda, em termos do processamento da informação, é a imaginação que colabora na seleção dos dados e no modo como os substitui na estrutura e planejamento do texto, por outros que se equivalem na combinação realidade/imaginação.

No que concerne à forma do texto em prosa temos o conto, a novela e o romance.

O Conto

A história do conto remonta a períodos anteriores à era cristã. Mas é durante a Alta Idade Média, nos séculos XII a XIV, que o conto é intensamente cultivado graças às gestas cavaleirescas e o surgimento de alguns contistas de grande importância na literatura como Boccaccio, com sua *Novelle*; Margarida de Navarra, com seu *Heptâmeron*, e Geoffrey Chaucer, com *Canterbury Tales* que, em seu tempo, elevaram o conto a níveis só alcançados no século XVII.

O gênero firma-se como narrativa literária e no século XX ganha proporções e atinge estágios de erudição e, ao mesmo tempo, fonte de informações sobre costumes, tradições, aspectos urbanos e religiosos de uma época.

A Novela

A Novela, como nós a entendemos hoje, é uma narrativa curta, ordenada e completa relacionada com fatos da vida na forma de ficção, mas contendo uma rara verossimilhança.

A palavra é originária do latim *novellus*, a, um, adjetivo que teve origem em *novus*. De novo por outras vias a palavra derivou para enredado, daí para enredo e ganhou o significado de narrativa enovelada no período que correspondeu à Idade Média.

Um modelo de novela é *A Demanda do Santo Graal*, de 1240; ou *A Morte do Rei Artur*, além de outras denominadas novelas de cavalaria.

Na estética do Romantismo houve uma certa mudança de enfoque e a novela passa a ser uma forma que os escritores mudaram para conquistar os leitores, notadamente a burguesia que havia alcançado o poder e desfrutava de longas e confortáveis horas de lazer. E, sabidamente, um dos prazeres dessa burguesia era a leitura de obras literárias.

Nomes em nossa literatura como os de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Bernardo Guimarães e outros revelaram em seus livros grande influência da novela, acontecendo o mesmo no período realista com Machado de Assis e Aluísio de Azevedo.

No Brasil contemporâneo alguns escritores também sofreram influências da novela, tais como: Graciliano Ramos, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

Como se pode constatar a fórmula não se esgotou de todo. Corresponde, ainda, ao gosto do povo e permanece viva em livros, rádio e TV, com seu enredo complexo, mas de fácil assimilação.

O Romance

O Romance pode ser considerado como uma recriação do mundo. Utiliza-se dos recursos da prosa. Oferece ao leitor uma visão macroscópica do Universo. No Romance o escritor procura abarcar, o mais que pode, no que tange a sua intuição. Por isso, direcionam-se para ele os resultados das outras formas de conhecimento, notadamente a História, além da Filosofia, Política, Economia e Sociologia.

O contrário também vai ocorrer, pois do Romance emana toda uma rede de informações capaz de oferecer ao leitor, ou ao pesquisador, elementos preciosos para se entender a história, a filosofia, a política e a economia.

E no tocante a essa afirmação Foucault afirma:

“A História forma, pois, para as ciências humanas, uma esfera de acolhimento ao mesmo tempo privilegiada e perigosa. A cada ciência do homem ela dá um fundo básico que, a estabelece, lhe fixa um solo e como que uma pátria: ela determina a área cultural — o episódio cronológico, a inserção geográfica — onde se pode reconhecer, para este saber, sua validade; cerca-as, porém, com uma fronteira que as limita e, logo de início, arruina sua pretensão de valerem no elemento da universalidade. Dessa maneira, ela revela se o homem — antes mesmo de o saber — sempre esteve submetido às determinações que a psicologia, a sociologia, a análise das linguagens podem manifestar, nem por isso ele é objeto atemporal de um saber que, pelo menos ao nível de seus direitos, seria, ele próprio, sem idade.” (FOUCAULT, 1985: 388)

Para se ter uma idéia, o primeiro texto de caráter artístico-literário, falando sobre Poços de Caldas, é a poesia escrita por M.V.

Figueiredo, com data de 24 de outubro de 1890, dedicada ao médico Francisco de Faria Lobato.

Poesia

Aqui, d'entre estes montes vaporosos
Aonde a mão de Deus se vê potente,
A mão que rege a vida aos infusórios
E põe em movimento a esfera ardente...

A mão que recamando o céu de estrelas,
O bem por todo o mundo e o mal semeia...
A mão que para conter os oceanos,
Lhe basta a movediça e fina areia...

Aqui, do clima puro e doce e brando,
Que *temperado* é na zona ardente,
Aonde uns magníficos futuros
Começam a sonhar-se no presente...

Aqui, do vale ameno encantador
Há pouco descoberto e já notório...
Onde tem a sábia natureza
Talvez o seu melhor *laboratório*...

Aqui, dos Poços, das ferventes Caldas,
Maravilhas do Céu, dignas de estudo...
Fitando esmeraldinos horizontais,
Doutor Lobato, amigo, eu te saúdo.

Poços de Caldas na Literatura Brasileira: Autores e Textos

Um dos fenômenos mais interessantes, no que se refere à informação, está contido nos livros de literatura, como o romance, a novela, o conto e a poesia.

A despeito de a Literatura ser classificada como uma das formas de arte, pois ela é a criação de uma supra-realidade, não deixa de estar voltada também para o registro e a difusão da informação, pois ela sendo palavra é também signo.

Analisando detidamente as obras literárias, de alguns escritores da Literatura Brasileira, chegamos à conclusão de que alguns deles, romancistas, contistas, novelistas e poetas, contribuíram significativamente para a difusão das águas termais e o nome de Poços de Caldas.

No final do século XIX e início do XX, a estância hidro-mineral mais freqüentada e, portanto, mais famosa, era a cidade de Caxambu.

No século XX predominou no cenário nacional a fama de Poços de Caldas que chegou a ter sua temporada para estrangeiros, com a presença de turistas argentinos e uruguaios e, em menor escala, de alguns países da Europa.

João do Rio, quando aqui esteve, encontrou oportunidade e motivação para escrever. A cidade foi cenário para seu romance epistolar "A Correspondência de uma Estação de Cura".

A despeito de haver morrido cedo, em 23 de junho de 1921, João do Rio deixou uma obra que, anos depois, nos traz importantes informações sobre o que o autor viveu, observou em terras mineiras, ajudando levar o nome de Poços de Caldas a outras partes do país.

Segundo ele, no auge da temporada, a cidade era palco para namoros e noivados; muitos eram os escândalos que ganhavam repercussão nacional; fortunas mudavam de mãos nas roletas e nos jogos do pano-verde.

Por aqui passaram os grandes nomes nacionais fossem eles ligados à política, à sociedade, escritores e artistas famosos.

Isso vem de encontro ao que afirmam Austin Warren e René Wellek sobre escritores:

“O escritor não se limita a ser influenciado pela sociedade, o escritor influencia a sociedade. A literatura não só reproduz a vida, como lhe dá forma. As pessoas, ao ler uma obra literária, podem moldar suas vidas nos modelos dos heróis e heroínas, assim como podem ser influenciadas a viajar pelos lugares descritos pelos quais se movimentam os personagens da história.

Por isso pode-se dizer que a literatura nasce num contexto social, como parte de uma determinada cultura, num determinado ambiente.

Isso vai de encontro ao que o escritor Hippolyte Taine menciona como race, milieu e moment.”

Reconhece-se, então, que a mais imediata situação de uma obra literária é a sua tradição lingüística e literária, e essa tradição, por sua vez, é abrangida por um contexto cultural generalizado. Somente de uma maneira menos direta a literatura poderá encontrar conexões com situações concretas como as econômicas, políticas e sociais. Existem, sem dúvida, inter-relação em todas as esferas da atividade humana. Assim, segundo Taine, raça, meio e momento são três aspectos que determinam bem o contexto escritor/literatura/escrita.” (Wellek, 1971:131)

Assim é que escritores como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Leopoldo Amaral, Coelho Netto, Armando Prado, João do Rio, José Lins do Rego, Menotti Del Picchia, Carlos da Maia, Guimarães Rosa e outros tantos, com seus escritos fixaram o nome de Poços de Caldas no contexto do turismo nacional, numa época em que a informação era precária e somente através de veículos de divulgação como os livros, os jornais e as revistas, conseguia-se fazer com que fosse tomado conhecimento a respeito dos nomes e das coisas do Brasil.

Olavo Bilac

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu em 1865 e faleceu em 1918, Rio de Janeiro. Deixou o curso de medicina para se dedicar ao jornalismo e à Literatura.

Seu primeiro livro foi publicado em 1888, sob o título de Poesias. Ajudou na fundação da Academia Brasileira de Letras. Publicou em 1919 o livro com o título Tarde. Além de sua poesia, deixou crônicas, conferências, discursos, obras didáticas e livros de literatura infantil. Seu estilo envolve a busca da perfeição da escrita. A temática é voltada para o amor sob todos os prismas e dedica-se a falar da pátria e a demonstrar todo o seu nacionalismo. Poeta parnasiano. Entre os seus inúmeros escritos literários salientamos a crônica escrita em 1901, por ocasião de sua visita à cidade para uma temporada de descanso e repouso. Na época contava o poeta trinta anos de idade e já era um escritor famoso e reconhecido dentro da literatura nacional.

Reproduzimos, integralmente, do livro Ironia e Piedade a sua crônica “Nas Caldas”, da antologia de Alexei Bueno “Olavo Bilac: Obra Reunida”, por vermos nela um perfil literário sobre a vila de Poços naquele distante início do século XX. O retrato literário é de grande importância, pois o autor descreve a vila com seu espaço e sua paisagem, como se um artista manejasse um pincel e fizesse o uso das tintas mais destacadas para pintar um quadro de sonhos. A síntese informativa tem sua razão de ser uma vez que o cronista demonstra um grande conhecimento sobre aspectos históricos do local que descreve.

Nas Caldas

Em POÇOS DE CALDAS, por uma gloriosa manhã de ouro e safira. No centro do largo anfiteatro de serras verdes, a vila sorri, formosa e friorenta, no esplendor do dia que nasce, abrindo ao sol o seu estendal de casas brancas. É verdade que estamos em março, no mês dos ásperezos calores? não pode ser verdade!... nunca mais doce inverno ameigou a face de mais lindo pedaço da terra.

Ao lado do Hotel da Empresa, as termas rumorejam, cheias da multidão jovial dos banhistas. É a hora, entre todas amável, em que os corpos, enferrujados pelo excesso do trabalho ou do prazer se vão entregar à ação do banho untuoso e cálido, cuja carícia voluptuosa faz lembrar a do olhar da Sulamita, segundo o ardente poeta do Cântico dos cânticos:

*é doce... porém tão doce,
como se um óleo nos fosse
escorrendo pela pele...*

E, enquanto o sol invade o horizonte, e chamam ao longe os carros de bois, a vasta praça que os hotéis circundam é cruzada de instante e instante pelos devotos de Sulfur. Aí vêm os artríticos, — vítimas da boachira, convivas assíduos dos banquetes da vida, os náufragos das tormentas do pensamento, estragados pelo abuso das delícias da existência ou pelas torturas do labor intelectual; aí vêm os dispépticos, de face pálida, e os obesos, de banhas oscilantes; aí vêm os cloróticos e os anêmicos, que a tísica faminta vive sitiando e espreitando; e aí vêm aqueles que Vênus seduziu e traiu, aqueles que não desconfiaram dos sorrisos de Eros, aqueles que transpuseram sem cautela a porta fatal de que fala o apóstolo: mulier, lata porta quoeducit ad perditionem.

Vinde, ó combalidos! a terra, que é a fornecedora dos males, é também a fornecedora dos remédios: vinde, que a fonte de Juventa vos espera!

Esta risonha vila, esses grandes hotéis, esta alva casaria que se atropela no vale, estes formosos chalets que se derramam pelo pendor das colinas, — tudo isto é moço.

Há trinta anos, o ilustre dr. Pedro Sanches de Lemos, o nune tutelar de Caldas, o gênio benfazejo da vila, o homem em cuja alma o talento e a bondade se uniram no abraço esponsalício, veio encontrar aqui um descampado, com quatro casinhas de telha vã. Os sofredores, que vinham pedir alívio às águas abençoadas, traziam barracas, que armavam à roda dos lameiros sulfurosos, e acampavam ao Deus dará; levantava-se um rancho para os misteres da cozinha; faziam-se preces para que não caíssem chuvas importunas; e, quando o enxofre terminava a sua obra milagrosa, o romeiro, que se via curado enrolava a barraca, e, dando um último olhar de gratidão e saudade à lama rejuvenescedora, lá se ia de novo a caminho das perdições do mundo.

O descobrimento das fontes termais não é também muito antigo. Já as Minas Gerais estavam exploradas e povoadas, quando alguns caçadores portugueses vieram achar no meio do sertão as nascentes fumegantes. As antas esquivas corriam a dessedentar-se nas barreiras da mata; os caçadores voavam atrás delas; — e alguns deles, um dia, pasmaram, vendo que um dos bebedouros dos animais do sertão era uma toalha d'água fervente, de cuja face redomoinhante subiam

línguas de fogo. O acaso, deus misterioso, de olhos cerrados à luz, ainda é e sempre será, neste incerto mundo, o grande descobridor dos tesouros...

O documento mais antigo que o Arquivo Mineiro possui sobre os Poços de Caldas, é um ofício do governador da capitania, Luiz da Cunha Meneses ao ministro Melo e Castro. Esse precioso pedaço de prosa tem um raro perfume de antigüidade; é pena que não haja neste livro espaço bastante para a sua integral transcrição.

Luiz da Cunha Meneses não era um governador indiferente; inquieto e curioso, não tratava apenas de cobrar impostos e sufocar motins; estudava a terra, interessava-se por tudo, examinava tudo. E, assim que teve ciência do achado das fontes ferventes, deu parte delas ao ministro e "comunicou a interessante notícia por toda a capitania e pelas demais confinantes":

Pellas asíduas recomendações qe. tenho feito e faço a todos os comandantes dos Districtos d'esta Capitania (escreve ele ao ministro) sobre todos os conhecimentos físicos e naturais qe. me puderem adequerir, hum dos mais uteis qe. novame. se tem conhecido he o de haver aparecido huas aguas termas tam virtuosas qe. tem curado entre varias molestias a do grande Mal da Lepra qe. tanto persegue este Continente Americano.

Mais adiante, o governador que, versado em "conhecimentos físicos e naturais" não tinha a alma crédula, sorri da ingenuidade das gentes supersticiosas:

"Do mesmo logar já havia hua ignorante noticia, e bem propria do povo pouco iluminado, de qe. naquele mesmo Citio andava. O Diabo, por se ter visto aparecer por varias vezes Lanças de Fogo tam fortes e tam enxofradas, qe. havião chegado a queimar os matos de hua grande parte da sua circumferencia, e com o terrível cheiro do dito enxofre..."

Não é de estranhar que o povo pouco iluminado atribuísse o nunca visto fenômeno às artes do Rebelde. O enxofre é o elemento em que sempre se deu bem o Diabo. Já na mitologia grega, o Tártaro era uma incomensurável e formidável planície de enxofre em chamas; os cinco rios infernais, o Estagie, o Cocito, o Aquereonte, o Letes e o

Flegetonte rolavam ondas de enxofre aceso; o hálito das três goelas de Cérbero vinha saturado de enxofre em fumo; e, quando Minos e Radamanto, no tribunal do Averno, julgavam as almas dos homens, a luz que os alumia era a lívida e pavorosa luz dos archotes de enxofre.

O Cristianismo conservou e manteve essa crença. Eram de enxofre as labaredas que Dante viu no inferno, "di fuoco dilatate falde", chovendo " come di neve in alpe senza vento... "

E, ainda hoje, não há padre católico que não cite, no púlpito, para amedrontar as almas pecadoras, "as caldeiras do enxofre infernal".

Em um dos Dramas filosóficos de Renan, A água de Juventa, — uma timorata monja, a irmã Ducelina, ouvindo falar do maravilhoso elixir de Próspero, exclama: Cette eau ne peut venir que de l'enfer! Il n'est pas étonnant qu'elle brûle... De l'eau que brûle! comment voulez-vous que ce soit naturel?!

Os caçadores portugueses, que descobriram as termas de Minas, tinham a mesma simplicidade da irmã Ducelina. O Diabo tem costas largas... E foi por isso que uma das fontes de Caldas adquiriu o nome, que ainda hoje conserva, de fonte de Pedro Botelho.

Mas bem depressa o Diabo desapareceu da cena, e todos os milagres terapêuticos que se lhe atribuíam passaram a ser atribuídos à misericórdia de Deus, e à intervenção generosa dos santos. Deus e o Diabo... — a inteligência humana, quando quer dar um nome ao desconhecido, oscila entre esses dois extremos do mistério; são dois rótulos diferentes, que se alternam perpetuamente sobre a tampa da caixinha dos desejos humanos...

Não longe do estabelecimento dos banhos, sobre um das montanhas que rodeiam a pacífica vila, há uma capelinha, humilde e velha, onde se guardam as ofertas piedosas dos curados. Até há bem pouco tempo, o doente que aqui chegava com as juntas perras, penosamente arrastando-se entre pragas e gemidos, — não deixava, depois de curado, de ir depositar no interior dessa capela as muletas com que amparara, durante os dias negros do sofrimento, os passos mal seguros. Imaginai com que alegria, com que lepidez de corpo e com que leveza de alma galgariam a montanha esses redivivos, esses lázaros arrancados às garras da dor e da morte, — eles, que, antes dos banhos remoça-

dores, mal podiam rastejar na planície, aos coleios como cobras, ou aos saltos como sapos!

Atualmente, nenhuma nova muleta enriquece o santuário. A incredulidade dos tempos que correm é feroz! quem fica bom, atira as muletas às urtigas... o passa-as adiante, por metade do custo.

Também, a fisionomia atual da vila dos Poços de Caldas não a diria bem com essas manifestações de misticismo. O homem, com a sua audácia sacrílega, captou as águas do Tártaro, senhoreou-se delas, enclausurou-as como tesouros em reservatórios, canalizou-as para confortáveis banheiras; e, em torno das termas, afeiçoou para regalo dos olhos e da alma a natureza rude... Como há de florescer a superstição neste claro vale perfumado, cheio de um ar macio e leve, batido de dia pela soalheira jovial, e iluminado à noite pela claridade argêntea das lâmpadas elétricas? O Diabo, se ainda perde o seu tempo por aqui, está homiziado nos clubs, enchendo de tentações os tapetes verdes, e ironicamente piscando os olhos maliciosos nas casas dos números fatídicos, do zero ao 36...

Doce terra da promessa, de seio aberto aos que a vida fatiga e enferruja! se uma superstição pode aqui medrar é a superstição da tua eterna e providencial bondade! Que pode haver que não dê aos homens, aos pobres vermes que se arrastam sofrendo pela tua face, ó antiga e veneranda Tellus, ó farta mãe carinhosa?! o pão que alimenta, o ouro que abre as portas do gozo, as árvores que purificam o ar, as flores que adornam a beleza, os remédios que remoçam o corpo, — tudo sai dos teus flancos maravilhosos, de uma fecundidade incomparável e de uma inalterável saúde!

E vai alta a manhã... O sol esplende no azul sem nuvens; a casa-ria branca rutila e faísca; pela janela do quarto em que se alinhava esta crônica, entra um grande borboleta, com pedrarias acesas nas finas asas inquietas; e o cronista cuida ouvir a voz cariciosa da terra, clamando na paz da vila formosa:

— Vinde, ó combalidos! vinde que a fonte de Juventa vos espera!”

Coelho Netto

Henrique Maximiano Coelho Netto nasceu em Caxias, Maranhão, no ano de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro em 1934. Teve efetiva atua-

ção como jornalista e, praticamente, viveu da sua produção intelectual. Deixou publicados mais de cem livros, entre crônicas, contos, romances, memória, teatro e poesia. Das suas obras importantes, destacam-se: Sertão (1896); Água de Juventa (1905); Jardim das Oliveiras (1908); Banzo (1913). Sua fidelidade às letras deu-lhe destaque na Literatura Brasileira.

Água de Juventa, escrito em 1904, é um livro cujo título é o mesmo do primeiro conto “Água de Juventa”, dedicado a Leopoldo Amaral, jornalista que registrou a visita de D. Pedro II à nossa cidade em 1886. A história tem por cenário a Poços de Caldas daquele início do século XX.

Seguindo os passos do poeta parnasiano, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, Henrique Maximiano Coelho Netto escreve um conto, cujo tema é a história de amor entre os recém-casados Eduardo e Elza, tendo como foco o drama da impotência sexual de Eduardo.

Sabedor das qualidades terapêuticas das águas termais, o casal vem para Poços de Caldas a fim de resolver o problema.

Algumas passagens do conto revelam o quanto as águas termossulfurosas conseguiram adeptos, numa época em que morrer ou ficar inválido por qualquer doença era a tônica, pois não havia remédio para cura dos males do corpo e, muitas vezes, do espírito.

Água de Juventa³

“A vila de Poços, côncava e mais funda do que uma cratera, entre bordos de outeiros e montes, sob a doçura límpida d’um céu desanuviado e azul, com a sua paz de campo quase entrado ao sertão, é um ferredouro d’águas maravilhosas. [...]”

Com as notícias das curas milagrosas logo cresceu a ambição e com ela foram acudindo ao ermo lugarejo os primeiros habitantes. [...]

Data de 15 de junho de 1786 a primeira notícia escrita dessas águas, acusando a descoberta e preconizando os benefícios nelas

³ Foram transcritos trechos selecionados do conto.

colhidos por numerosos enfermos, muitos deles leprosos. Desde então começou a romagem para o vale feliz. [...]

Com as notícias das curas milagrosas logo cresceu a ambição e com ela foram acudindo ao ermo lugarejo os primeiros habitantes. ”

“Era em março. A estação começara alegre. A terra, ainda encharcada dos abundantes aguaceiros que, sem estiada, durante os últimos dias nublados da semana anterior, haviam alagado os campos e jorrado, em grosso enxurro barrento, pelas vertentes dos montes cavando profundos sulcos, fundamente vincada nos lameiros, mole, espapada, cedia ao andar. Pela relva a água espirrava sob os pés como se se fosse pisando uma esponjosa planura. Não raro luziam charcos. ”

“Nos caminhos recalçados espelhavam poças e o ribeirão das caldas, soberbo e escuro, carreando detritos, aves mortas, gravetos, rolava rumoroso. [...]”

“Grupos de banhistas animavam o imenso largo, raso e lodoso, cortado de vales, cavado em caldeirões traiçoeiros, que o Dr. Lino, médico das águas, pensava em alindar com o auxílio patriótico do governo de Minas, transformando-o em parque, à inglesa, com extensas e aparadas relvas, árvores de sombra, pontes rústicas lançadas sobre os ribeirões, quiosques e, ao centro, o Cassino: um palácio de arquitetura moderna, com salões de concerto, de baile, de jogo, restaurante, biblioteca e um recinto severo, com mapas e ceroplastia, para conferências científicas. ”

“Nas suas correspondências para os jornais de São Paulo, sempre discorria, com argumentos fortes sobre a necessidade do embelezamento da vila, cujas águas reputava superiores às das mais celebradas estações termais da Europa. [...]”

“Dr. Lino era a crônica de Poços — conhecia a história da terra e dos homens. A terra: um encanto! primeiro clima do mundo, águas incomparáveis. Os homens... puuh! [...]”

“Os passeios eram sempre os mesmos. No tempo seco inventavam-se pic-nics, e eram festivas abaladas para a Cascata das Antas: as senhoras em carros enfeitados de folhagens, os rapazes em matungos frouxos; eram ascensões à montanha, almoços na Cascatinha. No tempo das perdizes partiam caçadores a caminho da cidade de Caldas, com farnéis e cães. Mas os giros comuns não iam além do perímetro da vila. [...]”

“À tarde era o passeio à estação, à espera do trem, a ver quem chegava. [...]

Começavam, então, os divertimentos nos salões dos hotéis: danças, jogos de prendas, provérbios e, não raros, poesias recitadas com muita ênfase, cançonetas, coplas de revistas... [...]

À hora do almoço, no vasto salão do hotel da Empresa, o assunto da palestra era o mesmo em todas as mesas: a chegada de um jovem casal, na véspera. Um luxo de príncipes: dois criados brancos — um rapaz e uma moça — e seus malas bojudas, encapadas, além de maletas e bolsas. [...]

Andam em viagem de núpcias, disseram e alguém logo insinuou com perversidade:

— Homem, isto de vir a Caldas um mês depois do casamento... Uhm! Uma senhora magra e sardenta, investiu:

— Isso não! Nem todos que vêm a Caldas sofrem de moléstia do sangue. [...]

Eduardo afastou-se atraindo o médico para o corredor; convidou-o para entrar no seu quarto. A hora não era muito apropriada para consulta, mas tivesse paciência — estava ansioso por ouvir a sua opinião. [...]

... mas a que devia ele atribuir aquele horrendo mal? Chegava a suspeitar de sortilégios, filtros poderosos... Amantes... tivera tantas! Um mês antes do casamento embarcara a última para a Europa, bem dotada e com uma palavra enganadora de esperança. E as outras? Moléstia... Mas que moléstia? Sentia-se forte, bem disposto... [...]

O tempo passava e o dia-a-dia, além das visitas ao Balneário, eram as conversas com o doutor, os amigos recentes e passeios por toda a vila.

Muitas vezes Eduardo confidenciava à esposa Elza o seu desânimo e ansiedade pela falta de resultados no tratamento:

... já não confiava nas águas, aquelas águas que brotavam quentes das veias profundas da terra, como um sangue forte, que renovava as energias gastas, que transmitia vida, mocidade, reparava as desfeitas das moléstias, revigorava, reanimava os debilitados. Quinze dias de tratamento, e nada: a mesma inércia cruel. [...]

Foi à janela olhar o largo, as colinas cobertas de luz e logo os seus olhos viram surgir o grande parque do seu sonho, o cassino, todas as maravilhas criadas pela sua imaginação como se efetivamente as visse ali, sólidas e ricas, atirou o braço num gesto largo: veja... tudo isto aproveitado. Era um fortuna para o governo e um regalo para quem viesse às águas. Porque não há melhores... [...]

E Caldas, a vila santa e formosa, tão alegre, tão viva nos dias luminosos, murcha, silente, enevoadada com lameiros por toda a parte, parecida uma tapera morta. [...]

Uma tarde, porém, o céu aqueceu-se, dourado e sangüíneo. A alegria renasceu. Bom tempo! [...]

Meto-me em casa, bem agasalhado, a ler e as águas que rolem por esses campos, os ribeirões que rujam. É a riqueza da terra. [...]

... olhando aquelas águas soberbas que se despenham brancas, espumando como um rio de leite, d'uma altura prodigiosa e, lá em baixo, perdem-se num fluir sereno, por entre os matos. [...]

Abril, o cerúleo mês, entrará friíssimo, toldado de brumas. Começava a abalada. Os hotéis esvaziavam-se, era como uma precipitada, espavorida fuga. Todas as manhãs partiam famílias e, na estação apinhada, junto ao comboio, era um tumultuoso alvoroço — adeuses, abraços, afirmações de amizade, compromissos de visitas. [...]

À noite, no salão, eram despedidas, às vezes com lágrimas, das que recalavam esperanças, das que viam desfazer-se o sonho de amor. Os doentes falavam das suas chagas, já secas; alguns arregaçavam as calças, mostrando as pernas; outros sacudiam os braços, livres do reumatismo, apalpavam as juntas sem os topos artríticos. Um guarda-livros, que entrara magro e lívido, curvado sobre duas bengalas, arrastando os pés enormes em frouxas chinelas de trança, na véspera da partida apareceu na sala, muito lépido, calçado e com uma rosa imensa na botoeira do jaquetão de flanela. Foi o delírio. [...]

Uma estância como esta não se pode limitar às fontes. Fontes não faltam por essas terras vastas de Minas, mas onde? Em carrascais, em lugares inacessíveis, inóspitos onde só com imensos sacrifícios pode o enfermo chegar e manter-se. Os gregos que, ao lado das fontes, levantavam o templo a Asclépio, tratavam de conservar as florestas das vizinhanças alhanavam arenas para jogos, isto é: auxiliavam a medicina com a sugestão e com as distrações. O deus era um recurso

moral e as florestas corrigiam a tristeza, dissipavam os cuidados, ao mesmo tempo que purificavam o ar, garantiam a água, e os jogos levantavam os espíritos suspendendo-os com o entusiasmo provocado pela vitória de um atleta ou de um carro. Vão lá explicar o seu milagre. [...]”

O final do conto, como era previsível nos desfechos das narrativas da época, mostra como Eduardo e Elza conseguiram resolver a situação do primeiro, numa manhã na Fonte dos Amores. E Eduardo diz ao médico:

— *Foi a natureza, doutor. De repente, com mais desembaraço, explicou: Estávamos juntos à fonte, a olhar a água... Calou-se de novo. O médico tinha os olhos cravados atentamente no seu rosto [...]*

E o médico:

— *Eu não lhe dizia? Foi a despreocupação. O senhor vivia aferrado ao terror, escravizado a uma idéia [...]*

Por fim a despedida do casal:

Eduardo e Elza, à janela do wagon, acenavam ao doutor que agitava o lenço. À volta, perdendo-se a estação [...]

Eduardo, sorrindo, estendeu o braço na direção da montanha e, como iam sós no wagon, mesmo à janela, em face da natureza esplêndida, beijaram-se. E o comboio, a toda a velocidade, rompia as névoas da serra. (COELHO NETTO, 1901: 7-93)

Evaristo Gurgel

Natural de São Paulo. Foi jornalista e escritor. Sua vida foi dedicada às atividades intelectuais. Esteve na vila de Poços no início do século XX e aqui passou longas temporadas, repetindo-as sempre que possível.

Suas observações e seu sentimento em relação ao que viu, estão traduzidos nesta crônica, publicada no jornal Revista de Poços, de 24 de abril de 1904. O texto é pleno de adjetivos, os quais traduzem a simpatia e admiração do escritor pelas belezas locais.

Poços de Caldas — Notas Esparsas

Para quem não pode dispor de muito tempo que consagre ao estudo de uma cidade, de todos os seus estabelecimentos, institutos,

usos e costumes, o melhor método a adotar é lançar um olhar de observação sintética e intensa, embora assaz rápido, sobre quanto ferir a vista, em simples passeio através das ruas e das praças, dos homens e das coisas, da natureza e da arte. É ver sem pretensão alguma a erudito ou a informador técnico e completo. Pois foi o que fiz. Colhi — a vôo — impressões que ao leitor transmito ainda quentes e palpitantes de observação.

Entre os sítios aprazíveis e pitorescos da lendaria e hospitaleira Minas, digna de particular menção é a vila de Poços, sob qualquer aspecto célebre e por notabilíssimos vultos celebrizada. De seguro que o homem, amante da natureza, à medida que se aproxima desta localidade, é obrigado a parar enlevado diante das maravilhas que descobre, do magnífico panorama que a vista descortina por toda a parte. A linda vegetação tropical apresentando-lhe flores de variado matiz, as colinas que se abaixam e, os outeiros que se vão emergindo, como por encanto, aqui precipícios a escancararem fauces medonhas, mais além límpidas fontes a serpearem por vales acetinados de deliciosas alfombras... tudo isto e muito mais que à pena escapa, forma gentil e majestosa perspectiva que extasia o viandante em silenciosa e agradável contemplação.

Do clima só se pode dizer que é salubérrimo e delicioso, pelo menos neste período anual. Não se sente frio, nem tampouco calor; uma temperatura fresca sem deixar de ser amena, seca e constante, que tonifica e enrijece. Ao sair a gente de casa, pelas sete horas da manhã, respira um ar leve e criador que, na sua sensação experimentada, se saboreia como um sorvete gasoso. Todos os elementos naturais que eu acreditava necessários ao restabelecimento de velas le-sões enfadonhas, encontrei-os reunidos nesta terra de eleição, tão benéfica e tão vasta, que não sei o que será maior, se esta sucessão de morros verdes e uniformes, onde a vista se recreia, se as bondades generosas do ar, onde tudo se melhora e robustece, como se fora a inoculação de nova vida.

Tinha visitado todos os sítios recomendados pelo seu clima: Barbacena, São João Del Rei, Friburgo, Petrópolis, Teresópolis desaparecem comparados com Poços de Caldas. Quanto a mim, não sei de trecho de terra mais amorável, mas carinhoso, mais benfazejo do que

este. Paira neste ar, todo penetrado de luz, nesta vegetação de tão grato aroma silvestre, uma doçura, uma meiguice tal, que a gente chega a crer que sobre esta paisagem de écloga há, esparsa e fecunda, como que uma bênção, como que um sorriso do céu. Para os organismos que a luta da existência maltratou, que os desvarios dos pais ou excessos e abusos da civilização debilitaram e comprometeram, que grande laboratório de saúde este, sempre em atividade generosa, dando nos mais abatidos, aos mais desalentados pela moléstia a esperança de cura, o gozo de respirar, o júbilo de viver!

Por toda parte, nas exalações da mata, na festa opulenta do sol, no veludo do ar tão fino e transparente, no canto da passarada tagarela, como que um hino se eleva das coisas da terra, afagadas pela luz das águas, dos campos, das flores e dos ninhos, hino à bondade, imortal que neste canto da natureza, assim se fez radiosa, magnânima, criadora e bendita. Para as almas cansadas, talvez mais que para o corpo doente, este lugar vale pela mais benéfica das consolações, pelo mais espiritual dos bálsamos, tanta e tão doce é a paz que o envolve, tão cheia de alento, tão religiosa, tão amiga a amenidade que o doura.

Leopoldo Amaral

Nasceu em Campinas, São Paulo. Jornalista, escrevia suas crônicas para a Gazeta de Campinas. Esteve presente na inauguração do Ramal Ferroviário de Caldas — Estrada de Ferro Mojiana. Na ocasião pôde relatar, com rara felicidade, a presença do imperador Dom Pedro II e sua comitiva. Dentre os cronistas reconhecidamente competentes do final do século XIX, Leopoldo Amaral é considerado o mestre do “bairrismo” campineiro. Em sua homenagem, a Prefeitura de Campinas encomendou um busto do jornalista ao escultor Lelio Coluccini. Deixou os seguintes livros publicados: A cidade de Campinas em 1900; Campinas: Recordações (1927).

A crônica de Leopoldo Amaral, que encontramos publicada na Gazeta de Campinas em 1915, tem um grande valor histórico, uma vez que o autor foi testemunha de rara importância, como cidadão e jornalista, da vinda de Dom Pedro II a Poços de Caldas naquele dia memorável de 22 de outubro de 1886.

Reminiscências — Ramal de Caldas

Corria o mês de setembro, uma das épocas em que afluem aos Poços de Caldas os banhistas, isto é, aqueles que ali vão procurar os benéficos resultados que as águas termais maravilhosas proporcionam à saúde mais ou menos alterada. Isto foi em 1886.

Éramos três os moços (como é bom e grato dizer-se isto), que nos achávamos no mesmo hotel e ligados por antigos laços de amizade.

Um, o dr. José Negreiros, belíssima inteligência cujo brilho iluminava um coração de ouro, tão cedo desaparecido dentre os vivos; outro, o dr. Júlio Mesquita, atual diretor chefe do Estado; e o outro finalmente aquele que vai ditando estas linhas.

A estrada de ferro ainda não estava concluída até lá. Os trilhos achavam-se a muitos quilômetros distantes. O transporte de passageiros fazia-se por obséquio de vagarosos trens de lastro, da estação de Caldas (depois Cascavel) até a ponta dos trilhos e, daí em diante em trolés, através de escuras estradas de rodagem, a subir a serra, até que, a alta hora da noite, se chegasse moído ao termo almejado.

O número de prédios na vila podia, a esse tempo, orçar por cem, aproximadamente. Poucos hotéis, contando-se os principais que eram o da Empresa (incipiente) e o do Globo e o das Famílias.

Ruas, sem calçamento, atravessadas por pequenos córregos sem asseio.

Os que chegavam aos Poços quase como um dever procurar o médico, que ali residia, havia anos, rodeado de justo conceito como homem de ciência e como cavalheiro de fino trato, o saudoso dr. Pedro Sanches de Lemos, que desde logo captava funda simpatia e espontânea estima.

Era ele a crônica viva da localidade, conhecedor da sua história e de sua gente.

Tratando-se deste lugar, vem de molde, o seguinte trecho histórico traçado pela pena brilhante de Coelho Netto:

A vila de Poços côncava e mais funda do que uma cratera entre bordos de outeiros e montes, sob a doçura límpida de um céu desanuviado e azul, com a sua paz de campo quase entrado ao sertão é um fervedouro de águas maravilhosas.

Remotamente, em dias de quase extinta memória, quando as terras interiores eram apenas desbravadas pelos aventureiros que revolviavam o solo, brocavam as rochas procurando avidamente diamante e ouro, os borbotões que escachoavam em repuxo, à flor da terra, só eram conhecidos dos animais que desciam as encostas e vinham lambe os sais cristalinos nos barreiros ou enchafurdam-se no lodo tépido como se conhecessem a virtude daqueles jorros que golfavam em olheirões ferventes, fumegando.

Data de 15 de julho de 1786 a primeira notícia escrita dessas águas, acusando a descoberta e preconizando os benefícios nelas colhidos por numerosos enfermos, muitos deles leprosos. Desde então começou a romagem para o vale feliz.

Ao tempo a que nos referimos — setembro de 1886 — a população de Poços aguardava ansiosa a conclusão dos trabalhos da linha férrea que a Companhia Mojiana estava executando.

Às tardes, à medida que o assentamento de trilhos se aproximava, havia uma verdadeira romaria, não só de banhistas, entre os quais muitas senhoras de moradores dali, ao ponto onde trabalhavam os operários.

Havia verdadeira satisfação pelo melhoramento extraordinário cuja conclusão se avizinhava, fazendo prever o desenvolvimento e a expansão que, naturalmente, adviriam para esse ponto tão procurado como centro de saúde.

E, nós, os três “moços” acompanhávamos com prazer aquelas manifestações de interesse pelo progresso local, já então começado com a construção do edifício de banhos ligado por um passadiço ao prédio do hotel da Empresa.

Estavam, na ocasião, ali em uso das águas, entre outras pessoas, ao que nos lembramos no momento: o general Couto de Magalhães; um patrício ilustre pelo talento e pelos serviços à pátria e cujas excentricidades despertavam a atenção dos companheiros de hotel. Exigia, por exemplo, que a comida essencialmente paulista, lhe fosse servida nas próprias caçarolas, a ferver. O dr. Joaquim de Paula Souza, amigo inseparável do general, médico, mas que não clinicava. Era um valente “sportman”: as tacadas e as corridas de cavalos, constituíam o seu maior encanto. Foi ele quem aventou pela imprensa a idéia da funda-

ção do hipódromo campineiro; José Paulino Nogueira, estimado negociante em Campinas e que, três anos depois, no posto de honra de presidente da Câmara Municipal, de sua terra, prestou inolvidáveis serviços, desenvolvendo acertadas providências em favor da população assolada por medonha epidemia de febre amarela que, no princípio de 1889, explodira mortífera, enchendo de pavor os habitantes desaparecidos.

Por esses atos de benemerência, que jamais serão esquecidos, a gratidão popular colocou-lhe o retrato no salão nobre da Câmara Municipal e, esta deu o seu nome a um das principais ruas da cidade.

O lavrador Francisco J. de Camargo Andrade (conhecido por Chico Gordo) um bom amigo e atencioso cavalheiro, estimado de todos os companheiros de hotel, grande entusiasta das qualidades esportivas do dr. Paula Souza, e com ele cooperador na fundação do hipódromo campineiro.

Estávamos já nós, os três companheiros de hotel, de volta havia algum tempo, quando chegou o almejado dia em que se realizaria a inauguração do ramal férreo de Poços de Caldas.

Foi a 22 de outubro do referido ano de 1886.

Na manhã desse dia a “gare” da Companhia Paulista regurgitava. Famílias, autoridades, pessoas gradas, uma multidão, enfim, curiosa se espremia, ali, à espera da chegada do comboio de S. Paulo, em que vinham s.s. m.m. imperiais, o sr. D. Pedro II, a sua veneranda consorte e a sua comitiva que, tinham de honrar com a sua presenças as festas inaugurais do referido ramal.

Pouco tempo teve a curiosidade pública que aguardar a chegada do comboio, não podendo, por isso, sentir a prova do melhor da festa que é esperar por ela.

Ao som do hino nacional e vitoriado por estrondosa manifestação de entusiasmo, o trem aproximou-se, lentamente da plataforma aparecendo, então, os venerandos vultos dos imperantes (sic), sem aparato algum. Campinas, o baluarte dos republicanos, houve-se dignamente na recepção imperial. A Câmara Municipal, composta de nove vereadores, dos quais quatro pertenciam ao partido republicano, compareceu em peso, a receber o velho chefe da Nação. Foi um belo exemplo de educação cívica e de respeito à autoridade dominante.

Com ss. mm. vieram o ministro da Agricultura, conselheiro Antônio Prado; presidente da província, conde de Parnaíba; médico do Paço, visconde de Sabóia; presidente da Companhia Mojiana, dr. João Ataliba Nogueira (depois barão de Ataliba Nogueira) e outras pessoas de alta representação social, entre as quais os seguintes representantes da imprensa: dr. Paranhos Pederneiras, do Jornal do Comércio; Maximino Serzedelo, da Gazeta de Notícias; Múcio Teixeira, do País; dr. Rangel Pestana, da Província; dr. Américo de Campos, do Diário Popular; Mondim Pestana, do Correio Paulistano; Léo da Affonseca, do Diário Mercantil, aos quais aqui se reuniram os da imprensa campineira: Henrique de Barcellos e Antônio José Pereira, do Correio; Alberto Sarmiento, do Diário; e o autor desta, da Gazeta de Campinas, e ainda o grande filólogo, Júlio Ribeiro. E o que a nossa memória tem conservado nesse largo período de vinte e nove anos.

Após pequeno descanso dos imperiais viajantes, entre significativas demonstrações de contentamento público, partiu o trem inaugural da Mojiana, composto de diversos carros, sendo um aberto, especial para ss. mm. e comitiva.

Outros conduziam famílias, convidados e gente da imprensa.

O comboio rodava suavemente e, entre os passageiros, predominava a nota alegre e comunicativa de satisfação por aquele importante acontecimento.

Em quase todas as estações intermediárias explodiam manifestações com flores e vivas de entusiasmo aos monarcas.

Nas de Anhumas e Tanquinho a nota, que despertou a atenção geral, foi dada por bandas de música composta de pretos, escravos de fazendas vizinhas, e que, com ardor patriótico, sopravam o hino nacional.

Essas bandas, um ano depois por uma fresca madrugada, abalaram das fazendas, quando os escravos, em massa, fugiam procurando a capital e Santos, por efeito de ativa propaganda abolicionista. Uma delas, certa noite, chegou a S. Paulo e foi surpreender, executando uma marcha festiva, o valente chefe dos abolicionistas, dr. Antônio Bento, em sua residência.

Deixemos, porém, esta digressão, e vamos ao nosso assunto. A viagem transcorreu sem outro incidente interessante, a não ser o seguinte:

Em S. João da Boa Vista o trem parou. Chovia copiosamente e a música do finado professor Azarias de Mello, que ali se achava, enchia os ares com os acordes do hino nacional.

Nesse momento alguém pediu permissão para vir cumprimentar o monarca que, bondosamente, a concedeu. Penetrou, então, no carro um cavalheiro alto, muito delicado e respeitável.

Dirigida a saudação, tirou da algibeira da comprida sobrecasaca uma folha de papel e, sem demora, recitou, lendo, uns versos de sua lavra, e entregou o autógrafo ao imperador. Sua majestade teve palavras de aplauso e de agradecimento para com o poeta. Ao retirar-se, porém, o poeta, o sr. D. Pedro II chamou a atenção do médico, que se achava ao seu lado, para os versos, dizendo, com singela bondade e a sorrir:

— “Estes são como os desejados pelo capitão-mor da “Morgadinha”: chegam ao fim do papel!”

A frase deu no goto e forneceu tema para boas palestras.

O comboio continuou a viagem, a contornar a serra, até que, vencidos os duzentos e poucos quilômetros, entrou na “gare” de Poços de Caldas, no meio de alacre demonstração popular. Músicas e aclamações, bandeiras e flores em profusão.

Os imperiais viajantes e alguns da comitiva foram hospedados pelo coronel Antônio Teixeira Diniz, mais tarde agraciado com o título de barão de Campo Místico.

Outros ficaram em hotéis diversos.

No dia seguinte, dirigiu-se o sr. D. Pedro II, acompanhado de muitas pessoas, para o aprazível local, a Cascatinha, onde um artista tirou triunfante a fotografia do numeroso grupo.

A partida, em regresso, estava marcada para a manhã do dia seguinte. Ss. mm. tinham de ir a Ribeirão Preto e, dali, ao fim dos trilhos da linha Mojiana, entre Batatais e Franca.

Está, ainda, gravada na mente de muitos a lembrança das vertiginosas viagens do bondoso monarca. Ele não conhecia fadiga nem desânimo, não obstante os seus sessenta e um anos de idade, tantos contava ele a esse tempo.

Por isso, na manhã de 24, conforme o programa que havia traçado, declarou que seguiria.

Chovia pesadamente.

Não havia ali um carro. Veio um trole, sem animais.

Afirma o provérbio que quem não tem cão caça com gato. E a parte do felino bichano, dessa vez, coube a seis robustos pretos, escravos, transformados na ocasião em animais de tiro, do veículo imperial.

O imperador e a imperatriz tomaram assentos no trole, agasalhados de capas de borracha e guarda-chuva. E, sob o aguaceiro inclemente, foram conduzidos até a estação por esse meio original de tração animada.

A comitiva imperial, os representantes da imprensa e todos os viajantes, não tiveram outro remédio senão palmilhar o extenso caminho, chapinando o pesado lamaçal.

Daí a pouco a máquina deu o sinal da partida e, após calorosos vivas saiu o comboio imperial, resfolegante.

E foi assim aberto solenemente o tráfego dessa via de comunicação para o privilegiado centro — fonte de saúde — oferecida pelas afamadas águas termais e por um clima delicioso.

Campinas — 1915.

João do Rio

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, adotou por pseudônimo artístico o nome de João do Rio. Jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881 e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921. Eleito em 7 de maio de 1910 para a Cadeira 26, da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Guimarães Passos, foi recebido em 12 de agosto de 1910, pelo acadêmico Coelho Netto. Aos dezesseis anos, ingressou na imprensa. Em 1918, estava no jornal Cidade do Rio, ao lado de José do Patrocínio, fazendo parte do seu grupo de colaboradores. Nos diversos jornais em que trabalhou, granjeou enorme popularidade, sagrando-se o maior jornalista de seu tempo. Algumas de suas obras publicadas: As Religiões do Rio (1905); A bela madame Vargas (1912); A profissão de Jacques Pedreira (1913); A correspondência de uma estação de cura (1918).

“A Correspondência de uma Estação de Cura” é um dos raros romances epistolares que encontramos na literatura brasileira. Foi escrito no ano de 1917, por ocasião da permanência do escritor em Poços de Caldas. A obra retrata características da época porque traz um grande número informações que nos mostra como a clientela burguesa, os jogadores profissionais, os artistas, enfim um conjunto representativo da sociedade, se comportava quando reuniam-se nos ambientes dos cassinos, hotéis e casas de espetáculos da cidade.

O autor, que veio a Poços de Caldas para se curar de uma sífilis, com a terapêutica das águas termais, consegue — com sua fina ironia — captar o espírito e o perfil das pessoa e da sociedade interiorana, com a qual passa a conviver.

Antonio Candido de Mello Souza no prefácio do livro comenta:

“Poços de Caldas era centro de tratamento do reumatismo, doença que se podia declarar; mas também das moléstias venéreas, cujo nome não se pronunciava. Os males secretos do corpo e o furor da jogatina formavam o purgatório daquela superfície brilhante, e por vezes o romancista os junta.”

Nas estâncias daquele tempo o jogo era o grande negócio:

“Fica no fundo uma roleta, que parece complemento e é a oração principal. Tudo aí não se paga — os licores, o café, os charutos, as águas.” (João do Rio)

Conforme CANDIDO, “o jogo envolvia a cidade numa espécie de teia invisível, que João do Rio traduz por meio de imagens sonoras”:

“Duas horas depois de chegar comecei a ouvir o rumor das fichas, compassadas pelos sons roucos dos ancinhos nos panos verdes. Era no hotel. (...) Saí. E o som das fichas continuou a seguir-me. Às vezes vem de cima e parece um regato saltando nas pedras de uma cascata [...]”

“As vigarices, o roubo, a falência, a própria morte podiam estar incrustados nesses barulhos, como a doença estava por baixo do ritmo festivo, inclusive o lençol subterrâneo de treponemas e gonococos, subprodutos de prazer. Muita gente ia aos banhos sulfurosos para dar mais eficácia ao tratamento pela famosa injeção anti-sifilítica “914”, o Neo-Salvarsan que reinava na terapêutica com as suas ampolas solitárias e avantajadas, em caixinha própria. De fato, aqueles rapazes

brilhantes, circulando nos cassinos e dançando com alegria, eram muitas vezes poços de moléstia do sexo, prontos para transmiti-las gentilmente às esposas e amantes conquistadas nos passeios e nas festas.”

Na verdade João do Rio escreve sobre todas as mazelas com sutileza e muita mordacidade, conforme pode-se ver abaixo:

“Vou todas as manhãs a Macacos ou às Termas. Os banhos aí são dados em antiqüíssimas banheiras de pau ou de cimento, cuja higiene, se não fosse água sulfúrica, deixaria muito a desejar. Mas aí as horas do banho reúnem batalhões de todos os hotéis, dos variados hotéis, pensões, hospedarias da cidade de cura. E eu tenho o prazer macabro de desiludir-me, de ver a intimidade de uma porção de desconhecidos.

Não há elegantes. Em Macacos predominam as mulheres donas de uma vida que denominam alegre. Nas Termas, homens de trabalho que sobem a montanha por necessidade. À tarde, quando vejo os cavalheiros bem vestidos, rindo nos passeios ou conversando nos salões da roleta; à noite, quando encontro, pintadas e estridentes, em torno das mesas de bac (bacaará) ou de campista, as damas — lembro-me das manhãs. Vês aquele rapaz que dá gargalhadas? Foi retirado de uma banheira quase morto. Vês aquela mulher, cheia de jóias? Inteiramente perdida. Os consultórios dos médicos ligados às Termas lembram os teatros nos dias de enchente. Os facultativos mais práticos põem em fila os clientes do mesmo mal e ministram-lhes sucessivamente a mesma injeção. Horror! São artríticos, reumáticos, gafentos, ulcerados, avariados — o pobre, o terrível mundo [...]”

O mundo, em torno das águas, era um universo à parte. Fluía, como fluíam as águas e as idéias, registra o escritor. Falando de um famoso teatro local, João do Rio assim o descreveu:

“O Politeama é um teatrinho simpático, que arruinaria qualquer empresário sem a colaboração eficiente dos clientes no hotel, na roleta e campista.

A platéia é ocupada pela claque e por uns rapazolas da terra, alguns de pés nus. As frisas são destinadas às damas que moram em pensões e ceiam no Éden. Os camarotes têm as famílias [...]”

Outro cassino descrito:

“O Gibimba é que dava um quadro para nossa revista. Imagina uma casa térrea, de esquina, com quase cem metros de comprimento. Na primeira parte, bacará e roletas; seguem-se o botequim, depois o café-cantante, depois o restaurante...”

Além de registrar todas as curiosidades, descrever a cidade com seu aspecto de província, João do Rio, numa de suas cartas, encerra:

“Bendita estação de cura! — maravilhosa paisagem em que nenhum de nós reparou! banho milagroso que nenhum de nós tomou com outro fim senão o do asseio! precioso hotel, que reuniu tanta gente...” (JOÃO DO RIO, 1992: 23 a 119)

Felinto de Almeida

Francisco Felinto de Almeida é um escritor brasileiro naturalizado. Nasceu no Porto, Portugal, em 1857 e faleceu no Rio de Janeiro em 1945. Fundador e membro da Academia Brasileira de Letras, Cadeira 3. Escreveu peças para teatro, crônicas, poesias e romances. Deixou publicados os seguintes livros: *Lírica* (1887); *Cantos e Cantigas* (1915); *Dona Júlia* (1938); *Harmonias da Noite Velha* (1946 — Póstuma).

A breve crônica, abaixo, é bastante singela e soa como forma de agradecimento e, ao mesmo tempo uma conclamação, dizendo a todos que amem a vida e busquem a saúde. Foi publicado no Rio de Janeiro e, depois, no jornal *Vida Social*, em 24 de março de 1924.

Estância Benéfica

Vós, meus amigos, se ainda não fostes, não podeis fazer idéia do ar de Poços de Caldas, do ar leve e fino que entra nos pulmões como bálsamo sutil que lhes dá trabalho, antes os lava e fortifica e até muitas vezes os cura se os encontra enfermos e combalidos. O céu de Caldas é um espetáculo maravilhoso, regalo dos olhos e da alma; e o seu sol não queima, nem incomoda as epidermes mais sensíveis: limita-se ao trabalho honesto de aquecer, e ao seu ofício benfazejo de alumiar. A temperatura normal, mesmo no terrível março que aqui nos prostra, nos queima e não raro nos mata, é lá uma carícia feminina fresca e voluptuosa, que igualmente se sente na pele ao léu do rosto e das mãos e na pele do corpo coberta de linho ou de lã. Deste conjunto de elementos naturais, mesmo sem nenhum dos outros, valeria a pena ir lá, resulta para o forasteiro mais que a felicidade, a beatitude.

Carlos da Maia

Carlos da Maia é o pseudônimo de um advogado paulistano, jornalista e cronista, que escreveu durante muito tempo artigos para O Combate, jornal de prestígio em São Paulo. Suas crônicas sobre Poços de Caldas foram publicadas nos meses de fevereiro e março de 1925, resultando depois no livro com o título “Uma Estação em Poços de Caldas” .

Os textos foram redigidos numa linguagem direta e objetiva, trazendo em seu bojo, a visão de seu autor sobre a Poços dos meados dos anos de 1920. Carlos da Maia aborda em suas crônicas assuntos diversos, tais como: social, político, econômico, cultural, urbano e, sobretudo, o turístico.

“As ruas não são calçadas; os jardins públicos exigem mais solitudine e a cidade, em geral, está a reclamar uns tantos melhoramentos para se tornar, como merece, uma “urbs” digna de sua riqueza, porque Poços é rica pelos impostos que arrecada. Só os tributos sobre o jogo, explorado em toda parte, produzem anualmente muitas dezenas de contos, que deviam ser aplicados em benefício local. [...]”

“Algumas ruas conservam vestígios de remota macadamização...”

Refere-se a um aspecto político local, sobre o qual tece breve comentário, de certa forma com indignação:

“Por uma anomalia de administração, o prefeito é nomeado pelo governo do Estado.”

Sobre o jogo, o escritor faz as suas considerações, inclusive estabelecendo comparações com o praticado na cidade balneária de Santos - SP.

“O pano verde — será preciso dizê-lo? — é o maior passatempo da estância. Joga-se em toda parte, nos grandes hotéis e nos clubes especialmente fundados para tal fim.

O vício, entretanto, está longe de ser aqui pernicioso como em Santos. E a razão é simples: na cidade paulista de beira-mar, a roleta, o campista e o bacará, funcionando às escancaras nos inúmeros cassinos da praia, são acessíveis a todas as classes: à volta do pano verde, na maior parte desses antros de perdição, aglomeram-se populares,

domésticos, operários, carregadores do porto, indivíduos das mais humildes condições e que, atraídos pelas seduções do ganho fácil, deixam aí suas economias e acabam perdendo o hábito do trabalho, engrossando o número, já avultado, dos madraços de toda espécie. Até crianças se corrompem nesse ambiente deletério, familiarizando-se cedo com a conhecida estrada que leva a todos os crimes.

Em Poços, porém, não é assim: o jogo está submetido a rigorosa fiscalização, não sendo franco a vadios e desocupados e, muito menos, a pessoas menor de idade. Nos hotéis é permitido exclusivamente aos hóspedes. Nos clubes, a entrada é proibida a estranhos, obedecendo a distribuição de convites a um critério de severa seleção.

O jogo, mais do que a excelência das águas sulfurosas, atrai todos os anos milhares de forasteiros a Poços. O pano verde é a própria vida da estância, que não teria certamente a animação palpitante dos hotéis e dos clubes se não fosse o complemento do vício. O curioso é que ele não constitui, para os habitantes do lugar, a clássica escola de perdição, visto serem raros os pocenses (sic) que se viciam na jogatina freqüentada quase exclusivamente por veranistas. (MAIA, 1925: 18 a 164)

Alguns fatos verídicos da época, relatados por Maia:

** Hóspede do Grande Hotel, Santos Dumont esteve em Poços de Caldas para um período de descanso. Houve uma tentativa de se fazer uma homenagem a ele, mas o inventor não pôde receber os manifestantes, pois estava cansado e doente.*

** Na data da sua inauguração, a 8 de fevereiro de 1925, a direção do Cassino Caldense convidou as pessoas e famílias mais influentes da cidade. A festa foi organizada e aconteceu no pavimento superior do cassino. Devido ao peso excessivo, o assoalho não suportou e tudo foi abaixo, proporcionando um grande susto e ferimentos em inúmeros participantes do evento.*

** Presença marcante na cidade era a do poeta santista Martins Fontes. No ano de 1925 o escritor fez uma palestra no Teatro Politeama, cujo título era "O que os Cegos Vêm.*

A divulgação dos grandes hotéis e cassinos era parte da estratégia, talvez inconsciente, da Poços dos anos de 1920. Carlos da Maia, em uma de suas crônicas, publicadas à página 21 do seu livro, menciona:

“O Ponto”, no capítulo dos clubes, é o mais antigo dos cassinos e dos mais frequentados. Dos grandes hotéis desertam para ele senhoras e cavalheiros, que aí encontram atraente centro de diversões. Tudo ali seduz o forasteiro — as instalações vastas e confortáveis; a música sugestiva do “jazz-band”; a atmosfera de ordem que se respira em torno das mesas de pano verde... [...]

Outro centro de diversões muito frequentado e que se recomenda pela seleção dos convidados é o “Bridge Club”, notável por suas vesperais elegantes e seus saraus ultra-chics durante a estação. As vesperais, às quartas e sábados, têm o concurso de excelente “jazz-band” e de grandes artistas especialmente contratados em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Mas o escritor ressalta:

“Os grandes hotéis, sob o ponto de vista arquitetural, são a negação do bom gosto. E o próprio edifício do Pálace, apesar de moderníssimo, está ainda por terminar, não destoa da regra, por sua construção pesada, assemelhando-se a uma vasta Casa de Detenção ou a um severo convento de Franciscanos.

“O Hotel da Empresa tem sobre as telhas o peso de quase meio século. Precisa vir abaixo. Entretanto o que conta é o excelente atendimento e atenção com os hóspedes.

Falando das águas, Carlos da Maia, assim se expressa:

“Louvado Deus, não vim a Poços a tratamento de Saúde, senão para repouso de espírito, na paz do vale e das montanhas. [...]

O doutor Agnelo Leite Filho é aqui um dos nomes mais competentes e reverenciados por sua capacidade e por seu estudo completo e consciencioso sobre o valor terapêutico das águas sulfurosas. [...] Todas as nossas águas vertentes potáveis, existentes nessa região de dez quilômetros de extensão por dez de largura, à montante da cidade, precisam ser desapropriadas, com a necessária celeridade, pelo governo mineiro, a fim de que a nossa estação de águas possa organizar-se de acordo com os preceitos da ciência e da arte.” (MAIA, 1925: 21 a 159)

Mário Rodrigues

Nasceu em Recife, PE, no ano de 1890 e faleceu no Rio em 1930. Jornalista e escritor, trabalhou no Correio da Manhã, do qual foi diretor de 1922 a 1925. Fundou no Rio de Janeiro os jornais A Manhã, em 1925 e Crítica, em 1929, nos quais também começaram a trabalhar seus filhos, entre eles o cronista e teatrólogo Nelson Rodrigues. O episódio trágico e curioso que envolve Mário Rodrigues deu-se no jornal Crítica, quando a sua equipe resolveu publicar matéria sobre o divórcio de uma milionária. A mulher, revoltada com a notícia, foi procurar Mário na redação. Este havia saído e quem a recebeu foi Roberto, seu filho. Assim que fechou a porta do escritório para falar com ela, esta sacou uma arma e atirou. Mário, bastante abalado com a morte do filho, começou a beber muito e faleceu dois meses depois.

O texto "Poços de Caldas", contido no livro *Babel (Crítica Social e de Arte)*, de Mário Rodrigues, é uma crônica de viagem na qual o autor alterna momentos de insatisfação e crítica e rasgados elogios à cidade e seu povo. Traz observações positivas sobre o aspecto geral da urbe e sua população, além de estabelecer comparações com as estações balneárias da Europa.

Pelo retrato em branco e preto que o cronista desenha, iremos reproduzir toda a crônica a qual, por si, é a síntese daquilo que todos os escritores escreveram ao longo dos anos em que vieram à estância e marcaram as suas impressões na folha branca do papel.

Poços de Caldas

"Logo que passamos para o trem da Mojiana, em Campinas, diversos cavalheiros assediam-nos. Cercam-nos os agentes de trinta hotéis de Poços de Caldas, que requestam, ao mesmo tempo e com a mesma loquacidade, a nossa preferência. Há também os caixeiros de um médico da estação de cura, empenhados em idênticos processos de reclame. Cada um daqueles recita-nos ao ouvido o cardápio da casa a que serve; afirma-nos o lustre da sua freguesia habitual; oferece-nos vantagens de toda sorte; e adverte, "sem interesse, bem entendido", que as outras pensões arrancam o couro e a camisa dos seus hóspedes; para mais, são verdadeiras pocilgas. Os pregoeiros da miraculosa ciência do clínico começam por indagar se já temos algum em vista.

Indicamos um: dr. Agnello Leite, ou dr. Faria Lobato, ou um outro entre os profissionais de maior importância ali. Quando não arremetem contra a reputação do nome designado, fazem cara compungida para dizer-nos que, infelizmente, Fulano está fora da cidade. Mas tudo se remedeia com o dr. Mário Mourão; é uma notabilidade; e impingem-nos os seus folhetos de propaganda. Enquanto não nos resolvemos a uma escolha, os italianos ou os portugueses interrompem uma vez por outra os seus artifícios de sedução, injuriando-se. A um canto do vagão, forma-se, afinal, uma espécie de cena de pugilato — indene de conseqüências. Os próprios oficiais do ofício apartam os contendores e uns e outros volvem às escaramuças, cessada a comoção do incidente. Um tipo gordo de corretor segreda-nos a vantagem do seu hotel. É que se comunica com um cabaré, onde “o freguês encontra pessoal escolhido”. Quanto ao concerto do sangue para injeções de mercúrio ou 914, “desculpe a franqueza”, só Fulano; este nunca teve um acidente; e dos seus colegas de Caldas quase nunca se escapa. Tudo isto ocorre à vontade das partes, em feira livre. A administração da Estrada faz vista grossa sobre os incômodos a que se condenam os passageiros.

Uf! Chega-se a Caldas! A locomotiva há duas horas que resfolegava galgando aquela altitude, aqueles mil e duzentos metros acima do nível do mar, por uma linha riscada em curvas, sobre viadutos e outras obras de engenharia, como entre precipícios, a contornar em ascensão serras gigantescas e a fugir das profundíssimas depressões dos vales abismais. O interior de S. Paulo oferecera-nos perspectivas soberbas, pelos sinais de trabalho febril evidente em toda parte. Vamos ver uma cidade de Minas. Na estação há uma azafama extraordinária. O trem, repleto, despeja talvez duas centenas de pessoas, e mais de duas aguardam os viajantes, em expectativa propositada ou por simples curiosidade, num brouhaha do inferno. Vamos para o Grande Hotel. E é no caminho, num breve golpe de vista, através de uma rápida corrida de automóvel, que recebemos a primeira impressão maravilhada daquela estância de saúde, onde se vive, em pleno sertão do Brasil, a mais elegante e intensa vida européia. O táxi nos conduz por uma linda praça, salteada de jardins; mais adiante, fixa-se-nos a objetiva num boulevard, sem que o francesismo perca a sua expressão singular de movimento, de graça ambiente, de esplendor, de luz, de pitoresco; e outros automóveis, carros, charretes entrecruzam-se

àquela hora, emprestando à cidade um aspecto ciclorâmico, em que irrompem vôos de belas écharpes brancas, e se nota a alegria espoucante de uma estudantina em férias. Assim de começo, longe de nos imaginarmos num lugar freqüentado por enfermos — e que espécie de enfermos! — apresenta-se-nos uma cidade que é, por assim dizer, a metrópole da alegria. E o inaudito firmamento de Caldas! É um céu de porcelana azul, lavado de espiritualidade e saturado de toda a pujança de vida dos elementos universais. Erguemos os olhos para o alto e sentimos de pronto se nos renovarem no espírito os altos prazeres da existência. Dizem-nos que a temperatura está em 15 graus; e o cristal da tarde reflete-se numa atmosfera de sonho helênico; e o sol, glorioso, majestático, incomparável, parece animar idílios e romances, antes de se despedir do dia.

Cheio o Grande Hotel. À entrada, chega-nos os ecos de um tango que a orquestra peneira no primeiro andar, onde se dança desde 1 hora. Durante o jantar, porém, é que temos a visão de conjunto da sociedade ali reunida. Alguém nos presta informações iniciais e, destarte, vamos conhecendo pouco a pouco arqui-milionários, comerciantes do Rio, de S. Paulo e de Pernambuco, fazendeiros, industriais, políticos; senhoras sentam-se às mesas em trajés de banquete, e reluzem colares, verdadeiros ou falsos, como uma formosa nota de distinção, bom gosto e opulência. Perto da nossa mesa, um inglês devora taças de champagne. Fora fazer uma estação de cura, e segundo os cálculos dos nossos vizinhos, ingerira durante a tarde doze ou quatorze whiskys. Deve ter trinta anos, é um dos diretores principais de uma companhia importantíssima e, se não nos engana, sofre do clássico spleen da raça. Mas logo nos aparece um alemão, o maitre d'hotel, secundando o empregado incumbido de nos atender. Esse, sim, é um gentleman. O homem multiplica-se, distribuindo entre os convivas de cinqüenta mesas. Os seus rr arrevesados disfarçam-se em gentilezas de uma correção absoluta. Com a casaca irrepreensível, ajustada ao corpo de hércules, e com um sorriso de candidez de criança, ele conquista as simpatias de todo o salão. E vá-se dizer que, tendo gente dessa ordem, a Alemanha está morta... Fialho de Almeida, depois de saborear uma das lendárias sopas de sua terra, disse uma vez que a coesão étnica de um povo se revela principalmente por três coisas, literatura, história e comensais: romances e poemas dando o caráter lírico e afetivo, história dando o caráter heróico e, por fim, os pratos nacionais dando o caráter físico — este último, como se sabe,

impulsionando os outros. Já antes Brillat-Savarin fizera a paráfrase — “dize-me o que comes, dir-te-ei quem és.” Comendo essa noite um lombo de Minas, com feijão branco, maravilha culinária do Grande Hotel, compreendemos melhor toda a grandeza e potencialidade do berço da Inconfidência. Pena que estivesse, no cardápio, em francês, deturpando-se a cor original e regional do acepipe de deuses gastronômicos. Terminada, entretanto, a refeição, passa-se ao fumoir. Aí nos prende a atenção a figura austera de um homem, para o qual se voltam um minuto todas as vistas. Nomeiam-no. Conhecemos assim o dr. Washington Luiz, candidato à presidência de S. Paulo, e que nos surpreende nos dias seguintes com a sua atividade de sportman, a empreender excursões arriscadíssimas, num pequeno automóvel Ford, para visitar fazendas remotas, examinar certas qualidades de gado ou simplesmente descobrir aspectos novos de uma natureza formidável. Em companhia do senador José Bezerra, seu amigo íntimo, com que s. ex. priva durante os vinte dias da nossa estada em Caldas, o futuro chefe do governo paulista constitui, pela simplicidade e pela modéstia dos seus hábitos, um tipo à parte naquele meio desconcertante.

E o jogo? A orquestra recomeça a tocar, às 9 horas, no salão de bailes. Aqui, renovam-se as danças. Junto, acha-se o salão de jogo, dentro do hotel. Em torno da roleta, agrupam-se cavalheiros, que jogam, e senhoras, que torcem. Um riquíssimo fazendeiro da zona pede um conto de réis em cartões, enche o pano, marca todos os números e, estranhamente, acaba ganhando. Esse sublinha cada golpe com uma anedota local, cheia de pitoresco, e mesmo as pessoas que estão de olhos injetados, a fisionomia aflita, perdendo, deixam-se arrastar pelas gargalhadas coletivas nesses momentos. Observo um comerciante do Rio, conhecido menos pela sua fortuna colossal, que pelo seu equilíbrio. Vejo que a roleta o convida e ele resiste. De vez em quando, passa a mão pelos olhos, dá umas voltas, vai assistir ao one-step, que se dança na outra sala, e volve ao mesmo lugar, angustiado. Parece haver naquele ponto olhos de serpente, atraindo-o; o pássaro irrequieto vai cair. Em pouco, ele tira do bolso uma cédula de cinqüenta mil réis e arrisca; não demora que se levante com um prejuízo de quinhentos; e a contar dessa noite, paga todos os dias o seu tributo. Mas um advogado, que dera na véspera um tiro de um conto, perde então mais de três. Tem o rosto congestionado. Cada vez que se anuncia o número, ei-lo que se contorce, limpando bagas de suor copioso.

Nos intervalos das danças, as matronas e as moças colocam algumas fichas no 13 ou no double zero. Que casquinada de risos argentinos, quando ganham, e que encantadoras pragas, quando perdem! Apesar do jogo, não se desprezam os flirts gentis aos cantos das janelas. Adverte-se uma senhora recém-chegada acerca dos perigos que corre o seu marido — certo capitalista maduro de anos — entre aquelas tentações. Ela franze os lábios a modo de quem tem a absoluta certeza de uma imunização fatal. Ao cabo de dez banhos do coronel X, essa mesma senhora torna-se uma espécie de sentinela à porta do cabaret. No cabaret, à meia-noite, a alma dos hóspedes mais venerandos, livre da vigilância familiar, expande-se com um oh! De alívio. Cinco artistas cantam coplas ou dançam maxixe. A orquestra forja um ambiente de fogo. Os médicos recomendam a água Prata ou Caxambu... Toma-se champagne. E a roleta lá dentro, ao fundo, a atrair os assistentes. Agora, grita-se que há um banco de um conto de réis; uma onda de jogadores corre para o baccarat. Não nos esquece o gesto de um boia-deiro de Minas que, nesses instantes solenes, para que toda a gente veja, puxa da carteira um maço de notas de quinhentos, a cuja vista o banqueiro sorri confiantemente. A mesma cena passa-se nos outros hotéis e nos clubs.

De dia, passeia-se. A cidade que é um mimo de ordem, sorridente na graça da sua edificação moderna, euritmica no desdobramento geométrico das suas avenidas e das suas ruas, exuberante de fulgor e tranqüila de sombras augurais na pujança da sua arborização, mostra, a cada passo, panoramas da magnífica beleza. E o clima, só o clima, é um mensageiro da cura.

Não compreendemos como num país que possui uma estância paradisíaca da natureza de Poços de Caldas, ainda exista quem se lembre das estações balneárias da Europa nas crises de saúde. Porque em Caldas depara-se-nos tudo — desde os prazeres prediletos aos rastacueros e aos fúteis, até os encantos de uma existência calma e pura, em que seja agradável vencer a morte, pela elevação estética da vida...” (RODRIGUES, 1923:57a 71)

Armando Prado

Advogado e escritor. Segundo o jornal Folha da Manhã, foi deputado. Nasceu em 1880 em São Paulo. Figura como um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo.

A novela *Sem Rei Nem Roque* tem por cenário a cidade de Poços de Caldas no ano de 1925. O autor vem à estância balneária para uma temporada de descanso. O que ele encontra torna-se assunto de uma novela na qual externa suas impressões ora favoráveis ora negativas.

*Sem Rei Nem Roque*⁴

“Depois de fatigante viagem, na quentura de forno do vagão, com as janelas fechadas, respeito da poeira e do sol, Jorge e Lúcia acompanhados de um criadinho, desceram na estação de Poços de Caldas. Largaram o conhecimento da bagagem nas unhas ávidas do carroceiro. “Atiraram-se para as almofadas puídas de certo carro que estalava por todas as juntas e, ao trote moroso das bestas, rodaram até a casa que um próprio contratara de antemão. Casa!... Não me exprimo bem quando escrevo casa, pois aquilo, onde eles iam morar, eram dois acanhadíssimos compartimentos...” [...]

“Infame terra! exclamou Jorge, abatendo-se desalentado sobre uma cadeira. [...]

“As vias públicas de Poços de Caldas eram monótonas, imundas e poeirentas.” [...]

“... ofereciam-se aos raros compradores frutas velhas, bananas meio podres, laranjas encarquilhadas, mamões flácidos, deformados por machucaduras bolorentas.” [...]

“Chegava-se então à Fonte de Sinhazinha, esborcinando pilarete de cimento de cujo seio rompia uma ponta de cano de ferro escorrendo devagar uma cordinha de água sulfurosa.”

“Quem beirasse a barranca do ribeirão, tendo em baixo as correntes fracas e sujas a continuar na sua atividade erosiva, daria, a subitas, com original anúncio. Letras escandalosamente azuis e grandes, pintadas no arco de um portal, indicavam um consultório de moléstias ocultas e de pele. [...]”

“Ao fim do trajeto, estava a leiteria da cascatinha. Vacas nédias esmadrigavam-se nos campos, que a estrada riscava tortuosamente, indo morrer entre as protacções dos morros. [...]

⁴ Foram seleccionados somente os trechos que registram as impressões realistas do seu autor.

“Após dois banhos, Lúcia apanhou insuportável dor de dentes. [...]”

“Em verdade, sobre as vésperas de partir, não andara porventura todo radiante o marido, a cantarolar, a rir-se à-toa, a fazer piruetas e a louvar adjetivosamente a cidade de Poços de Caldas que chamava enternecido e bíblico, a Terra da Promissão dos cansados, a Canaã dos neurastênicos, golfando águas benfazejas, no meio de morros agrestes, tão propícios à poesia e à cisma?” [...]

“Entretanto, à Lúcia, mui pouco acessível ao romanesco, Poços de Caldas com a sua poeira amarela e a sua cinta de montes soturnos, parecia-lhe horripilante lugarejo, paralisado em abandono melancólico. [...]

“Bestas ociosas pastavam nas praças públicas. Pés de fumo floresciam gordurentos nos telhados desembolsados das casas.” [...]

“O caipirismo da gente era total. Moças que transitavam pelas ruas, usando o cabelo sempre em trança bamboleante ao comprido das costas, vestiam todas da mesma forma umas roupas em tons gritantes, umas saias de chita muito engomadas, trescalando a água de cheiro de mascate turco. [...]

“Nas vezes que saía, Lúcia observava um fenômeno insuportável. Quando ia a caminhar, das janelas das moradias que lhe ficavam adiante, rostos curiosos pendiam esperando-a. Ela se aproxima e as faixas que se recolhem, para de novo espiarem depois que ela havia passado. [...]

“Das portas dos ferragistas, dos armarinhos e das vendas; da calçada ao pé das farmácias; dos valhacoutos onde se matava o tempo em cavaqueiras e gargalhadas, os mandriões, vendo-a perto, deixavam de remorder na reputação alheia, pasmavam, desejavam, cochichavam.” [...]

“Eu percebia a mentira. Severino ia para a Santa Casa... Diante da surpresa de Lúcia, dona Mathilde explicou:

— Santa Casa aqui é onde se hospedam as moças da pandega. [...]

“Andorinhas pousadas nos fios telegráficos mexiam as cabecinhas trêfegas, examinando o transeunte melancólico. Espalhado cheiro de floresta subia de toda a parte. Havia um magoado pôr-de-sol sobre as serras pulverizadas de ouro. A luz da tarde fugia empalidecendo docemente, vagarosamente, imperceptivelmente quase.

Ao longe, encosta acima, na estrada sinuosa, uma criança caminhava, carregando um feixe de galhos secos.

Jorge sentia-se triste e farto. Já aborrecia Poços de Caldas, porque ali roçara por estúpidas baixezas. São Paulo surgia no seu espírito doente como cidade redentora. Entretanto fora a fadiga, causadora pelos atropelos da existência em São Paulo, que o impeliu a Poços de Caldas, onde contava lograr algumas horas de repouso.

Oh! Contradições da alma! Oh! Flutuações dos desejos! Oh! Largo mundo de aspirações impotentes! (PRADO, 1926: 93 a 114)

Artur Azevedo

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, jornalista, poeta, contista e teatrólogo nasceu em São Luís do Maranhão a 7 de julho de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1908. Como seu irmão, Aluísio de Azevedo, pertenceu ao grupo que fundou a Academia Brasileira de Letras.

No jornalismo teve espaço para desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou, junto com Machado de Assis, Olavo Bilac e Coelho Neto, publicações literárias de grande importância no seu tempo. Com Lopes Cardoso, em 1879, dirigiu e editou a Revista do Teatro e durante trinta anos sustentou a campanha que culminou com a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a cuja inauguração não pôde presenciar.

Mesmo escrevendo seus contos desde 1871, somente em 1889 decidiu reuni-los no volume Contos Possíveis, dedicado a Machado de Assis, que era seu colega na Secretaria da Viação e um dos seus mais severos críticos.

Tanto no conto como no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor de assuntos do cotidiano da vida carioca e arguto observador dos costumes da capital do Brasil.

Suas comédias registraram aspectos importantes da vida e da sociedade do Rio de Janeiro naquele final do século XIX. Através delas sempre haverá um documentário sobre o desenvolvimento da cidade cultural e antiga capital brasileira.

O fragmento abaixo (p. 62) está contido em *Contos, Obras Imortais de nossa Literatura*, Editora Três, volume 21, 1973, Rio de Janeiro-RJ.

O conto em questão apresenta duas caricaturas as quais se tornariam lugar-comum: a figura do paulista endinheirado e ingênuo e a imagem do carioca malandro, bilontra como se dizia naquele início do século XIX, que lhe aplica o golpe.

Em uma das passagens do texto há o seguinte diálogo que coloca Poços de Caldas como referência de um cenário.

História Vulgar – Fragmento

– Cavaleiro, creio que já nos encontramos.

– É possível.

– Mas onde? Não me posso lembrar?

– Em São Paulo?

– Não, não creio.

– Talvez em Poços de Caldas. Estive lá duas vezes.

– É isso. Foi em Poços de Caldas! O cavaleiro é paulista?

.....

– Tu alguma vez jogaste?

– Já, em Poços de Caldas, mas jurei que nunca mais jogaria.

Alberto de Oliveira

Nasceu em Palmital do Saquarema, RJ e faleceu em Niterói no ano de 1937. Poeta do período parnasiano. Após a morte de Olavo Bilac, foi eleito o Príncipe dos Poetas Brasileiros. Como poeta expressou-se numa linguagem rebuscada e a sua temática é toda voltada para as coisas da natureza.

Suas obras são: *Sonetos e Rimas* (1885); *Versos e Rimas* (1895); *Poesias* (escritas entre 1900 a 1927); *Ramo de Árvore*, 1922. Esteve aqui no ano de 1901, para um período de repouso.

Alberto de Oliveira escreveu dois poemas, quando de sua estada em Poços de Caldas. O primeiro deles é um soneto, que tem por título *Água que Reza* e é inspirado na queda d'água da Fonte dos Amores.

Água que Reza⁵

A água clara que vem da serra, em giro vário,
A alma de alguma freira em sua correnteza
Talvez guarda. Em murmúrio eternamente reza.
São-lhe os seixos que rolam, as contas do rosário.

Reza pelo irmão rio, em que lodo e grandeza
Andam juntos no desvairado itinerário;
Reza por que se humilhe e cedro centenário,
Sempre altivo, e se abrande as rochas a dureza.

Reza por toda flor ou todo inseto enfermo,
Não é cascata aquilo: é de joelhos, no ermo
Ela a rezar mais alto e mais solene assim;

Olha o seu longo véu. Toda é piedade e mágoa.
Reza por todos nós. Freira mudada em água.
Reza por mim.

O poema abaixo, sem título, foi inspirado na paisagem natural que rodeia o recanto turístico.

Este recanto, amar tudo convida
Que amor é vida,
Mas a quem pôs aqui tanta beleza
À alma da natureza
Uma oração mandai;
Amai! Orai!

⁵ O poema está impresso em duas placas de bronze distintas, afixadas junto à estátua esculpida por Giulio Starace, na Fonte dos Amores.

Belmiro Braga

É mais um dos nomes que na década de 1930 deixou marcada a sua passagem pela cidade, imprimindo seus versos. O poeta e contista nasceu em 1872 na Fazenda da Reserva, na Zona da Mata mineira e faleceu em 1937 em Juiz de Fora.

Aos onze anos foi estudar no Ateneu Mineiro de Juiz de Fora, mas não ficou muito tempo. Devido à morte de sua mãe voltou para a casa paterna e passou a trabalhar no balcão da venda da família, à beira da estrada. No ano de 1895 volta a Juiz de Fora e começa a publicar no jornal Correio de Minas. Foi um dos fundadores da Revista Marília, e da Academia Mineira de Letras.

Teve uma passagem por Poços de Caldas, por mais de um ano, exercendo as funções de Fiscal de Jogo em cassino. Aqui organizou diversos saraus literários. Era um homem alegre e cheio de humor. Foi amigo de muitos escritores, entre eles Machado de Assis do qual guardava muitas cartas a ele dirigidas.

Segundo crônica de Ademaro Prêzia para o jornal Diário de Poços, quando foi embora de Poços de Caldas Belmiro recebeu inúmeras homenagens.

Duas de suas quadras têm por tema a cidade.

Poços das águas benditas,	Daqui só tenho uma mágoa,
Jardim dos cravos e rosas,	Uma das que me espezinha,
Terra das moças bonitas,	Fui à fonte beber água,
E das crianças formosas.	E não encontrei Sinhazinha.

Menotti Del Picchia

Nasceu em São Paulo no ano de 1892 e faleceu em 1988.

Paulo Menotti Del Picchia, poeta brasileiro, dos mais notáveis, foi um dos nomes da Semana de Arte Moderna de 1922. Seu livro Juca Mulato (1917), cujo tema focaliza o caboclo num plano ideal, já o tornara conhecido. Foi um dos maiores batalhadores na divulgação do movimento modernista.

Dois textos escritos por esse famoso poeta, freqüentador da Estância, datam dos anos de 1935 e 1936.

A primeira crônica foi escrita para o jornal A Justiça e publicada em 7 de novembro de 1935.

“Eu já disse: Poços de Caldas é um pedaço do paraíso caído do céu que o gênio do homem industrializou. É uma festa de luz, de pedras e águas. As águas viram artistas. São acrobáticas nas suas cachoeiras e cascatas. São poetisas líricas nas fontes, que cantam pífanos entre os seixos. Amigas do homem. Porém, no laboratório mágico das profundezas da terra, aquecem-se, tornam-se curativas. As águas de Poços de Caldas merecem um poema e uma ovação.

Dizem que a Fonte dos Amores acende nos corações chamas amortecidas. É que essa água hialina, acumplia-se com a das termas, as quais revigorando o organismo, tornando-o sadio e eufórico, desperta no homem a ânsia ardente para o amor.”

A segunda tem por título Turismo e foi publicada no jornal Revista de Poços de Caldas, em 8 de março de 1936. Reproduzimo-la para mostrar a importância alcançada pela cidade no contexto nacional, desde a inauguração do primeiro balneário em 1886, ou seja, cinquenta anos depois.

Nunca fui jogador. O único jogo de cartas que me atrai é o “truque”. Nem sei direito como se chama isso: “truco” ou “truque”? Não importa. No truque, o gosto é poder berrar brasileiroamente:

— Reboque de igreja velha! Sapicoá de lazarento! Toma seis papudo!

Porque é que estou falando de jogo? Já sei... Porque o governo proibiu, em S. Paulo, o jogo dos grandes cassinos, evadindo-se, assim, os turistas para o Rio, Poços de Caldas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, uma vez que em toda a parte — nos balneários luxuosos de todo o mundo — se joga. Menos em São Paulo. Em São Paulo se não banca a roleta, banca o grande e ingênuo otário nacional.

Uma vez que das nossas praias os turistas são afugentados, é claro que é necessário inventar outra coisa para atrair turistas. E como S. M. Momo, é brasileiro, os paulistas preparam um Carnaval de arromba para encher de visitantes nossos hotéis, nossas pensões, e nossas ruas. Este ano, até o Rio começa a tremer diante do tríduo

dionisíaco inventado pelos bandeirantes. Pode muita gente pensar que é pueril preocupar-se uma administração com um Carnaval. Engano. O povo não é apenas o burro de carga atrelado à rabiça de um arado, abrindo sulcos na terra. A recreação é uma finalidade higiênica do espírito. E o carnaval, sendo uma festa tipicamente brasileira, precisa transformar-se num movimento de atração turística. O turista é o produto de uma indústria moderna; da facilidade dos transportes. Há nações, como a Itália e a Grécia, que quase, vivem apenas desse produto. Roma e Atenas mostram colunatas e coliseus clássicos. Nós mostramos Momo e, com Momo, a alegria dos bailes “masqués”, o pitoresco dos cordões, o atordoamento das multidões que enchem os olhos de visões fantasmagóricas, os ouvidos de canções festivas e as narinas do cheiro embriagante do éter perfumado.

E por três dias mandamos às favas os credores e nos entregamos à delícia de esquecer problemas sociais e estrepidas (sic) revoluções.

José Lins do Rego

O autor nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel de Taípu, Paraíba, em 1901 e faleceu no Rio de Janeiro em 1957.

Formou-se em direito no ano de 1923. Nesse mesmo ano conhece Gilberto Freire do qual torna-se grande amigo.

É nomeado promotor público, designado para trabalhar em Manhuaçu, Minas Gerais, onde permanece até 1926. Desiste da carreira na magistratura e transfere-se para Maceió. Ali passa a conviver com Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda e Jorge de Lima.

Sua ficção tem caráter memorialista. Reconstrói o mundo em que nasceu e se criou, as histórias que ouviu na infância e a tradição da qual foi testemunha.

Seus livros surgiram dos problemas gerados por um “sistema patriarcal, escravocrata e latifundiário.

Suas obras mais importantes: Menino de Engenho (1932); Bangüê (1934); Usina (1936) e Fogo Morto (1943).

Qual não foi nossa surpresa, na pesquisa, ao nos depararmos com uma crônica publicada no Diário de Poços de Caldas, dirigido por

Clodoveu Davis, de 30 de abril de 1949, cujo título é *Homens, Coisas e Letras Caldenses*, de autoria do famoso escritor José Lins do Rego. Nela o autor escreve suas impressões sobre a estância no período pós proibição do jogo.

Homens, Coisas e Letras Caldenses

Tinham-me dito: Poços de Caldas é uma cidade viúva de marido moço e rico. A propósito de tudo, aparece com o defunto marido. E lá vem: ao tempo do defunto e assim, o defunto fazia isto e aquilo.

A imagem era para fixar a falta que fazia à cidade o jogo que era a mola de seu progresso, a grande lavoura e a grande indústria da terra.

A cidade balneária teria que morrer sem os cassinos, sem as fichas, as noites de vigília em torno das mesas de jogatina. Mas toda a censura dos profetas não deu certo. O jogo terminou, fugiram da cidade os morcegos, fecharam-se antros e se houve o silêncio na expectativa da catástrofe, este silêncio não foi quebrado pela queda do corpo no chão. Nada disto. No silêncio da primeira madrugada sem os ruídos dos cassinos, os pássaros do Parque encantado cantaram para as reservas de cachos para o sol novo que cobria o arvoredos.

A cidade não ficou uma viúva, como me pintara o caldense. Nada de viuvez, nada de véu preto de chorões, de saudades mórbidas. A cidade, de cima de seus 1.200 metros, de cima de suas ladeiras de bauxita começou a respirar como terra de gente. Foram-se os notívagos, as figuras sinistras, os fabricantes de desastres, as rodas, os números, os empreiteiros de ruínas. E a cidade ficou na sua verdadeira condição da cidade amiga do homem. Deus lhe dera águas ferventes que curam as mazelas de nosso corpo. O sol quente das entranhas de suas terras minerais limpas, juntas perrengues. Ossos endurecidos e tortos.

O parque maravilhoso acolhe o sol, pelos bancos, velhos, mulheres bonitas, meninos sadios e doentes, todos os que voltaram das terras e ali ficam, como a experimentar a força das águas.

Toda a cidade brilha e cheira. As frutas que vendem, o milho verde, as charretes, o sorriso bom do povo da terra, tudo parece uma receita de médico.

Acidade é uma Samaritana das Escrituras.

No Parque maravilhoso está a estátua do Andrada que deu à cidade aquele ar de vila balneária da Europa. Por debaixo das árvores mineiras, o sorriso malicioso do mestre Antonio Carlos nos convida a ver as coisas sem susto.

A fonte, de milhares de variações luminosas, tem alguma coisa de festa veneziana. Mas tudo sem exuberância, sem ferir os olhos.

O que faz de Poços de Caldas uma civilização legítima, sem espécie alguma de arrivismo, é o seu jeito de mineiro de ser. As termas, os hotéis de luxo, aquele mesmo edifício de 12 andares, tudo se reduz à condição mineira, ao estado de vida simples, íntima, da terra, ao mesmo tempo desconfiado e terno, uma mistura de homem sério com homem cordial. A gravidade mineira não exclui uma ponta de malícia um tanto cínica, de bom e salutar cinismo.

O negrinho que dirige a minha charrete me fala do tempo das vacas magras, dos meses do inferno, com os hotéis vazios, sem os veranistas. E me diz: a gente solta os animais no pasto e vai pra escola. Aminha mãe quer que eu seja eleitor do dr. Miguel.

Vejo os campos cultivados, as várzeas de milharal, os pomares carregados. O rio que devastava a cidade está dominado na represa de pedra. É agora uma torrente que não faz medo a ninguém. Por toda a parte, a mão do mineiro na lavoura, nas hortas, nas rédeas das charretes, no labor duro da mineração da bauxita. A bela cidade não se cansa de ser bela como uma Pompadour. Ao contrário, persegue a beleza, a capinar os pastos, a retificar os riachos, a plantar árvores.

Os mineiros que fundaram, ou melhor, que povoaram aquelas montanhas, muitos foram homens batidos da Revolução de 1842. E levaram até as terras paulistas, das proximidades, o mesmo espírito anti-imperial. São João da Boa Vista é um município de índole republicana. Os homens que criaram a fortuna da terra tinham a devoção à República, como à santa padroeira. Mesmo em Poços, na casa de um velho da cidade, encontram-se pelas paredes das salas de visita e jantar, os retratos a óleo de Prudente de Moraes, de Deodoro, de Floriano. Floriano Peixoto, então, foi ídolo dos homens daquela geração. Li, numa velha fazenda de São João, um documento lavrado em

livro dourado, pela própria mão do fazendeiro, que é um testemunho de fé eterna no Marechal de Ferro.

Hoje, Poços libertou-se do seu jacobinismo e se transformou em centro cosmopolita, em autêntica cidade sem paixões perturbadoras. Não fica bem a uma estância de águas termais o uso e abuso da paixão política. A maneira especial de Poços de Caldas é a sua cordialidade no trato. O caldense é um homem que quer agradar, que faz questão fechada de que o visitante tome os seus banhos, cure as suas mazelas e volta no outro ano para o mesmo ritual de duchas e banheiras.

O ar leve da montanha nos ajuda nos passeios que são verdadeiros recantos de uma natureza domada. Não há agressividade alguma nos altos sempre cobertos de vegetação. Mesmo a bauxita se esconde por debaixo da relva. E quando o homem arranha a terra, o colorido do barro roxo anima a paisagem de duchas e banheiras. O ar leve da montanha nos ajuda e não atrapalha a suavidade dos campos. A cidade se liga aos pomares e às lavouras, sem sacrifício algum. Você pode atravessar as estradas, como se andasse pelas vidas urbanas. Dentro da mata fizeram um hotel, onde o homem está na maior intimidade da natureza. Captaram as águas termais e você terá, em domicílio, o suor quente da terra, na cura de seus reumatismos e achaques.

Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo -MG em 27 de junho de 1908 e morreu no Rio de Janeiro em 19 de novembro de 1967. Formou-se em medicina e exerceu-a como funcionário na Força Pública de Minas Gerais. Mais tarde foi diplomata.

Sua estréia na literatura deu-se em 1946 com a publicação do livro de contos Sagarana; em 1956 publicou Corpo de Baile, novelas, e o seu notável romance Grande Sertão: Veredas, que o colocou como um dos maiores escritores da literatura brasileira.

A referência que o autor faz a Poços de Caldas está no livro Ave, Palavra, obra publicada pela Editora José Olympio em 1969/70, na crônica TERRAE VIS, na qual o autor escreve sobre diversas cidades do mundo, com as suas características mais expressivas. Não temos registro se o autor esteve em visita à cidade.

Terrae Vis

“Demais, foi Keyserling mesmo quem escreveu, da cidade Maravilhosa: “O ambiente do Rio de Janeiro é um puro afrodisíaco...” Creio verdade. Menos afrodisíaco, contudo, que, digamos, que o da terráquea Poços de Caldas — seguramente um dos lugares brasileiros mais abençoados pela risonha filha de Júpiter. E note-se que, contra quaisquer aparências, todo o chão da América, de Norte a Sul, funciona, a rigor, como anafrodisíaco, segundo os entendidos e as observações menos superficiais, atuais e históricas.”



Escultura de Giulio Starace, na Fonte dos Amores – 1934

Conclusão

Segundo o escritor e historiador Pires de Almeida, “Em todos os tempos reconheceu-se a utilidade das águas minerais. Espalhadas por toda a superfície do globo, oferecem e ofereceram sempre poderoso remédio aos nossos males. Foi, entretanto, descoberta por mero acaso.” [...]

“Na terra de Vera Cruz a virtude medicinal de certas águas foi conhecida, pode-se dizer, desde seu descobrimento.

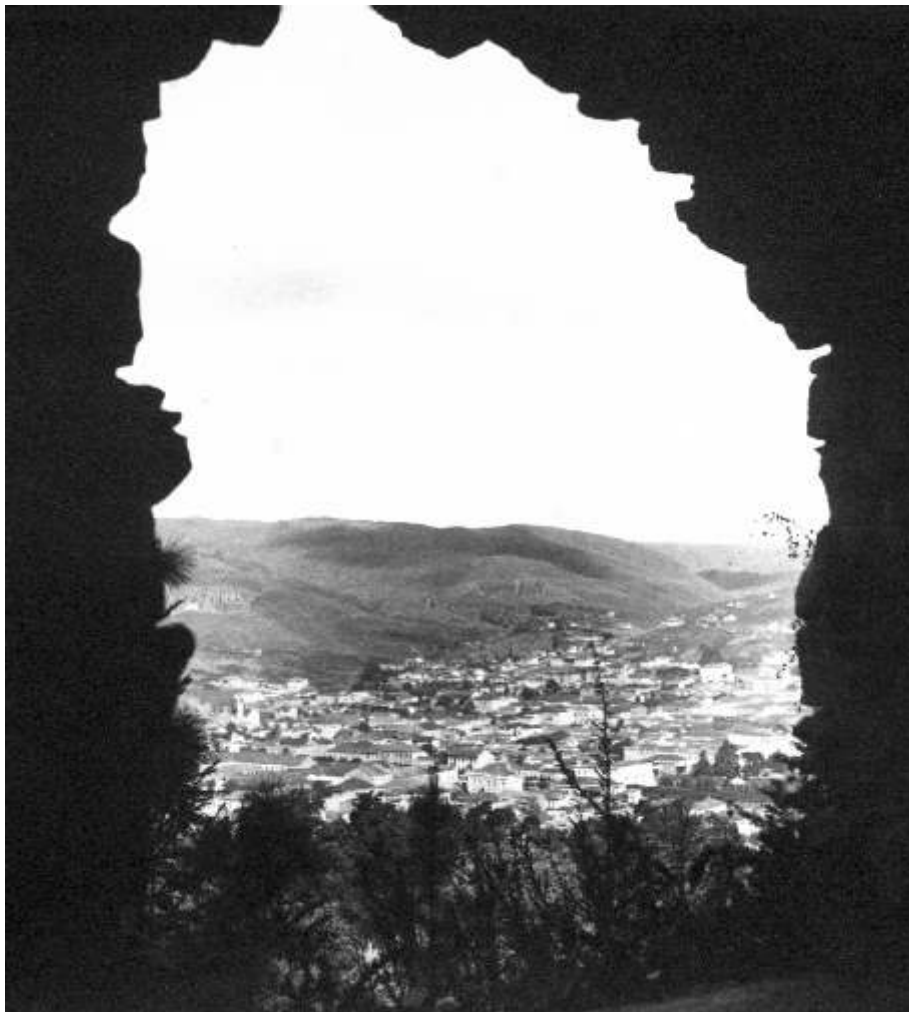
E não avanço uma ousadia com tal acerto, pois que, já desde o século XVI, num periódico publicado em Madri, no ano de 1545, do qual alguns números acham-se apensos aos 85 volumes que constituem a preciosa coletânea do preclaro Diogo Barbosa Machado, abade de Santo Adrião de Sever, lê-se uma referência às terras novas de Goiases, na qual se alude à virtude de certas águas dali. A tal respeito, aqui reproduzo o que li verbum ad verbum: *‘deste chaõn rebentam acuas tan qentes q espraiadose formã mares [ora de acuas e scuras] ora sangrentas de q se utilizan os naturales pra se librarem di axaques i xagas.’* [...]

Este livro, na sua essência, procurou mostrar — através dos textos — o quanto Poços de Caldas é uma terra que sempre despertou desejos e admiração.

Sua paisagem, seu clima e seu ambiente, fizeram aflorar o sentimento de escritores, os quais, por um instante de suas vidas, preocuparam-se em registrar suas passagens pela terra que lhes deu um momento de felicidade, inspiração e, sobretudo, cura para o corpo e para a alma.

Foi, para mim, durante as pesquisas, um período de surpresas e alegrias ao encontrar os textos que ora reproduzimos nesta obra, sejam aqueles que me chegaram às mãos através de colaboradores, especialmente os do intelectual e editor Cláudio Giordano, ou aqueles garimpados nas bibliotecas.

Acreditamos que o leitor sentiu-se recompensado com a leitura dessas peças literárias. Isso é parte do que Poços de Caldas pode despertar no poeta e é próprio da Literatura acordar o sentido das pessoas para o que nos faz acreditar que, haverá sempre um sentido para a vida.



Poços de Caldas: uma moldura natural – 1934

Índice Onomástico

A

Affonseca, Léo da, 86
Alencar, José de, 66
Almeida, Anselmo Fernando de, 24
Almeida, Francisco Felinto de, 91
Almeida, Manuel Pires de, 113
Amado, Jorge, 67
Amaral, Leopoldo, 70, 82
Andrada, Antônio Carlos Ribeiro de, 16, 60, 62
Andrade, Francisco José de Carmargo, 85
Aranha, Oswaldo, 31, 33
Assis, Joaquim Maria Machado de, 66, 102, 105
Azevedo, Aluísio de, 66, 102
Azevedo, Artur Nabantino Gonçalves de, 102
Azevedo, Faustino José de, 39, 40

B

Barbosa, Juscelino, 29
Barbosa, Rui, 58
Barcellos, Henrique de, 86
Barros, Antônio de, 59
Barreto, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho, 88
Barreto, Luiz Pereira, 24
Bento, Antônio, 87
Bezerra, José, 98
Bilac, Olavo Brás Martins dos Guimarães, 21, 70, 71, 76, 102, 103
Boccaccio, Giovanni, 66
Braga, Belmiro, 105
Brandão, Martiniano da Fonseca Reis, 47

Bretas, Agostinho José Ferreira, 47
Brillat-Savarin, Jean Anthelmo, 98
Brodowsky, Alexandre, 26
Bueno, Alexei, 71

C

Camões, Luiz Vaz de, 65
Campos, Américo de, 86
Carvalho, Horácio de, 22
Casasanta, Manuel, 58
Castro, Manuel de Portugal e, 22, 38, 39
Castro, Martinho de Mello, 22, 36
Chagas, Carlos Pinheiro, 61
Chaucer, Geoffrey, 66
Cristina, Teresa (Imperatriz), 24
Coluccini, Lelio, 82
Costa, Joaquim Bernardes da, 39
Coutinho, Caetano de Azevedo, 47
Couto, Honório Henrique Soares do, 55
Cunha, Tristão da, 34

D

Davis, Clodoveu, 108
Diniz, Antônio Teixeira, 87
Dumont, Alberto Santos, 93
Dutra, Eurico Gaspar, 16, 17

E

Eiras, Manuel Joaquim Fernandes, 51
Escobar, Francisco, 16, 29, 56, 57, 58
Etchegoyen, Alcides, 33

F

Faria, Ernesto, 19
Faro, José Matos, 59

Figueiredo, Francisco de Paula Assis, 16
Figueiredo, José Bento da Cunha, 47
Figueiredo, M. V. , 67
Figueiredo, Manoel Lopes de, 40
Filho, Agnelo Leite, 94, 96
Fonseca, Manoel Deodoro da, 109
Fonseca, João de Almeida, 36, 47
Fontes, José Maria Martins, 93
Fortes, Carlos Pereira de Sá, 24
Foucault, Michel, 64
Freire, Gilberto, 107
Fuster, Luiz Fernandez, 20

G

Gama, Emílio Castelar da, 59
Giordano, Cláudio, 113
Godoy, Joaquim Floriano de, 24, 48, 55
Gomes, Perillo, 20
Gomes, Venceslau Brás Pereira Gomes, 16, 56, 58
Guimarães, Bernardo, 66
Gurgel, Evaristo, 80

H

Holanda, Aurélio Buarque de, 107

J

Junqueira, Agostinho José da Costa, 23, 55
Junqueira, Joaquim Bernardes da Costa, 15, 22, 23, 39, 43, 45
Junqueira, José Bernardes da Costa, 40

K

Keyserling, Hermann, 111

L

Leite, Pedro de Alcântara Cerqueira, 47
Lima, Jorge de, 107

Lima, João Mendonça, 33
Lemos, Pedro Sanches de, 15, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 55, 72
Lobato, Francisco de Faria, 30, 96
Lopes, Miguel Ferreira, 41
Loureiro, Agostinho José de Souza, 41
Loureiro, Januário, 59

M

Macedo, Joaquim Manoel de, 66
Machado, Diogo Barbosa, 5
Machado, José Gomes Pinheiro, 58
Magalhães, José Vieira Couto, 84
Maia, Carlos da, 70, 92, 94
Matzner, José, 22
Maywald, Carlos Alberto, 27
Mello, Azarias de, 87
Menezes, Luiz da Cunha, 15, 17, 22, 36, 47, 73
Mesquita, Júlio, 83
Midoens, Ignácio Gomes, 41
Miranda, João Pedro da Veiga, 31
Moesch, Marutschka, 19
Monteiro, Antônio (Padre), 62
Monteiro, Pedro Aurélio Góes, 31, 33
Morais, Prudente José de, 109
Mourão, Mário, 56, 59, 61, 96

N

Navarra, Margarida de, 66
Negreiros, José, 83
Netto, Henrique Maximiano Coelho, 70, 75, 88, 102
Nogueira, João Ataliba, 86
Nogueira, José Paulino, 85

O

Oliveira, Alberto de, 70, 103

Oliveira, Ângelo de Paiva, 59
Ottoni, Homero Benedicto, 37, 38

P

Paiva, Fausto de, 59
Paiva, Mário de, 59
Passos, Sebastião Cícero Guimarães, 88
Pederneiras, Eduardo, 62
Pederneiras, Manuel Veloso Paranhos, 86
Pedro II (Imperador), 15, 17, 24, 85, 87
Peixoto, Floriano, 109
Penido, Fortunato, Raphael Nogueira, 15, 23, 44
Pereira, Antônio José, 86
Pereira, Elias José, 40
Pestana, Francisco Rangel, 86
Pestana, Tiburtino Mondim, 86
Picchia, Paulo Menotti Del, 70, 105
Piffer, João José, 16, 57, 58, 59, 60
Piffer, Otto, 57
Portugal, Thomas Antônio Villanova, 39
Prado, Antônio, 86
Prado, Armando, 70, 99
Prado, Cássio, 60
Prézia, Ademaro, 105

Q

Queiroz, Rachel de, 107

R

Ramos, Graciliano, 66, 107
Regnell, André Francisco, 47
Rego, José Lins do, 70, 107, 108
Ribeiro, Júlio, 86
Rifkin, Jeremy, 27
Rio, João do, 69, 70, 89, 90, 91
Rodrigues Mário, 95
Rodrigues, Nelson, 95

Rodrigues Manoel da Silveira, 41, 42
Rodrigues, Roberto, 95
Rosa, João Guimarães, 70, 110

S

Saint-Hilaire, Auguste, 15, 23, 36, 38
Salles, Francisco Antônio de, 15, 29
Samuel, Rogel, 63
Santos, José Caetano dos, 24
Sarmiento, Alberto, 86
Serzedelo, Maximiano, 86
Silva, Joaquim José da, 50
Silva, Manoel Cardoso da, 40
Souza, Antonio Candido de Mello, 89
Souza, Manoel Luiz, 41
Souza, Joaquim de Paula, 84
Souza, Washington Luiz Pereira de, 20, 98
Swiburna, Henry, 19

T

Taine Hippolyte-Adolphe, 70
Távora, Juarez do Nascimento Fernandes, 31, 33
Teixeira, José Augusto de Paiva, 19
Teixeira, Múcio, 86
Tolentino, José de Carvalho, 24
Torre, Óscar De la, 20
Tourinho, Plínio, 33

W

Warren, Austin, 70
Wellek, René, 70

V

Vargas, Getúlio Dornelles, 31
Veiga, Bernardo Saturnino da, 48
Veríssimo, Érico, 66

Bibliografia

- ALMEIDA, Pires de. *Lambari e Cambuquira — Clima e águas minerais, suas indicações*. Tipografia Leuzinger, 1896, Rio de Janeiro.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Cultrix, 1971, São Paulo-SP.
- BILAC, Olavo. *Nas Caldas, Obra Reunida*, org. Alexei Bueno. Rio, 1996, Editora Nova Aguillar S.A., p. 832 a 836, do Livro Ironia e Piedade, edição de 1901.
- CASASANTA, Manuel. *Francisco Escobar*. Edições Movimento-Perspectiva, 1965, Belo Horizonte-MG.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Editora Paz e Terra, 1999, São Paulo-SP.
- COELHO, J. Ferreira. “*Álbum de Poços de Caldas*”. Edição do autor, 1920, Rio de Janeiro-RJ.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas — Uma arqueologia das ciências humanas*. Martins Fontes, 1985, São Paulo-SP
- HESSEN, Johann. *Teoria del conocimiento*. Editorial Louzada, Buenos Aires, Argentina.
- JOÃO DO RIO. *Correspondência de uma estação de cura*. Instituto Moreira Salles/Editora Scipione, 1992, São Paulo-SP.
- LE MOS, Pedro Sanches. *As águas termais de Poços de Caldas*. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1904, Belo Horizonte-MG.
- MAIA, Carlos da. *Uma estação em Poços de Caldas*. Instituto Anna Rosa, 1925, São Paulo-SP.
- MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. Edições Melhoramentos, 1968, São Paulo-SP.
- PRADO, Armando. *Sem rei nem roque*. Editorial Helios Ltda., 1926, São Paulo-SP.
- MOESCH, Marustschka. *A produção do saber turístico*. Editora Contexto, 2000, São Paulo-SP.

- MOURÃO, Mário. *Poços de Caldas — Esboço histórico*. Papelaria Velho, 1933, Rio de Janeiro-GB.
- _____. *Poços de Caldas — Síntese histórico-social*. Editora Saraiva, 1951, São Paulo-SP.
- NETTO, Coelho. *Água de juventude*. Livraria Millaud e Bertrand, Paris — Lisboa, 1ª edição de 1901.
- OTTONI, Homero Benedicto. *Poços de Caldas*. Editora Anhambi S.A., 1960, São Paulo-SP.
- PORTELLA, Eduardo. *Teoria da comunicação Literária*. Editora Tempo Brasileiro, 1970, Rio de Janeiro-GB.
- RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*. Makron Book, 2001, São Paulo-SP.
- RODRIGUES, Mário. *Babel (crítica social e arte)*. Monteiro Lobato e Co. Editores, 1923, São Paulo-SP.
- SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária* (org.). Ed. Vozes, 1984, Petrópolis-RJ.
- SILVA, José Joaquim da. *Tratado de geografia descritiva especial da Província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 1878, E. & H. Laemmert, 177 p. + XV.
- WARREN, Austin; WELLEK, René. *Teoria da literatura*. Publicações Europa América, 1971, Lisboa, Portugal.

Outras Publicações Consultadas:

- Almanach Sul Mineiro, Campanha - MG, 1874.
- Jornal Gazeta de Campinas - SP, 1915.
- Jornal A Justiça, Poços de Caldas - MG, 1935, 1936.
- Jornal Vida Social, Poços de Caldas - MG, 1925.
- Revista do Arquivo Público Mineiro, Ouro Preto - MG, 1904.
- Revista Vita, Belo Horizonte - MG, 1913.

Poços de Caldas

Olga Amorim

Céu azul, nuvens esparsas,
Além, as famosas fontes,
Retrata, risos nas praças,
Os riachos sob as pontes.

São Paulo, dezembro de 2003



(35) 3722 1663
vendas@graficasulminas.com.br
Poços de Caldas - MG